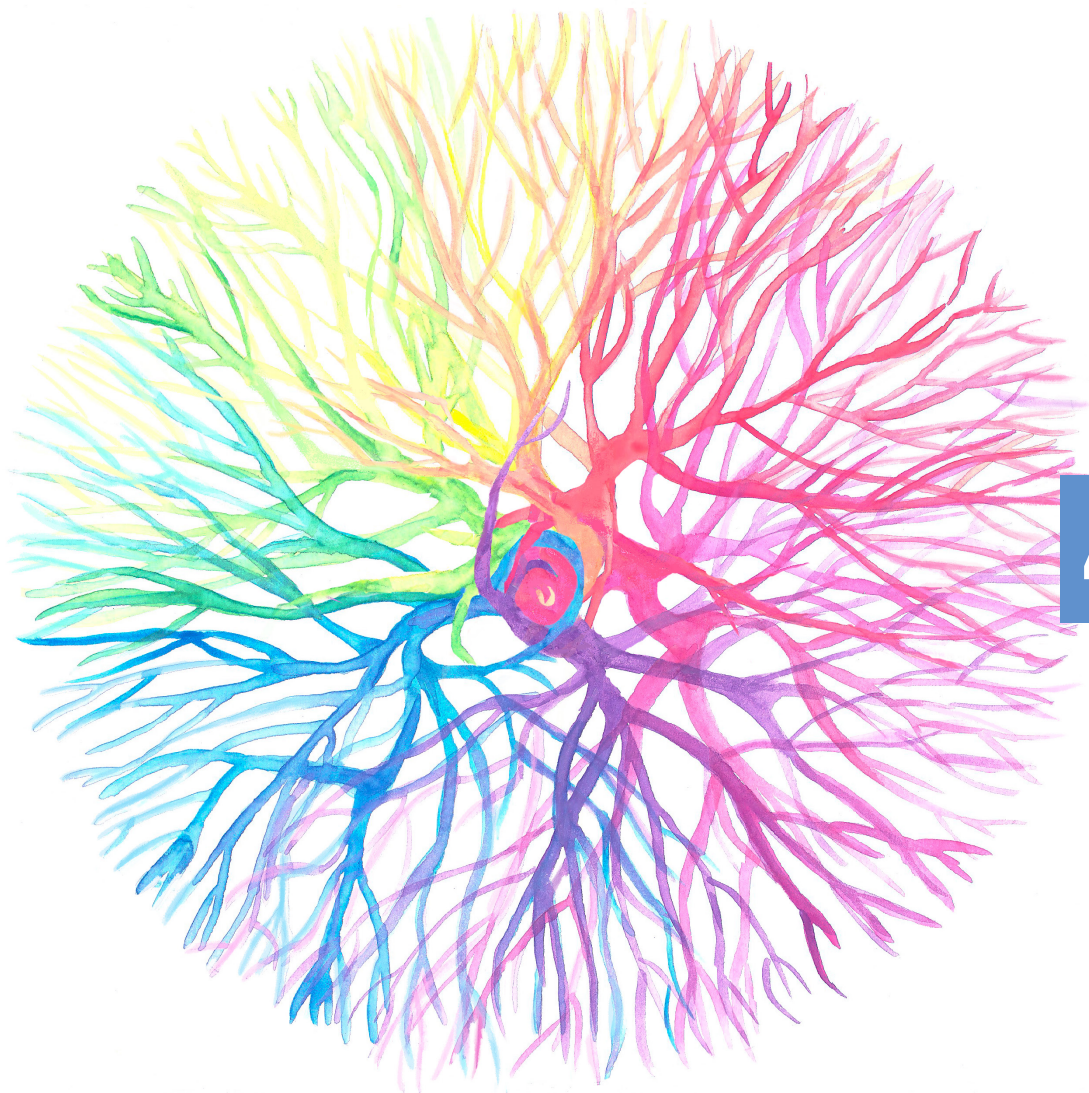


SÉRIE ACADÊMICA

ISSN 1980-3095



41

PUC
CAMPINAS

EQUIPE EDITORIAL

PRESIDENTE DA SOCIEDADE CAMPINEIRA DE EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO E GRÃO-CHANCELER DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Dom João Inácio Müller

REITOR

Prof. Dr. Germano Rigacci Júnior

VICE-REITOR

Prof. Dr. Pe. José Benedito de Almeida David

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Prof^a. Dra. Cyntia Belgini Andretta

PRÓ-REITORA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO

Prof^a. Dra. Alessandra Borin Nogueira

PRÓ-REITOR DE EDUCAÇÃO CONTINUADA

Prof. Dr. Rogério Eduardo Rodrigues Bazi

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS E SERVIÇOS COMPARTILHADOS

Prof. Dr. Victor de Barros Deantoni

EQUIPE EDITORIAL

EDITOR CHEFE

Profa. Dra. Cyntia Belgini Andretta,
PUC-Campinas, SP, Brasil

EDITORES ADJUNTOS

Profa. Me. Andreia Cristina Dulianel

Profa. Dra. Elisabete Matallo

Marchesini de Pádua

Prof. Dr. Renato Gonçalves Lopes

EDITORA TÉCNICA EXECUTIVA

Profa. Dra. Luciane Kern Junqueira,
PUC-Campinas, SP, Brasil

CONSELHO EDITORIAL NACIONAL

Prof. Dr. Adolfo Inácio Calderón,
PUC-Campinas, SP, Brasil

Prof. Me. Carlos Eduardo Pizzolatto,
PUC-Campinas, SP, Brasil

Profa. Dra. Carolina Kosour, Professora da
Universidade Federal de Alfenas, MG, Brasil

Profa. Dra. Cristiane Maretta Marangoni
Valli, PUC-Campinas, SP, Brasil

Prof. Dr. Danilo Ciccone Miguel,
Professor da Universidade Estadual de
Campinas, SP, Brasil

Prof. Dr. Everton Silveira,
PUC-Campinas, SP, Brasil

Profa. Dra. Iara Andrea Alvares Fernandes,
PUC-Campinas, SP, Brasil

Prof. Dr. Jonathas Magalhães Pereira da
Silva, PUC-Campinas, SP, Brasil

Profa. Dra. Luciana Alves Antonio Machado,
PUC Goiás, GO, Brasil

Prof. Dr. Rafael Souza de Faria,
PUC-Campinas, SP, Brasil

Prof. Dr. Samuel Mendonça,
PUC-Campinas, SP, Brasil

Profa. Dra. Vera Lucia dos Santos Plácido,
PUC-Campinas, SP, Brasil

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL

Esther Cecilia Wilches Luna, Universidad
del Valle Facultad de Salud: Cali, Valle del
Cauca, Colombia

Roberto Khatlab, Universidade Saint-Esprit
de Kaslik - USEK, Jounieh, MLL, Líbano

SUORTE TÉCNICO/ADMINISTRATIVO

Maria Eduarda Lauriano de Campos

RESPONSÁVEL PELA REVISÃO

Patrícia Gavazzi Arthur de Faria,
Normalização

ASSESSORES DE PROJETOS EDUCACIONAIS:

ESCOLA DE ARQUITETURA, ARTES E DESIGN

Profa. Me. Andreia Cristina Dulianel

Prof. Me. Luis Alexandre Amaral
Pereira Pinto

Prof. Dr. José Luiz Rogé Ferreira Grieco

ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS

Prof. Dr. Matheus da Silva Bernardes

Prof. Dr. Luís Guilherme Soares Maziero

ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA

Profa. Me. Fabiana Pastana Silva Dias

Profa. Dr. Vinicius Rodrigues Silva

Profa. Dra. Rita de Cassia Violen Pietrobom

ESCOLA DE ECONOMIA E NEGÓCIOS

Prof. Dra. Fabíola Cristina Ribeiro de Oliveira

Profa. Me. Fernanda Zuin Secco

Profa. Dra. Cristiane Feltre

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Prof. Dr. Renato Gonçalves Lopes

ESCOLA POLITÉCNICA

Prof. Me. Hamilton da Gama Schroder Filho

Profa. Dra. Thaís Borges Damacena

Prof. Dr. Everton Dias de Oliveira



Série Acadêmica. – n. 41, (1994-). – Campinas, SP: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Pró-Reitoria de Graduação, 2025.

Publicação Semestral

ISSN 1980-3095

1. Educação – Periódicos. 2. Ensino superior – Periódicos. I. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pró-Reitoria de Graduação.

CDD – 22. ed. 370

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

INTRODUÇÃO 11

I. A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PUC-CAMPINAS: DESAFIOS E CAMINHOS PARA UM APRIMORAMENTO CONTÍNUO 15

1. Introdução 17

2. Aspectos Metodológicos 18

3. Breves reflexões sobre a concretização da Curricularização da Extensão das universidades Brasileiras 20

4. Da extensão até a creditação da extensão nos currículos segundo seus aspectos normativos 21

4.1 A Extensão Universitária na PUC-Campinas 23

4.2 Curricularização da Extensão na PUC-Campinas 28

5. Curricularização da Extensão da PUC-Campinas na visão dos gestores 28

5.1 Sobre a forma de alocação das atividades de extensão 29

5.2 Sobre a forma de registro 29

5.3 Onde estão sendo realizadas as atividades de extensão 29

5.4 Pontos para reflexão e possíveis ajustes 29

6. Considerações Finais 30

7. Referências 31

II. CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: INSTITUCIONALIZAÇÃO E METODOLOGIA 35

1. Introdução 37

2. Representação gráfica como metodologia de gestão de processos 38

3. Mapeamento do processo de trabalho e conceitos-chave 39

4. Considerações Finais 61

5. Referências 62

III. CURRÍCULO E TERRITÓRIO: A METODOLOGIA IMERSIVA - PONTE ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE 65

1. Contextualização 67

2. Introdução 69

3. Desenvolvimento Comunitário como Estratégia de Integração Universidade-Sociedade 71

4. Fundamentação teórica: extensão, formação integral e compromisso transformador 72

5. A Metodologia Imersiva de Curricularização da Extensão: Caminhos, Etapas e Estratégias Avaliativas 73

- 6. A Metodologia Imersiva como Política Pedagógica Universitária **77**
- 7. Conclusão **79**
- 8. Referências **80**

IV. A IMPLANTAÇÃO DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA FACULDADE DE DIREITO DA PUC-CAMPINAS **83**

- 1. Introdução **85**
- 2. Breves considerações sobre a Curricularização da Extensão **86**
- 3. Desafios na incorporação da Curricularização da Extensão no Curso de Direito **86**
- 4. Incorporação da Curricularização da Extensão pela Faculdade de Direito da PUC-Campinas **87**
- 5. Resultados obtidos com as atividades de Curricularização da Extensão **92**
- 6. Considerações Finais **92**
- 7. Referências **93**

V. RELATOS SOBRE PROJETOS INTEGRADORES NA FACULDADE DE FISIOTERAPIA **95**

- 1. Projeto Integrador de Fisioterapia: a Dor Crônica em Pacientes com Câncer de Mama **98**
 - 1.1 Fisiopatogenia **98**
 - 1.2 Atuação da Fisioterapia **98**
 - 1.3 Relação com o Componente Curricular **99**
 - 1.4 Objetivo **99**
 - 1.5 Método **99**
 - 1.6 Resultado **101**
 - 1.7 Conclusão **101**
- 2. Projeto Integrador de Fisioterapia: Prevenção do Ombro Doloroso do Hemiplégico **101**
 - 2.1 Objetivo **102**
 - 2.2 Método **102**
 - 2.3 Resultado **103**
 - 2.4 Conclusão **103**
- 3. Projeto Integrador: o Impacto do Uso de Celular ao Volante na Ocorrência de Acidentes de Trânsito **103**
 - 3.1 Objetivo **105**
 - 3.2 Método **105**
 - 3.3 Material técnico elaborado **105**
 - 3.4 Conclusão **107**
- 4. Referências **108**

VI. RELATO DE EXPERIÊNCIA: PROJETO INTEGRADOR: ESTUDOS EM PRÁTICAS FONOAUDIOLÓGICAS- LINGUAGEM 111

1. Introdução 113
2. Desenvolvimento do Projeto 114
3. Conclusão 118

VII. PROJETO INTEGRADOR NA PROMOÇÃO À SAÚDE DE MULHERES, CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA 121

1. Introdução 125
2. Objetivo 125
3. Método 125
4. Resultados e discussão 125
 - 4.1 Primeira etapa 126
 - 4.2 Segunda etapa 126
 - 4.3 Terceira etapa 127
 - 4.4 Quarta etapa 128
5. Conclusão 128
6. Referências 129

VIII. V SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO ACADÊMICA DA GRADUAÇÃO – CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO E PROJETOS INTEGRADORES V SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO ACADÊMICA DA GRADUAÇÃO – CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO E PROJETOS INTEGRADORES 133

1. Introdução 135
2. Sobre o V Simpósio de Produção Acadêmica de Graduação da PUC-Campinas 136
 - 2.1 Critérios de avaliação dos pôsteres apresentados 140
3. Resultados 140
 - 3.1 Pôsteres em destaque 141
 - 3.1.1 Pôsteres em Destaque: Curricularização da Extensão 142
 - 3.1.2 Pôsteres em Destaque: Projeto Integrador 149
 - 3.2 Relatos dos Avaliadores 154
4. Conclusão 155
5. Referências 156

BAÚ DE PRECIOSIDADES 159

ENTREVISTA COM A PROFA. DRA. VERA DOS SANTOS PLACIDO, GERENTE DE EXTENSÃO NA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO 161

NOTA DOS EDITORES 171

APRESENTAÇÃO

As Pró-Reitorias de Graduação e de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão têm aprofundado, nos últimos anos, um trabalho conjunto de fortalecimento e qualificação das ações extensionistas na PUC-Campinas. Antes mesmo da Resolução CES/CNE nº 7, de 18/12/2018, as Universidades Comunitárias já possuíam uma trajetória ampla, contínua e profundamente enraizada no compromisso social e formativo que caracteriza a extensão universitária.

Por essa razão, entendemos que a Curricularização da Extensão não inaugura a extensão e sim amplia suas ações, sistematiza-as no âmbito do ensino e aprofunda uma prática de integração entre ensino, pesquisa e extensão que já constitui parte essencial da identidade da PUC-Campinas. A extensão, em nossa concepção, supera o limite operacional dos 10%: ela é um princípio educativo, uma postura institucional e uma prática permanente de diálogo transformador entre Universidade e Sociedade.

Assumimos, assim, o conceito de Extensão como um processo institucional de construção, compartilhamento e aplicação do conhecimento, capaz de qualificar o ensino, impulsionar a pesquisa, difundir a cultura, mobilizar competências e contribuir para a promoção de uma sociedade mais justa, fraterna e sustentável. Esse entendimento antecede e sustenta a própria curricularização. De acordo com as Diretrizes de Extensão aprovadas pelo CONSUN (609ª Reunião de 16/12/2024).

A Extensão caracteriza-se como um processo institucional de construção, compartilhamento e aplicação do conhecimento, a partir do diálogo entre a Universidade e a Sociedade, estimulando a pesquisa, a qualificação do ensino, a difusão da cultura e a promoção de uma sociedade justa, fraterna e igualitária.

No contexto atual, com 68 cursos e 3 Linhas de Formação em atividade, temos observado uma grande diversidade de possibilidades extensionistas, articuladas às vocações e características de cada Escola, o que tem favorecido projetos diferenciados, inclusive interEscolas e intercursos.

Um movimento especialmente significativo tem sido a integração entre a Curricularização da Extensão e os Programas Institucionais vinculados aos eixos estratégicos da Universidade. Essa aproximação, promovida pelas duas Pró-Reitorias com o importante apoio da reitoria, tem gerado resultados expressivos, uma vez que tais Programas atendem públicos reais em movimento dentro e fora da Universidade cujas demandas trazem complexidade, diversidade e profundidade às práticas formativas.

Essa dinâmica desafia nossos estudantes a mobilizar não apenas conhecimentos técnicos, mas também competências profissionais, éticas, socioemocionais e humano-afetivas – dimensões essenciais ao perfil de egresso que desejamos formar.

Alguns exemplos recentes ilustram essa potência:

- as atividades junto à pessoa idosa no **Vitalità**, em encontros intergeracionais que revelam a riqueza da troca entre gerações e produzem soluções inovadoras;
- as ações do **Programa de Desenvolvimento Humano Integral – Levanta-te e Anda (PDHI-LA)**;
- as vivências e aprendizagens promovidas pelo **Centro de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros Dra. Nicéia Quintino Amauro (CEAAB)**;
- os projetos do **Manacás**, do **Pro-Habitat**, do **Observatório**, entre outros Programas e inter-Programas.

Tais experiências, incorporadas principalmente nos componentes curriculares de **Projeto Integrador**, que estão alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), qualificam a aprendizagem, aproximam os estudantes de desafios reais e concretos – que exigem múltiplas formas de compreender a realidade em sua totalidade – e fortalecem o compromisso institucional com a formação integral. Para nós, essa formação integra fé, cultura, ciência, ética e vida, contribuindo para a constituição do ser humano em sua totalidade – corpo, mente, espírito e comunidade – como lembra o Papa Leão XIV¹ ao tratar da necessidade de uma formação completa.

É, portanto, com grande satisfação que apresentamos este número temático da **Revista Série Acadêmica**, que torna pública parte do percurso construído coletivamente. Esperamos que a leitura inspire docentes, estudantes, gestores e parceiros, fortalecendo a esperança no valor da formação humanista e no diálogo transformador com a comunidade externa.

Profa. Dra. Alessandra Borin Nogueira

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão

Profa. Dra. Cyntia Belgini Andretta

Pró-Reitora de Graduação

¹. LEÃO XIV, Papa. Carta Apostólica Desenhar Novos Mapas de Esperança por ocasião do LX aniversário da Declaração Conciliar “Gravissimum Educationis”, Roma, 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/es/apost_letters/documents/20251027-disegnare-nuove-mappe.html Acesso em: 03 dez. 2025.

INTRODUÇÃO

Introduzir este número temático da Revista Série Acadêmica sobre a Curricularização da Extensão é, ao mesmo tempo, um desafio e um orgulho.

Desafio para apresentar no contexto atual elementos de um processo que vem sendo construído há longo tempo, a muitas mãos, uma tradição que vem se renovando a cada um dos 83 anos de nossa universidade.

Desafio, reafirmo, uma vez que a cada ano dessa longa trajetória foram aflorando diferentes dimensões dessa atividade-fim, à medida que gestores, professores, alunos, corpo técnico-administrativo foram se engajando em Programas, Projetos e atividades voltadas à comunidade externa, mas sobretudo, aprendendo ao longo dos processos de troca de saberes com essa comunidade que, sem dúvida, contribuiu para revitalizar nosso olhar sobre a Extensão, em sua articulação com o Ensino e a Pesquisa.

Orgulho, por apresentar à comunidade universitária os resultados de um intenso trabalho da PROGRAD e da Gerência Educacional no contexto recente, voltado especificamente à dimensão do Ensino e ao currículo, ou seja, a Curricularização da Extensão como parte integrante dos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação, quer seja na modalidade de componente curricular específico, quer seja nos Projetos Integradores multi e interdisciplinares.

Em que pese nossa tradição na implementação de Diretrizes para a Política de Extensão desde 1992 (CONCEP, 169^a. Reunião 05/03/1992), provocados que fomos pela Resolução CNE/CES no. 7, de 18/12/2018, diante da obrigatoriedade de dedicarmos 10% da Carga Horária dos Cursos de Graduação às atividades de Extensão, vimos trabalhando no processo de revisão curricular, desde o período da pandemia do COVID-19 (2020/2021) até o momento; esse processo está sintetizado no artigo *“A Curricularização da Extensão universitária na PUC-Campinas: desafios e caminhos para um aprimoramento contínuo”*.

A seguir, no artigo *“Curricularização da Extensão: Institucionalização e Metodologia”* são detalhados aspectos da metodologia que vimos desenvolvendo para darmos conta da complexidade que envolve todo o processo de curricularização, em seu planejamento, organização, escuta ativa e apresentação aos gestores e comunidade interna.

No artigo *“Currículo e Território: A Metodologia Imersiva - Ponte entre Universidade e Comunidade”* o professor Dr. Everton Silveira apresenta a *“Metodologia Imersiva”*, uma proposta pedagógica inovadora dos Projetos Imersivos desenvolvidos na PUC-Campinas. Essa metodologia integra ensino, pesquisa e extensão em projetos que se constroem a partir da escuta comunitária, da problematização social e da elaboração coletiva, no contexto da Curricularização da Extensão universitária.

Na sequência, a título de exemplo, entre outros que ainda virão a público, é apresentada a construção do processo de curricularização desenvolvido pelo Curso de Direito da nossa universidade, no artigo *“A implantação da Curricularização da Extensão na Faculdade de Direito da PUC-Campinas”*.

Com foco nos trabalhos desenvolvidos em 2023/2024 pela Gerência Educacional, seguimos apresentando, como Relato de Experiência do *“V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação Curricularização da Extensão e Projetos Integradores”*, parte dos resultados já alcançados que, em forma de pôsteres, constituíram parte da Semana Acadêmica ocorrida em outubro/2024;

foram socializados 154 pôsteres, representando todas as Escolas da Universidade, dos quais, após apresentação pelos autores, alunos e professores e avaliação por equipe designada para essa finalidade, 12 foram selecionados e estão publicados na íntegra neste número da Revista.

Cabe destacar as inúmeras oportunidades que tivemos de discussão e trabalho conjunto com a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão; por conseguinte, na seção Baú de Preciosidades, contamos com a entrevista da Profa. Dra. Vera Lúcia dos Santos Plácido, Gerente de Extensão, que nos conta um pouco sobre essa parceria.

Destaco finalmente que essa trajetória mais recente da Curricularização da Extensão contou com o apoio da administração superior, dos gestores das Escolas, dos Coordenadores de Curso e Diretores de Faculdade, com a equipe da PROGRAD e, em especial, com o trabalho intenso dos Assessores de Projetos Educacionais - APES. A todos, nossa gratidão.

Por isso tudo, podemos afirmar que, ao mesmo tempo que tem sido um desafio, esse trabalho nos traz esperança e nos orgulha, e muito! Boa leitura a todos!

Profa. Dra. Luciane Kern Junqueira
Gerente Educacional | Editora Técnica Executiva



Estudantes do curso de Design Digital, em parceria com o Programa Manacás, utilizaram o método Design Fiction para criar animações 3D focadas em incentivar a leitura entre jovens universitários. 1º semestre de 2025.



Estudantes do curso de Artes Visuais desenvolvendo instalação artística na "Praça Peróba Poca", junto à Fundação José Pedro de Oliveira. 1º semestre de 2024.



Estudantes do curso de Design de Moda oferecendo oficinas de moda e sustentabilidade para crianças de Ensino Fundamental. 1º semestre de 2024.



Estudantes da Faculdade de Administração em encontro com microempreendedores da periferia de Campinas. 2º semestre de 2024.

A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PUC- CAMPINAS: DESAFIOS E CAMINHOS PARA UM APRIMORAMENTO CONTÍNUO

A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA PUC-CAMPINAS: DESAFIOS E CAMINHOS PARA UM APRIMORAMENTO CONTÍNUO

Fabiola Cristina Ribeiro de Oliveira, Luciane Kern Junqueira, Vera Lúcia dos Santos Plácido e Assessores de Projetos Educacionais²

1. Introdução

Com a implementação da resolução CES/CNE nº 7 de 18 de dezembro de 2018, a qual prevê a obrigatoriedade de 10% da carga horária dos cursos de graduação compostos por atividades de extensão, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) iniciou, já em 2020, a Curricularização da Extensão nos diversos cursos oferecidos pela instituição.

Além de enfrentar os desafios próprios do processo, a implementação da Curricularização da Extensão na PUC-Campinas deparou-se com a pandemia de Covid-19, que impôs atividades remotas durante os anos de 2020 e 2021. Somou-se a isso a reestruturação interna da instituição, que aconteceu mediante a adoção de um novo modelo de gestão e a elaboração e articulação de novos currículos por habilidades e competências.

Inicialmente, na Curricularização da Extensão, os diferentes cursos e docentes adotavam critérios próprios para registrar as atividades realizadas, o que foi alterado em 2023 quando a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) elaborou um relatório comum para toda a universidade, padronizando também o formato de registro.

Conforme indicado, a elaboração e articulação dos novos currículos por habilidades e competências permitiram aos cursos, por meio de sua direção, seu Núcleo Docente Estruturante (NDE) e seu Conselho, determinar em quais componentes curriculares as atividades de extensão seriam realizadas, assim como a correspondente carga horária.

Embora se detalhe mais adiante, vale destacar neste primeiro momento que a extensão universitária na PUC-Campinas tem uma longa e rica história, a qual está em plena sintonia com a vocação e a missão das universidades católicas. Na Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* sobre as universidades católicas, São João Paulo II ressaltou: “Toda Universidade Católica, enquanto Universidade, é uma comunidade acadêmica que, de um modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e desenvolvimento da dignidade humana e para a herança cultural mediante a investigação, o ensino e os diversos serviços prestados às comunidades locais, nacionais e internacionais” (CE n. 12).

². BERNARDES, Matheus da Silva; DAMACENA, Thais Borges; DIAS, Fabiana Pastana Silva; DULIANEL, Andreia Cristina; LOPES, Renato Gonçalves; MAZIERO, Luís Guilherme Soares; PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de; PINTO, Luis Alexandre Amaral Pereira; SCHRODER, Hamilton da Gama Filho; SECCO, Fernanda Zuin; SILVA, Vinicius Rodrigues.

Além disso, o desenvolvimento de atividades de extensão manifesta o compromisso da PUC-Campinas com o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, art. 207). As atividades de extensão, em ambos os sentidos mencionados, não aparecem como mero acréscimo, mas são constitutivas da vida e da missão da universidade.

Passados pouco mais de quatro anos de experiências com a Curricularização da Extensão, propõe-se o trabalho de revisitar o que foi realizado para potencializar os bons resultados e ajustar fragilidades surgidas ao longo do processo. Para tal, este texto apresenta, brevemente, a história e a compreensão de extensão universitária da PUC-Campinas (trabalho realizado pela Gerência Educacional e pelos Assessores de Projetos Educacionais (APEs) da PROGRAD em conjunto com a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão - PROPPE); o resultado da escuta ativa das experiências com a Curricularização da Extensão realizada pela Gerência Educacional nas seis unidades acadêmicas da instituição com seus respectivos APEs; uma breve revisão bibliográfica sobre o tema, sabendo que a disponibilidade de material específico publicado ainda é pequena, dada a breve história da Curricularização da Extensão nas instituições de ensino superior no Brasil; e um conceito próprio da Curricularização da Extensão, proporcionando o entendimento comum da prática na PUC-Campinas, assim como suas especificidades e potencialidades.

Aos cinquenta anos da publicação da Carta Encíclica *Populorum Progressio* sobre o desenvolvimento dos povos do Papa São Paulo VI, a então Congregação para a Educação Católica (hoje Dicastério para Cultura e Educação) publicou, em 16 de abril de 2017, o documento “Educar ao Humanismo Solidário”. O amplo trabalho que agora se apresenta pretende reforçar o compromisso da PUC-Campinas, mediante a Curricularização da Extensão, com o diálogo, a esperança, a inclusão e a cooperação em vistas do verdadeiro humanismo cristão como aporte original à sociedade e ao mundo no século XXI.

2. Aspectos metodológicos

A metodologia do presente trabalho baseou-se em duas etapas. Num primeiro momento, foi realizada uma escuta ativa nas unidades acadêmicas que compõem a PUC-Campinas, as quais são representadas pelas seguintes Escolas: Escola de Linguagem e Comunicação (ELC), Escola de Economia e Negócios (ECON), Escola de Arquitetura, Artes e Design (EAAD), Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais (HJS), Escola de Ciências da Vida (ECV) e Escola Politécnica (POLI). De modo geral, estiveram presentes nas sessões de escuta ativa de cada unidade o decano da respectiva Escola, acompanhado pelos diretores de faculdades e coordenadores de cursos, além da equipe da Prograd, formada pelas Gerências Educacional e de Licenciatura, e pelos Assessores de Projetos Educacionais (APEs).

A escuta ativa é uma ferramenta importante de comunicação que exercita uma relação de igualdade através de entendimento sobre o outro (Nunes, 2023). Esse método envolve ouvir atentamente as contribuições dos participantes, sem interrupções. A forma de registro da escuta ativa foi feita por meio de anotações realizadas pelos APEs.

Para esse processo foram desenvolvidas quatro perguntas investigativas e abertas, com um tempo delimitado de resposta, para estimular a discussão de forma objetiva e explorar diferentes perspectivas sobre o tema, conforme exposto no Quadro 1.

Quadro 1 – Perguntas investigativas usadas no processo de escuta ativa. Campinas, março-abril, 2024.

PERGUNTAS	TEMPO
1) As atividades de extensão estão alocadas em componentes curriculares adequados para seu desenvolvimento, com carga horária compatível ao que está sendo proposto? Há necessidade de ajustes neste sentido?	20 min
2) A forma de registro e de avaliação das atividades de curricularização está adequada? As evidências da execução estão adequadamente documentadas e acessíveis? É possível melhorar?	15 min
3) Como e onde (local) as atividades de Curricularização da Extensão têm sido realizadas? Há dificuldades/necessidades neste processo? Quais?	15 min
4) Quais as sugestões?	10 min

Fonte: Elaboração própria

Num segundo momento, com a finalidade de se construir um breve referencial sobre a conceitualização da Curricularização da Extensão universitária no Brasil, utilizou-se uma abordagem qualitativa, com objetivo exploratório e procedimentos bibliográficos que envolveram a busca de trabalhos em bases de dados acadêmicos-científicas e a sua posterior sistematização.

O levantamento bibliográfico foi realizado em abril de 2024, a partir das bases de dados disponíveis na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), especialmente da Scopus e da Web of Science, além de ter sido usado sistema de buscas do Google Acadêmico e do sistema de inteligência artificial Consensus³. Os descritores de busca (ou *queries*) utilizados foram “Curricularização da Extensão” e podiam constar nos títulos dos artigos acadêmicos, bem como nos resumos ou nas palavras-chave.

Essa busca pôs em destaque alguns artigos voltados para o relato de experiências de áreas específicas, como Nutrição, Fisioterapia, Administração, dentre outros; trabalhos com essa natureza foram excluídos, já que não se enquadravam no objetivo específico desta pesquisa: encontrar reflexões conceituais e os desafios a serem enfrentados na aplicação da Curricularização da Extensão pelos cursos de graduação das universidades brasileiras.

³. De acordo com Gaglioli (2022), o aplicativo Consensus funciona como sendo uma espécie de Google das pesquisas acadêmicas. Ele foi lançado em março de 2022 e trabalha com uma inteligência artificial que escaneia mais de 200 milhões de artigos científicos na tentativa de se mostrar qual tem sido o consenso científico da área buscada.

Também se levantaram os diferentes instrumentos normativos que regem a extensão universitária no país, com a finalidade de se destacar que, no passado, já se reconhecia a extensão como atividade universitária nas atividades curriculares, mas que no atual contexto ela ganha novos contornos e assume uma dimensão que merece ser refletida e repensada continuamente, a fim de se garantir a sua efetividade no processo formativo dos estudantes. Adicionalmente, foi realizado um breve resgate histórico a respeito do trabalho de extensão na instituição e a sua introdução nos currículos da graduação.

3. Breves reflexões sobre a concretização da Curricularização da Extensão nas Universidades brasileiras

Nesta seção, será realizada uma síntese dos trabalhos selecionados que devem ajudar na reflexão sobre o processo de Curricularização da Extensão na PUC-Campinas, que está em andamento desde a publicação da Circular de n.02 (PUC-Campinas, 2020), visualizando-se o desenho de novos horizontes. Adicionalmente, após quatro anos de sua publicação, julga-se importante repensar as características de sua extensão, com o intuito de orientar atividades que atendam ao conjunto de leis e normatizações que a regem, sem negligenciar a tradição, a história e os valores institucionais que sempre nortearam os programas de extensão universitária desta instituição.

Dentro das experiências internas e compartilhadas com o Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Instituições Comunitárias de Educação Superior (FOREXT), professores da PUC-Campinas e outros docentes de instituições confessionais refletem sobre as experiências da Curricularização da Extensão a partir da Resolução de 2018. Nesse trabalho coletivo são apresentadas experiências de Instituições de Ensino Superior (IES) notadamente bem-sucedidas nos quesitos da implantação ou da prática, mas que vai para além, na tentativa de se trabalhar a concepção, a compreensão, a formação e o envolvimento das instituições e da sociedade, neste novo processo valorativo de desenvolvimento das ações extensionistas que estão sendo reconfiguradas no país (Nogueira; Silva, 2023).

Num dos capítulos da obra mencionada acima, Plácido *et al.* (2023), sustentam que as ações extensionistas são compreendidas como práticas sociais permeadas pela reflexão-ação, construção esta que se sustenta através do diálogo e da compreensão entre os sujeitos que transitam entre a universidade e as diferentes comunidades e/ou parceiros externos.

Oliveira, Tosta e Freitas (2020) fazem uma análise bibliométrica, que envolve não apenas um levantamento sistematizado, mas também a quantificação do conhecimento das produções científicas que debateram a Curricularização da Extensão nos cursos de graduação das universidades do Brasil, e que foram publicadas no período de 2014 a 2019.

Os autores da pesquisa referenciada anteriormente identificaram que não existe um único caminho possível a ser seguido pelas IES para a organização das ações de extensão curricularizada. As atividades e/ou os componentes curriculares com carga de extensão, presentes nas matrizes curriculares dos cursos, podem ser diferentes para cada realidade e suas especificidades, de modo que cada instituição deve encontrar meios de envolver gestores, docentes, discentes, técnicos administrativos, em prol da efetividade do compromisso e da materialidade da extensão.

O trabalho de Miguel (2023), a partir de um levantamento bibliográfico e da análise documental sobre a temática, discute o papel da Curricularização da Extensão universitária brasileira enquanto processo de transformação das formas de compreender e projetar as ações acadêmico-científicas. Para esse autor, as atividades de extensão universitária devem estar orientadas, preferencialmente, para áreas de grande pertinência social, como por exemplo, no contexto de movimentos sociais, do desenvolvimento de comunidades, nos projetos que busquem a geração de renda e postos de ocupação, no enfrentamento da fome e da miséria, no apoio à agricultura familiar, na atuação no sistema de saúde pública, na ocupação dos espaços rural e urbano, nos esforços de erradicação do analfabetismo, na formação continuada dos indivíduos, no desenvolvimento cultural, dentre outras esferas.

Gadotti (2017), provocativamente, entende que a Curricularização da Extensão questiona o sentido da universidade. Ele lembra que esse processo faz parte da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão na Universidade brasileira, mas também explicita a necessária conexão desta Universidade com a sociedade, num sentido em que ela consiga ultrapassar seus muros, integrando os saberes das comunidades de forma interdisciplinar.

Gadotti (2017, p. 13-14) complementa que:

A criação de projetos de extensão como componentes de cada disciplina, devem ser construídos em diálogo entre professor, alunos e comunidades. Pode-se trabalhar com o protagonismo infanto-juvenil, com a atuação em movimentos sociais, com direitos humanos, esporte, cultura e lazer, formação continuada. Devemos nos centrar, prioritariamente, no levantamento e atendimento a necessidades de emprego, renda, moradia, empoderamento das comunidades, tecnologias sociais, saúde, transporte, justiça e segurança, nutrição, enfim, na qualidade de vida, no bem viver das populações mais empobrecidas. Temos ainda que vislumbrar a produção artística, a sustentabilidade, a educação na cidade, a cidadania, a cidade educadora, a pedagogia social, popular e comunitária. Tudo isso precisa estar articulado num projeto de extensão para evitar pulverização de esforços [...].

Para ele, as ações de extensão devem ser sempre integradas e integradoras, uma vez que, os alunos precisam conhecer o entorno da Universidade, sendo fundamental que conheçam as favelas, as prisões, os hospitais, as escolas, as igrejas etc. É uma maneira de descobrirem in loco como vivem os trabalhadores brasileiros, as mulheres, os jovens, as crianças, os doentes, os idosos. A realidade do mundo ao redor pode ser uma grande fonte educativa.

Gadotti (2017) tem clareza de que, nesta perspectiva de curricularização, os desafios da Extensão Universitária são enormes, de modo que, para ele, são válidas a escuta aberta, a criatividade e a imaginação que serão capazes de transformar a realidade da Universidade brasileira, a qual deve buscar o equilíbrio e a harmonia entre o desenvolvimento técnico-tecnológico e a visão humanista da sociedade.

4. Da extensão até a creditação da extensão nos currículos segundo seus aspectos normativos

A extensão universitária de forma geral, e, em seguida, a Curricularização da Extensão dos cursos de Graduação da PUC-Campinas atendem a marcos legais que normatizam sua conceituação, fundamentação, implementação e operacionalização e estão expostos no Quadro 2.

A Lei de Diretrizes e Bases Nacional (LDB) de nº 5.540 de 1968 (BRASIL, 1968), procurou contemplar algumas das reivindicações que já eram feitas pelos estudantes universitários, no bojo do movimento estudantil⁴, passando-se a pensar a extensão universitária como uma das funções vitais da universidade, além de já prever a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Almeida, 2015).

Neste momento, a extensão universitária era vista como instrumento de ajuste social e de consolidação de poder. Serviços eram prestados às comunidades carentes e marginalizadas, na tentativa de integrá-las ao processo de desenvolvimento nacional. Nesse período, destacam-se programas como o Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC) e o Projeto Rondon (Pádua; Alberto; Silva, 2008).

Quadro 2 – Instrumentos legais que embasam a Curricularização da Extensão na PUC-Campinas

INSTRUMENTO NORMATIVO	CONTEÚDO
Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.540 (28 de novembro de 1968)	Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média.
Constituição da República Federativa do Brasil, 1988	Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 (20 de dezembro de 1996)	Regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil, da educação básica ao ensino superior.
Lei nº 10.172 (09 de janeiro de 2001)	Aprova o Plano Nacional de Educação 2001-2010.
Lei nº 10.861 (14 de abril de 2004)	Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências.
Lei nº 13.005 (25 de junho de 2014)	Aprova o Plano Nacional de Educação 2014-2024. Meta 12.7, estabelece o percentual de carga horária curricular a ser cumprido em Programas e Projetos de Extensão Universitária, em todos os cursos de Graduação.
Resolução CES/CNE nº 7 (18 de dezembro de 2018)	Estabelece as diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024.

Fonte: Elaboração própria

Em meados dos anos 1980, as Universidades passaram a promover uma série de ações em defesa de uma política de extensão mais efetiva, o que acabou fomentando encontros e fóruns regionais de Pró-Reitores de Extensão, culminado com a criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) (Pádua; Alberto; Silva, 2008). Diante disso, foi a Constituição Federal de 1988, que consagrou o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (Artigo 207) e, em seguida, através da LDB de 1996 (Lei nº 9.394/96)

⁴ A União Nacional dos Estudantes (UNE) foi criada em 1937, momento em que os protestos e as ações do movimento estudantil foram ganhando força e se despontando na discussão da proposta da extensão universitária. Contudo, foi apenas em meados dos anos 1950 que o movimento estudantil passou a ter mais atuação na sociedade brasileira (Almeida, 2015).

ficou estabelecida a extensão universitária como uma das finalidades da Universidade (Artigo 43). Gadotti (2017) chama atenção para o fato de que a transformação da extensão universitária num mecanismo de mudança social e da própria universidade, tem caminhado junto com a conquista de outros direitos e de defesa do Estado democrático.

Note-se que a extensão, enquanto atividade formativa que está presente nas universidades brasileiras, já passou por diferentes fases e concepções, como destacam Oliveira e Goulart (2015), sendo possível reconhecer ao menos três momentos históricos e ideológicos: a prestação de serviços, o assistencialismo e a extensão dialógica. De tradição freiriana, a extensão universitária dialógica se coloca como uma potente via de desenvolvimento social, a qual se desenvolve sob princípios que ultrapassam a visão de prestação de serviços e do assistencialismo que estão na sua origem.

Nesse sentido, nas últimas décadas, o FORPROEX atuou fortemente para superar o perfil mais assistencialista da extensão, uma vez que *mão dupla*, significa troca de saberes acadêmico e popular, o que gera a democratização do conhecimento acadêmico, além de uma produção científica, tecnológica e cultural enraizada na realidade (Gadotti, 2017). Os Planos Nacionais de Educação (2001-2010 e 2014-2024) procuraram estabelecer as diretrizes para a Extensão Universitária que tivessem esse sentido de *mão dupla*, sendo que o último determinou o percentual de carga horária curricular a ser cumprido em Programas e Projetos de Extensão Universitária, em todos os cursos de Graduação.

A Curricularização da Extensão é uma conquista histórica do FORPROEX, que culminou com a publicação da Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018 (MEC/CNE/CES, 2018). Esse documento estabeleceu as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira, regimentando o que estava disposto no Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024). Trata-se de um importante marco regulatório que fortalece as práticas extensionistas das Universidades brasileiras, produzindo efeitos importantes na formação do estudante, e tornando-se mais próxima da sociedade.

4.1 A Extensão Universitária na PUC-Campinas

Na PUC-Campinas, desde os anos 1980, a atividade de extensão é concebida como um processo dialógico e tem seu significado atrelado à missão institucional e pedagógica da universidade. De acordo com o Guia Informativo, que discute o papel do professor e a Extensão Universitária na PUC-Campinas (Carvalho, 2005), essa ação já era entendida como sendo a prática acadêmica que envolve a interação direta entre a Universidade e a sociedade em que está inserida, articulada pelas atividades de ensino e pesquisa da instituição mediante as demandas sociais diversas.

Esses apontamentos evidenciam que as ações extensionistas já estavam sendo discutidas na instituição há mais de quatro décadas, época em que as atividades acadêmicas se restringiam às questões que envolviam o ensino ou estavam limitadas às ações isoladas e esporádicas de cursos e disciplinas, ou constituindo-se, em grande parte, em campos de estágio (Carvalho, 2005; Pádua; Alberto; Silva, 2008).

No início desta década de 1980, houve um intenso processo de discussão a respeito dos projetos pedagógicos dos cursos, que perpassou todas as unidades acadêmicas que compunham a PUC-Campinas. Naquele momento, entendeu-se que as atividades de extensão deveriam expressar um compromisso mais efetivo da Universidade para com a sociedade brasileira (Carvalho, 2005).

Os projetos pedagógicos procuraram destacar a identidade da instituição e propunham mudanças estruturais importantes nos currículos, redefinindo o perfil profissional que se pretendia formar, o qual estava atrelado à ideia de que deveria atender às necessidades da sociedade brasileira e às diretrizes da Igreja Católica (Carvalho, 2005).

Na década de 1980, podemos destacar que a PUC-Campinas foi pioneira, no Brasil, na elaboração de um Projeto Pedagógico Institucional, apresentado na I Conferência Brasileira de Educação (Goiânia, 13/06/1982), com forte ênfase na articulação da Extensão com o Ensino e com a Pesquisa.

Nos limites e objetivos deste artigo, destacamos a seguir momentos importantes dos processos de implementação da Extensão na Universidade, como pontos de partida para a compreensão dessa atividade-fim como prática acadêmica.

Nessa trajetória destaca-se em 2002 a importância da reestruturação da Reitoria (a partir da Reforma Estatutária de 2001) e a criação da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários – PROEXT, que implementou novo processo de acompanhamento, avaliação, articulação e institucionalização das atividades extensionistas, através das Coordenadorias de Projetos, Cursos e Atenção à Comunidade Interna.

Em 2004 a PROEXT realizou na PUC-Campinas o *“Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior e Comunitárias”* (de 27 a 29/10/2004), cujos trabalhos, reunidos nos Anais do Encontro, contribuíram para socializar os resultados de Projetos realizados, na significativa troca de relatos e experiências entre as IES Comunitárias.

A realização do Fórum mostrou-se um marco na trajetória da Extensão em nossa universidade, pelas concepções e diretrizes que perduram até os dias atuais, como à época destacou o prof. Aldo Vannucchi⁵:

Compreender a extensão é, antes de tudo, prendê-la com ensino e pesquisa. (...) Tem que aglutinar. Tem que juntar. Tem que trabalhar com o ensino e com a pesquisa dentro de um programa, dentro de alguma coisa que não é voluntarismo, não é conversão repentina (...). Prender a extensão com o ensino, com a pesquisa, com o projeto pedagógico, com o plano institucional da Universidade, com aquilo que deve ser o todo da nossa instituição (...). Acredito também que compreender a extensão é prendê-la com a realidade nacional. Prendê-la com a nossa realidade. (VANNUCCHI, 2004, p.173)

A “Mostra de Projetos de Extensão”, organizada pela PROEXT em 2005, apresentou um conjunto expressivo de 112 Projetos de Extensão que, após avaliação por comissões da instituição e de instituições convidadas, resultou na publicação de 15 projetos considerados de referência, bem como CD-ROM com o total dos trabalhos registrados nos Cadernos de Extensão, n. 3 (PUC-CAMPINAS, 2005).

No mesmo ano, a Coordenadoria de Cursos de Extensão publicou o primeiro Catálogo de Cursos (2005), apresentando às comunidades interna e externa as diferentes possibilidades de oferecimento de cursos (Atualização, Aperfeiçoamento, Capacitação/Qualificação, Difusão Cultural), nas modalidades presencial, semipresencial ou in company, visando contribuir com a interação universidade-sociedade e consolidar a implementação das diretrizes da Política de Extensão vigente à época.

⁵. Universidade de Sorocaba – Uniso.

Na dimensão da responsabilidade social da universidade, na década de 2010 a PROEXT desenvolveu relevantes projetos de inclusão e desenvolvimento social, de natureza interdisciplinar, voltados à comunidade loco-regional – ONG's, lideranças de movimentos sociais, secretarias municipais, bem como atividades desenvolvidas pelo Centro de Cultura e Arte, pelo Museu Universitário e pelo Centro de Atenção ao Deficiente – CIAD, entre outras.

Importante lembrar que a Coordenadoria de Atenção à Comunidade Interna – CACI, até 2010 vinculada à PROEXT, implementou projetos voltados aos alunos e aos funcionários, a exemplo do Inter'arte, Palavra-livre, PUC-Fest, Mostra de Filmes, reestruturação das Atléticas, Calourçada, Férias na PUC, Patrulheiros, Programa De Bem Com a Vida, entre outros, que trouxeram avanços e possibilitaram ampliar, na universidade, o entendimento das atividades extensionistas como prática acadêmica.⁶

Destaca-se ainda que as ações desencadeadas pela PROEXT nesse período estavam em consonância com as metas estabelecidas no PDI 2008-2012, num esforço para se aproximar dos Projetos Pedagógicos dos cursos de Graduação e das linhas de pesquisa institucionalizadas.

Como resultado desse esforço, foram desenvolvidos no biênio 2016-2017 quarenta e um projetos de Extensão vinculados aos Projetos Pedagógicos dos cursos de Graduação e dos Programas de Pós-Graduação.

Em 2016, a PUC-Campinas participou do Programa de Extensão Universitária MEC/Sesu, recebendo, como resultado, em seu projeto, uma análise de mérito muito positiva, dado ao reconhecimento do esforço institucional em posicionar a extensão na tríade Graduação e Pesquisa, sempre privilegiando o diálogo entre os diferentes agentes como metodologia extensionista. Tal postura resultou no biênio 2016-2017, na ampliação dos convênios de cooperação técnica com a Prefeitura Municipal de Campinas e com o Observatório de Políticas Públicas e Migrações da Região Metropolitana de Campinas, assim como outros parceiros preocupados com a melhoria da qualidade de vida na RMC e com uma melhor assertividade da política pública.

A institucionalização das atividades e projetos de Extensão trouxe elementos para subsidiar a análise dos Planos de Trabalho para 2019, visando não só ampliar e manter os avanços já conquistados, mas também aproximar cada vez mais os projetos da realidade socioambiental da região metropolitana de Campinas.

Esse processo, indicador da maturidade da Extensão PUC-Campinas, ampliou a participação da Universidade em vários encontros promovidos pelo Fórum de Extensão e Ação Comunitária das Instituições Comunitárias do Ensino Superior (ForExt), mobilizando, inclusive, as principais temáticas de discussão ocorridas na Câmara Sudeste, tais como impactos da política de extensão universitária, processos e critérios da avaliação de extensão e a importância da extensão para a curricularização, dentre outros.

A partir desta envergadura se percebeu que a Extensão PUC-Campinas possuía as condições para participar de maneira mais enfática do processo de formação dos nossos alunos; daí, em 2019, a PROEXT apresentou um plano orientador para a inserção do Grupo de Alunos Voluntários – GAVE junto aos projetos de extensão aprovados no biênio. Logo, no primeiro ano, registrou-se a participação de 178 alunos e, em 2020, esse número teve um acréscimo significativo – abarcando um total de 236 alunos, de diferentes cursos de Graduação.

⁶. O detalhamento das atividades de Extensão desenvolvidas nos períodos citados pode ser encontrado nos Cadernos de Avaliação, disponíveis no site do Programa de Autoavaliação Institucional - PROAVI, no Portal da Universidade; outras referências podem ser encontradas nos Relatórios Anuais de Avaliação que a Comissão Própria de Avaliação – CPA encaminha ao MEC, também disponíveis no Portal, no sítio da Avaliação Institucional.

Concomitantemente, estávamos num momento histórico conturbado com a Pandemia da Covid-19 que nos trouxe grandes desafios uma vez que o recolhimento social se colocou como uma necessidade e não uma opção. Mas, cabe a uma Universidade sempre atenta à sua Missão Institucional como é o caso da PUC-Campinas, se recolher? Não havia dúvidas quanto a urgência desta decisão, uma vez que se tratava de salvar vidas, mas, exatamente nesse período é que a PUC-Campinas, novamente, se revelando vanguardista, inicia projetos que, mais tarde, se tornaram marcadores da sua atuação no cenário social, tais como a implantação do Espaço Mescla focado na Inovação e Empreendedorismo e o Programa de Envelhecimento e Longevidade Vitalità. Este último, rapidamente consolidou a Universidade na rede de Universidades Amigas do Idoso (Age-Friendly University Global Network) se tornando referência na discussão, debate e proposição de projetos e ações em defesa do envelhecer com qualidade.

Essas duas iniciativas abriram um leque para a atuação da Universidade junto a diferentes parceiros e segmentos da sociedade, desde empresas mais focadas na tecnologia, às instituições públicas e de terceiro setor que, sabedoras da importância da troca de saberes para a transformação social se aproximaram da Universidade estabelecendo parcerias via termos de cooperação institucionais. Esse grande movimento interno/externo, ampliou a percepção da comunidade interna quanto ao papel e função da Extensão Universitária, uma vez que, evidenciou uma presença contínua das atividades extensionistas no cotidiano dos nossos parceiros e das comunidades envolvidas, além de agregar mais conhecimentos empíricos à formação integral dos nossos alunos, nos nossos diferentes cursos de graduação, aliás, muito anterior à publicação da Resolução CES/CNE n. 7, de 18 dezembro de 2018 que reza sobre o tamanho desta importância.

No segundo semestre de 2022 a PUC-Campinas passou por uma nova reestruturação de suas atividades, resultando em novas concepções de gestão em seus diferentes setores. Para esta nova concepção, houve intenso debate a respeito do papel e função das Pró-Reitorias e se entendeu que a Extensão deveria se aproximar ainda mais da Pesquisa. Assim, seus projetos, ações e atividades foram incorporados em 2023 à PROPPE – atual Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão.

A partir de então buscou-se consolidar a Extensão no diálogo permanente com a Pesquisa, compreendendo que, para isso, seria necessário aproximar os olhares, a atenção, os espaços de debate, as proposições e, de forma muito especial, ampliar a compreensão da dinâmica social dos grupos sociais vulnerabilizados. Nesse caso, o processo dialógico, passa a ser entendido como o primeiro passo da metodologia extensionista sendo o propulsor para uma ambiência gestora de ações conjuntas e aproximadas entre os pesquisadores, os extensionistas e os docentes da graduação, na perspectiva da curricularização da extensão.

Com a experiência anterior, especialmente do Vitalità, ampliou-se os Programas Institucionais e a gestão institucional entendeu que eles, naturalmente, são celeiros que devem ancorar os projetos de Extensão. Assim, todos os projetos de extensão no atual biênio 2024 a janeiro/2026 desenvolvem suas ações à luz da concepção dos respectivos programas institucionais aos quais estão assentados, ampliando o arcabouço prático-empírico de todos os envolvidos docentes pesquisadores e extensionistas, discentes, comunidades interna e externa, setores públicos e privados, dentre outros.

Hoje, a Extensão PUC-Campinas está vinculada a cinco Programas Institucionais, sendo os seguintes:

- **Programa de Desenvolvimento Humano e Integral: Levanta-te e Anda (PDHI:LA):** o foco deste Programa é criar e fomentar iniciativas que visem a promoção da justiça social, do desenvolvimento sustentável e da construção de uma sociedade mais equitativa, fraterna e humanizada. Para tanto, desenvolve ações junto a grupos sociais vulnerabilizados na cidade de Campinas estimulando a autonomia e emancipação desses grupos. [Portal PUC-Campinas » PDHI – Programa de Desenvolvimento Humano e Integral;](#)
- **Observatório PUC-Campinas:** Programa Institucional responsável por produzir, acompanhar e analisar indicadores que refletem a realidade regional, com foco na Região Metropolitana de Campinas (RMC), compartilhando o conhecimento produzido e sistematizado com a sociedade. [Quem somos - Observatório PUC-Campinas](#)[Observatório PUC-Campinas;](#)
- **Vitalità:** Programa responsável por articular parcerias para projetos de inovação, criação de tecnologias e ações de promoção do envelhecimento ativo que atendam às necessidades do público sênior e estimulem a cultura do convívio e solidariedade intergeracional. [Portal PUC-Campinas » Vitalita;](#)
- **Centro de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros (CEAAB) Dra Nicéa Quintino Amauro:** Programa Institucional que busca integrar a comunidade acadêmica interna e a sociedade civil organizada, representada pelo Movimento Negro de Campinas, ampliando o diálogo com as diferentes comunidades, estabelecendo parcerias que visam à transformação da cultura racista vigente. Para tanto seus principais objetivos são: disseminar conhecimento; enfrentar o racismo institucional, a discriminação racial e intolerâncias correlatas e desenvolver ações afirmativas de combate ao racismo e em respeito à diversidade cultural. [Portal PUC-Campinas » Centro de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros Dra. Nicéa Quintino Amauro;](#)
- **Pró-Habitat:** Programa voltado para a cooperação entre agentes que visem responder aos diferentes problemas das cidades brasileiras, no que tange as transformações das realidades urbanas e seus efeitos habitacionais e ambientais. Tem, também, como preceito a troca de experiências e seus resultados no âmbito da universidade, constituindo em novos desafios para a formação de quadros dos futuros pensadores do país.

A estrutura didático-pedagógica oferecida pelos Programas Institucionais permite a Extensão PUC-Campinas, no atual cenário, se posicionar como protagonista no contato direto com as comunidades e os parceiros, estando alinhada às atuais Diretrizes para as ações da Extensão Universitária, também conhecida como cinco Is sendo as seguintes: interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; impacto na formação do estudante e, por fim, impacto e transformação social. Essas diretrizes, de reconhecido valor entre todas as IEs e, mais ainda, naquelas de caráter confessional, como a PUC-Campinas norteiam todas as atividades e ações desenvolvidas sendo também orientadoras nos documentos normativos, como a RN 001/24, e os atuais Manuais para a Extensão tanto dos alunos bolsistas, quanto dos voluntários. Além dos documentos normativos, as diretrizes balizam nossos atuais indicadores de Extensão.

A Extensão PUC-Campinas, aqui discorrida no tempo e no espaço evidencia a trajetória do

seu crescimento sem desprezar, em nenhum momento, a articulação histórica com as metas do PDI e as Políticas de Extensão e, sobretudo, com a Missão da PUC-Campinas enquanto universidade comunitária.

4.2 A Curricularização da Extensão na PUC-Campinas

A implementação da creditação da extensão nos currículos dos cursos de graduação, proposta pelo Plano Nacional de Educação (2014-2024) e pelo Conselho Nacional de Educação (2018), que tornou obrigatória 10% da carga horária em atividades de extensão, promoveu a universalização da dimensão da extensão nas propostas pedagógicas dos professores e na formação acadêmica, profissional e cidadã dos estudantes (Arienti, 2023).

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas promoveu a reconstrução dos Planos de Desenvolvimento Institucional (PDI), dos Projetos Político-Pedagógicos dos Cursos (PPC) e das estruturas curriculares, reconhecendo a extensão como componente formativo (Magalhães *et al.*, 2023). Além disso, as Pró-Reitorias de Graduação, Extensão e Pesquisa da PUC-Campinas, através da Circular 002/2020, de 11 de fevereiro de 2020, apresentou uma proposta de Curricularização da Extensão, alinhada à legislação vigente e às diretrizes da PUC-Campinas. Este processo favoreceu o desenvolvimento de práticas acadêmicas inovadoras, reiterando o compromisso social da instituição e a formação integral dos estudantes.

No presente momento, com a creditação da Curricularização da Extensão já efetivada, realizou-se, através da Gerência Educacional da Pró-Reitoria de Graduação, um processo de escuta ativa e avaliação das ações, promovendo reflexão e análise das práticas exitosas, assim como das dificuldades e desafios a serem superados, na busca por aprimoramento contínuo. Paralelamente, buscou-se compreender as particularidades da Curricularização da Extensão considerando-se as grandes áreas do conhecimento, que se refletem na estruturação das seis Escolas da PUC-Campinas.

5. A Curricularização da Extensão da PUC-Campinas na visão dos gestores

Neste momento, serão apresentados os principais resultados obtidos durante o processo de escuta ativa realizado nas Escolas, conforme descrito com mais detalhes na metodologia. É importante destacar que na PUC-Campinas a extensão curricularizada está organizada de diferentes formas, respeitando a diversidade e as especificidades dos cursos e das áreas.

Destaca-se que os resultados adquiridos pela escuta ativa foram organizados de forma agregada, considerando o que foi apresentado em cada Escola. As informações coletadas foram categorizadas e sintetizadas de forma a propiciar a análise comparativa entre as diferentes respostas e entes analisados.

Não obstante esta categorização que envolve a análise comparativa, a reflexão sobre questões apresentadas nos processos de escuta ativa permite a compreensão de algumas “arestas” a serem lapidadas, estimulando que práticas sejam repensadas e que se sejam feitas novas prospecções que possam facilitar as ações que envolvem a Curricularização da Extensão da PUC-Campinas.

A constituição de uma forma específica de Curricularização da Extensão na PUC-Campinas,

vai ao encontro da excelência na educação a fim de agregar ações sociais à prática discente, desejando estimular o afloramento da humanização atrelada à formação técnica. A síntese dessas vivências está ligada às alterações e demandas da contemporaneidade, que invariavelmente modulam o perfil do egresso.

5.1 Sobre a forma de alocação das atividades de extensão

Ao refletirem as práticas das atividades de Curricularização da Extensão, os gestores fizeram apontamentos de extrema relevância, que podem nortear as mudanças e aprimoramentos futuros. Sobre a primeira questão, associada à forma de alocação das atividades de extensão, constatou-se que:

A alocação das horas de Curricularização da Extensão acontece em diferentes componentes curriculares, conforme o Projeto Pedagógico de cursos e faculdades. O Projeto Integrador, como componente curricular, revelou-se adequado para a alocação das horas de curricularização, embora também existam práticas exitosas de curricularização em componentes práticos e/ou teóricos, mesmo havendo, por vezes, necessidade de ajustes por sobrecarga de atividades em relação ao número de horas-aula.

Ainda sobre esse tópico, as horas de curricularização se apresentam em diferentes módulos e ciclos, a depender das características das atividades, em alguns casos com incorporação à atividade profissionalizante.

5.2 Sobre a forma de registro

De modo geral, em relação ao registro, o instrumento atual foi considerado burocrático e complexo. A grande parte de diretores participantes da escuta ativa apresentou como sugestão o desenvolvimento de um único documento mais simplificado. Há indicativos de que o uso do AVA-Canvas traga algum tipo de dificuldade aos docentes que ministram os componentes curriculares com extensão e que o desenvolvimento de um sistema automatizado pudesse contribuir para uma melhora no processo.

5.3 Onde estão sendo realizadas as atividades de extensão

As atividades de extensão estão sendo realizadas em diversas frentes e locais, promovendo o vínculo entre a universidade e a comunidade externa. Contudo, a formalização dessas parcerias entre as faculdades e a comunidade externa pode ser complexa.

A prospecção de parcerias visa atender às necessidades e projetos desenvolvidos pela curricularização, em consonância com a comunidade atendida, buscando aprofundar o relacionamento entre universidade e parceiros. É importante, ainda, considerar a especificidade de cada curso na realização das atividades pensadas.

Algumas parcerias destacadas dentro da PUC-Campinas incluem as Ligas Acadêmicas, Mescla, Vitalité, Cozinha Escola, Práticas Jurídicas e o Observatório da PUC-Campinas. Além disso, diferentes parceiros externos têm contribuído para as ações de curricularização e, dentre estes, destacam-se as parcerias estabelecidas com Organizações Não Governamentais; Organizações da Sociedade Civil; Paróquias, Escolas públicas e particulares; Prefeituras e Secretarias Municipais;

Instituições das redes públicas de saúde; Museus e Arquivos públicos; Defesa Civil; Fundações e importantes empresas localizadas na Região Metropolitana de Campinas.

Os parceiros frequentemente visitam as faculdades para conversas e apresentação dos resultados das atividades, reforçando o sentido de colaboração mútua entre a universidade e a comunidade.

5.4 Pontos para reflexão e possíveis ajustes

Sobre as parcerias com a comunidade externa, levantou-se a necessidade de aprofundá-las com o objetivo de promover ações que também possam ocorrer nos campi da PUC-Campinas. Nesse sentido, destaca-se também a revisão imprescindível dos fluxos e trâmites para o estabelecimento de novos contratos/convênios com os parceiros.

Sobre a viabilidade de algumas ações de extensão, tornou-se nítida a necessidade de se aprimorar os mecanismos de financiamento das atividades de extensão.

A criação de componentes curriculares de extensão institucionais, vinculados a projetos guarda-chuva, se despontou em algumas das discussões. Com alterações no sistema de registro, a proposta seria voltada para uma situação em que os estudantes se matriculariam e cumpririam os créditos referentes aos 10% obrigatórios. Foi colocado que isso ajudaria os estudantes matriculados no período noturno, que frequentemente trabalham e/ou estagiam durante o dia. Na Escola Politécnica, por exemplo, projetos como os de empresas juniores e startups poderiam ser desenvolvidos com esse caráter, desde que podendo ser creditados na matriz curricular dos estudantes.

Adicionalmente, foram dadas sugestões de melhoria das práticas extensionistas já existentes na instituição, como um sistema de premiação da extensão universitária, em que caberia a seleção dos melhores projetos/ações de Curricularização da Extensão que ocorrem anualmente.

Com efeito, por meio de uma análise crítica da própria estrutura educacional, a escuta ativa se propôs a demonstrar a preocupação com a qualidade da Curricularização da Extensão na PUC-Campinas, criando pontes para o diálogo, peça fundamental para o espaço didático e pedagógico, com vistas às melhorias contínuas do processo, que deve, de um lado, atender aos marcos legais, e, de outro, precisa também contemplar a visão de compromisso social institucional.

Diante disso, esse processo levou a uma resignificação do conceito de Curricularização da Extensão na PUC-Campinas, alinhada à missão da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. A Curricularização da Extensão é formativa, pois integra suas atividades ao currículo dos cursos de graduação visando à formação acadêmica que interaja com as demandas sociais e contribua efetivamente para aprendizagens mútuas e significativas. Essa integração curricular deve promover um constante diálogo entre os conhecimentos acadêmicos e a sociedade, alcançado por meio de projetos colaborativos com comunidades e instituições. Os estudantes devem ser protagonistas na busca de soluções de problemas reais, mediante a articulação de teoria e prática, desenvolvendo competências nos âmbitos pessoal e profissional.

Nesse sentido, o processo de Curricularização da Extensão deve ser estruturado de modo que articule ensino, pesquisa e extensão. O esperado é a valorização, integração e troca de saberes acadêmicos e não formais no processo de formação para a cidadania. Essa concepção requer uma abordagem flexível capaz de adaptar-se às mudanças sociais e às necessidades e demandas da

comunidade. Por isso, o papel da universidade, como instituição comprometida com a sociedade e em uma perspectiva cristã, é fortalecido, contribuindo para a formação de profissionais éticos, bem qualificados e para o desenvolvimento comunitário, autônomo e sustentável.

6. Considerações Finais

A Curricularização da Extensão universitária na PUC-Campinas revela-se um processo complexo e multifacetado, exigindo contínuo aprimoramento e adaptação. Desde a implementação obrigatória de 10% da carga horária em atividades de extensão, em conformidade com a resolução CES/CNE nº 7 de 2018, a PUC-Campinas tem superado desafios significativos, incluindo os efeitos da pandemia de Covid-19 e a reestruturação na organização interna da instituição.

O compromisso da PUC-Campinas com a integração de ensino, pesquisa e extensão reflete a missão das universidades católicas de promover a dignidade humana e contribuir para a herança cultural e social, conforme delineado na Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*. Além disso, a instituição reafirma seu alinhamento com o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, enraizando essas atividades no cerne de sua missão acadêmica e social.

De um modo geral, a trajetória da extensão universitária demonstra uma evolução significativa, desde a década de 1980, potencializando a abordagem dialógica e integrada. Na PUC-Campinas esta abordagem, sempre presente, ganha novos contornos por meio da implementação de currículos baseados em habilidades e competências, que permite uma maior flexibilidade e adaptação às demandas sociais contemporâneas.

A análise bibliográfica e documental trazida para embasamento desta discussão complementa as reflexões apontando para a necessidade de uma abordagem flexível que respeite as especificidades dos diferentes cursos e áreas de conhecimento. A Curricularização da Extensão, pois, enquanto processo contínuo e dinâmico, promove o diálogo entre universidade e sociedade, incentivando soluções colaborativas para problemas reais e relevantes.

A escuta ativa, por sua vez, realizada nas unidades acadêmicas da PUC-Campinas, revelou importantes insights sobre a alocação e registro das atividades de extensão, destacando a necessidade de simplificação dos processos e maior formalização das parcerias com a comunidade externa. As práticas extensionistas, variando de inserções em componentes curriculares específicos àquelas em projetos integradores, têm mostrado um potencial significativo para promover o desenvolvimento social e a formação integral dos estudantes.

Em última análise, a Curricularização da Extensão na PUC-Campinas representa um compromisso renovado com a formação de profissionais éticos, bem qualificados e comprometidos com o desenvolvimento comunitário. Este processo, enraizado na missão e valores da universidade, visa não apenas atender às exigências legais, mas também promover um verdadeiro humanismo, alinhado com os princípios de diálogo, esperança, inclusão e cooperação. A continuidade e aprimoramento deste processo dependerão da capacidade da instituição de escutar, refletir e adaptar-se, garantindo que a extensão universitária permaneça uma força vital na transformação social e educativa no século XXI.

7. Referências

- ALMEIDA, Luciane Pinho de. A extensão universitária no Brasil: processos de aprendizagem a partir da experiência e do sentido. *Diversités Recherches et Terrains (DIRE)*, n. 7, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.25965/dire.692>. Acesso em: 07 abr. 2024.
- ARIENTI, Wagner Leal. Sobre a implementação da Curricularização da Extensão: caracterizações e preocupações. *Revista Eletrônica de Extensão*, Florianópolis, v. 20, n. 45, p. 168-189, 2023. Disponível em: <https://documentos.ufca.edu.br/wp-folder/wp-content/uploads/2024/09/MODULO-04-MATERIAL.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2024.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 abr. 2024.
- BRASIL. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Brasília*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes. Acesso em: 15 mar. 2024.
- BRASIL. Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. *Aprova o Plano Nacional de Educação 2001-2010*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm. Acesso em: 15 mar. 2024.
- BRASIL. Lei 10.861, de 14 de abril de 2004. *Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.861.htm. Acesso em: 11 dez. 2024.
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. *Aprova o Plano Nacional de Educação 2014-2024*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 15 mar. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CES Nº 7. 2018*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 05 mar. 2024.
- CARVALHO, Juliano Maurício (coord.). *O professor e a extensão universitária – guia informativo*. Pró-Reitoria de Extensão a Assuntos Comunitários. Campinas: PUC-Campinas, 2005.
- FELICIELO, Domênico; PÁDUA, Elisabete M. M. de; ALBERTO, Jorge L. M.; GONTIJO, Rosa Maria. C. *As experiências da auto-avaliação da PUC-Campinas 1980-2001*. PUC-CAMPINAS. Programa de Avaliação Institucional. *Cadernos de Avaliação*, n.1, 2005.
- GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. *Instituto Paulo Freire*, v. 15, n. 1-18, p. 1, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: mar. 2024.
- JOÃO PAULO II. Papa. *Constituição Apostólica Ex Corde Ecclesiae*, 15 de agosto de 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae.html. Acesso em: 11 abr. 2024.
- MAGALHÃES, José Augusto S.; MARTA, Sara Nader; SAES, Sandra de Oliveira; PACCOLA, Sileide Aparecida de Oliveira; IKEZIRI, Lucas Martins; BRUMATI, Vitor Pachioni; SILVA, Elvio Gilberto da. Curricularização da Extensão: práticas exitosas. *In: NOGUEIRA, Alessandra Borin; SILVA, Antonio Wardison C. (orgs.) A Curricularização da Extensão: práticas exitosas*. Campinas, SP: Editora Splendet PUC-Campinas, 2023.

MIGUEL, José Carlos. A Curricularização da Extensão universitária no contexto da função social da universidade. *Revista Práxis Educacional*, v. 19, n. 50, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v19i50.11534>. Acesso em: 04 mar. 2024.

NOGUEIRA, Alessandra Borin; SILVA, Antonio Wardison C. (org) *A Curricularização da Extensão: práticas exitosas*. Campinas, SP: Editora Splendet PUC-Campinas, 2023.

NUNES, Érico Zottele. Sistema educacional e a alternativa da escuta ativa: Município de Cariacica – ES. *Cadernos da Pedagogia*, v. 17, n. 37, p. 192-204, jan./ abr. 2023.

OLIVEIRA, Carla Viviane Novais Cabral de; TOSTA, Marielce de Cássia Ribeiro; FREITAS, Rodrigo Randow de. Curricularização da Extensão universitária: uma análise bibliométrica. *Brazilian Journal of Production Engineering*, n. 6, v. 2, Edição Especial “Gestão Pública”, p. 114-127, 2020.

OLIVEIRA, Fernanda; GOULART, Patrícia Martins. Fases e faces da extensão universitária: rotas e concepções. *Revista Ciência em Extensão*, v. 11, n. 3, p.8-27, 2015. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1225/1165. Acesso em: abr. 2024.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de; ALBERTO, Jorge Luís Moreira; SILVA, Marco Wandercil da (org). Políticas de extensão e responsabilidade social: projetos e ações desencadeadas em 2007. Campinas: PUC-Campinas: Programa de Avaliação Institucional. *Cadernos de Avaliação* n.5, 2008.

PLACIDO, Vera Lúcia dos Santos; NOGUEIRA, Alessandra Borin; TAXA, Fernanda de Oliveira Soares; ANDRETTA, Cyntia Belgini. Entrelaçando saberes: do “produto” da extensão ao processo de ensino-aprendizagem no curso de Geografia da PUC-Campinas. In: NOGUEIRA, Alessandra Borin; SILVA, Antonio Wardison C. (orgs.) *A Curricularização da Extensão: práticas exitosas*. Campinas, SP: Editora Splendet PUC-Campinas, 2023.

PUC-CAMPINAS. Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. *Catálogo dos Cursos de Extensão*. Publicação Interna. 2005

_____. Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias *Encontro de Extensão das Universidades Comunitárias: Extensão e Inclusão Social, Gestão e Fomento de Serviços de Extensão*”. Campinas, SP: PUC-Campinas. Anais, 2004. Separata: *Carta de Campinas, A Universidade e o Compromisso Social - a contribuição da Extensão*, 2004.

_____. Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. *Projetos de Extensão de Excelência: uma história de compromisso com a sociedade loco-regional*. PUC-Campinas: Cadernos de Extensão, n. 3, 2005.

_____. Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários. *Extensão na PUC-Campinas: compromisso com ações emancipadoras*. *Cadernos de Avaliação*. Campinas, SP: n. 10, 2012. 50-75.

_____. Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, Pró-reitoria de Graduação, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. *Proposta de Curricularização da Extensão nos Cursos de Graduação*. Campinas, SP: n.002, 2020.



Alunos de Ciências Biológicas da PUC-Campinas participaram do evento "Saúde e Bem-Estar" no Parque das Bandeiras, distribuindo folhetos educativos e mudas de plantas alimentícias. 1º semestre de 2024.



Estudantes do curso de Gastronomia (Projeto Integrador - Gastronomia Sustentável), desenvolvendo uma oficina com o público do programa Vitalitá. 1º semestre de 2025.



Estudantes da faculdade de Odontologia em ação extensionista sobre saúde bucal na Fazenda Padre Haroldo. Prevenção do Câncer Bucal



Estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo apresentam projetos de extensão desenvolvidos em parceria com o Centro Acadêmico (CAFAU). 1º semestre de 2024.

II. CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: INSTITUCIONALIZAÇÃO E METODOLOGIA

CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO: INSTITUCIONALIZAÇÃO E METODOLOGIA

Profa. Dra. Luciane Kern Junqueira⁷

Profa. Dra. Elisabete Matallo Marchesini de Pádua⁸

Profa. Me. Andreia Cristina Duliane⁹

Prof. Dr. Renato Gonçalves Lopes¹⁰

Profa. Dra. Thais Borges Damacena¹¹

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar uma síntese do processo de trabalho desenvolvido pela Gerência Educacional da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e equipe dos Assessores de Projetos Educacionais (APEs) em 2023 e 2024 sobre o projeto de Curricularização da Extensão, no contexto das novas Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, conforme Resolução CES/CNE, nº 7, de 18/12/2018.

Iniciando com breve descrição sobre o processo de trabalho que norteou o mapeamento das atividades e componentes curriculares propostos para a Curricularização da Extensão, apresentamos a metodologia utilizada para o levantamento bibliográfico, seguida do levantamento propriamente dito dos componentes curriculares e carga horária alocada para a curricularização, trazendo assim uma visão global da PUC-Campinas e seus desdobramentos nas Escolas¹², com uma análise comparativa entre o segundo semestre de 2023 e o primeiro semestre de 2024.

A seguir, trazemos parte dos resultados da Escuta Ativa¹³, de forma a complementar, articular e integrar-se ao mapeamento realizado.

⁷. Gerente Educacional.

⁸. Assessora da Reitoria.

⁹. Assessora de Projetos Educacionais.

¹⁰. Assessor de Projetos Educacionais.

¹¹. Assessora de Projetos Educacionais.

¹². As Escolas são unidades organizacionais responsáveis por desenvolver as atividades-fim da Universidade, abrangendo ensino, pesquisa, extensão e inovação. Além disso, cabe às Escolas o planejamento, a gestão, a organização e a execução dessas atividades, sempre sob a supervisão e avaliação das respectivas Pró-Reitorias. As Escolas da Universidade incluem a Escola de Arquitetura, Artes e Design; a Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais; a Escola de Ciências da Vida; a Escola de Economia e Negócios; a Escola de Linguagem e Comunicação; e a Escola Politécnica.

¹³. OLIVEIRA, F. C. R. et al. A Curricularização da Extensão universitária na PUC-Campinas: desafios e caminhos para um aprimoramento contínuo. *Série Acadêmica*, Campinas-SP, vol. 40, n.41, pp. 17-33, fev. 2026. Neste artigo, a metodologia da escuta ativa é tratada com maior detalhamento. Trata-se de uma estratégia de comunicação que busca a compreensão do outro através da escuta atenta sem interrupções, com registro detalhado das contribuições dos participantes.

2. A representação gráfica como metodologia de gestão de processos

A gestão de processos é um pilar fundamental no planejamento estratégico de uma instituição, especialmente no contexto da nossa Universidade, que tem como missão a busca por excelência na produção e difusão do conhecimento. Ao mapear, analisar e melhorar processos internos, conseguimos aprimorar nossas ações e, conseqüentemente, a experiência e o aprendizado dos estudantes.

Nesse contexto, o uso de ferramentas de representação gráfica, como gráficos e diagramas de processo¹⁴, torna-se importante, pois nos permite visualizar, organizar e comunicar planos de trabalho e informações sistematizadas. Essas ferramentas podem ser usadas também como um mapeamento de um processo vivido, ajudando a identificar o que já foi realizado, resultados obtidos e os pontos de melhoria, promovendo uma visão sistêmica dos processos. Tais representações facilitam a comunicação entre as equipes, promovendo uma metodologia de trabalho que transforma procedimentos complexos em representações visuais claras e objetivas, tornando o entendimento e a execução mais intuitivos para todos os envolvidos.

Esta desagregação em temas de contextualização pode se configurar como um primeiro olhar, como uma listagem importante dos diferentes aspectos do tema/problema que se quer tratar; no entanto, entendemos ser necessário organizar estes temas numa representação gráfica que possibilite tanto uma visão mais abrangente dos diferentes aspectos que envolvem o tema/problema, quanto as possíveis relações entre eles. (PÁDUA, 2014, p. 44; grifo do autor).

Pádua (2014) desenvolveu a metodologia denominada mapa de contextualização, que consiste em uma estratégia utilizada desde o início de processos de ensino ou pesquisa. Essa abordagem baseia-se na representação gráfica de um tema ou problema, promovendo a identificação de conexões, fios condutores e inter-relações entre diferentes aspectos. Para a autora, um tema ou problema necessita de uma visão abrangente, para que se tenha uma visão clara de um contexto ou de uma rede de informações – o que ocorre com um processo de trabalho, envolvendo a inter-relação entre etapas, atividades e tarefas, e gera uma complexidade de ações. Davenport (1994, p. 55) define um processo como uma sequência de atividades organizadas cronológica e espacialmente, estruturadas de forma lógica, por meio de um ciclo de ações interconectadas com o objetivo de atingir um resultado comum. O conceito de processo vai além da simples execução de tarefas, sendo essencial para a otimização e a melhoria contínua das ações.

Além disso, é de grande importância para as organizações que buscam a melhoria em seus processos que considerem a importância da criticidade dos mesmos. Identificar os processos críticos é direcionar os esforços para as atividades que necessitam de aperfeiçoamento. (SALGADO, C. C. R. et al., 2013, p. 154)

Dessa forma, apresentamos uma sequência de diagramas e gráficos que auxiliam a visualizar a linha do tempo e a narrativa sobre o processo de levantamento de dados, avaliação e reflexão crítica sobre a Curricularização da Extensão na PUC-Campinas, ilustrando a metodologia de trabalho realizada pela equipe da Gerência Educacional da PROGRAD em 2024. Ao fornecer essas evidências, pretendemos tornar este processo mais claro, possibilitando um exercício de “interpretação”, “análise”, “comparação”, “busca de suposições”, “construção de hipóteses” e “geração de novas ideias” por parte de toda a comunidade acadêmica (PÁDUA, 2014).

¹⁴. Os diagramas são ferramentas úteis para tornar mais acessíveis estratégias de gerenciamento, mapeamentos, guias, avaliações de desempenho, entre outros.

Junto às representações gráficas, são realizadas breves descrições e/ou análises, destacando os conceitos-chave da metodologia adotada.

3. Mapeamento do processo de trabalho e conceitos-chave

O diagrama da Figura 1 mostra uma representação visual geral do processo de trabalho realizado pela equipe PROGRAD no Projeto de Curricularização da Extensão da PUC-Campinas, no ano de 2024, como também de etapas realizadas em 2025. Nele, é possível visualizar duas fases de trabalho: a primeira envolve a escuta ativa junto às escolas (levantamento de dados); o estudo e resgate do histórico da PUC-Campinas desde as primeiras ações à implementação do programa de extensão; o mapeamento detalhado da implementação da curricularização em cada escola, bem como a avaliação e proposição de ajustes aos processos.

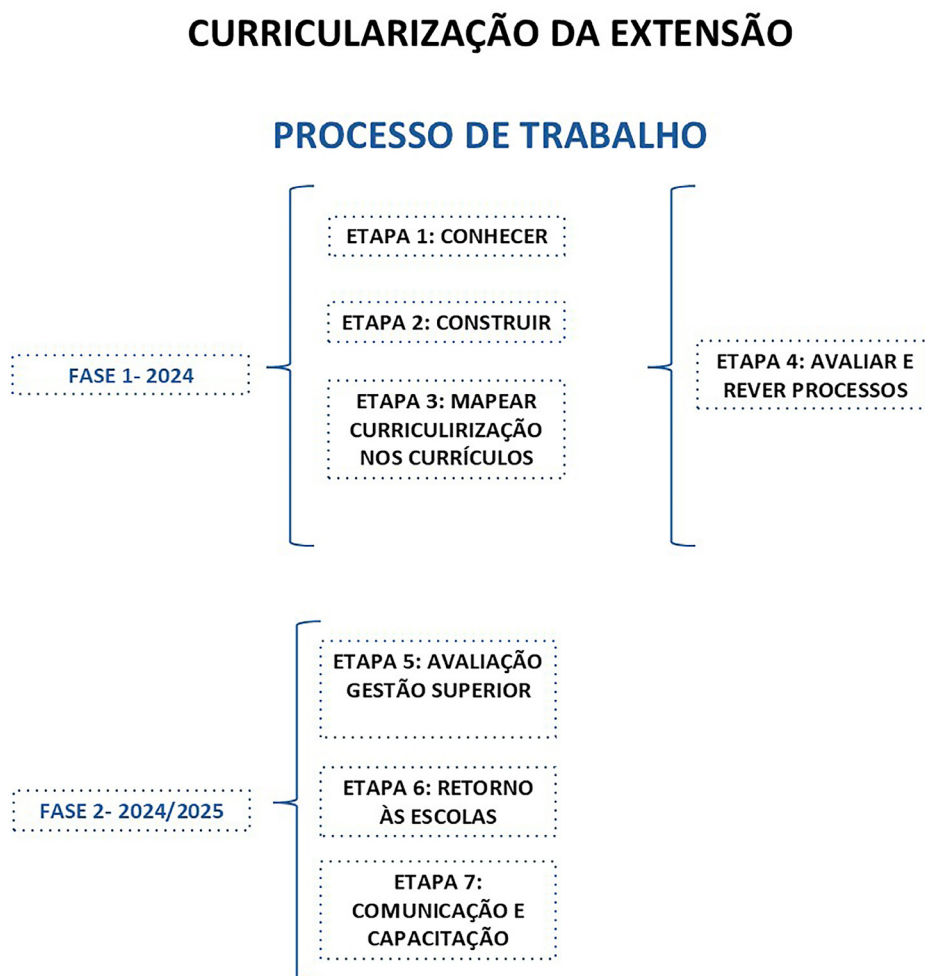


Figura 1. Diagrama geral do processo de trabalho realizado no ano de 2024 (Fase 1 e início da Fase 2) e das etapas realizadas em 2025 (Fase 2).

Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.

A representação visual também estrutura a segunda fase do projeto, iniciada no segundo semestre de 2024, com a avaliação do projeto junto à Gestão Superior e o retorno às Escolas para devolutivas, após uma análise minuciosa dos dados levantados. Uma última etapa, que teve como objetivo a comunicação e a capacitação da equipe gestora e dos docentes, foi realizada no ano de 2025.

QUAIS AS ETAPAS DO PROCESSO DE TRABALHO?

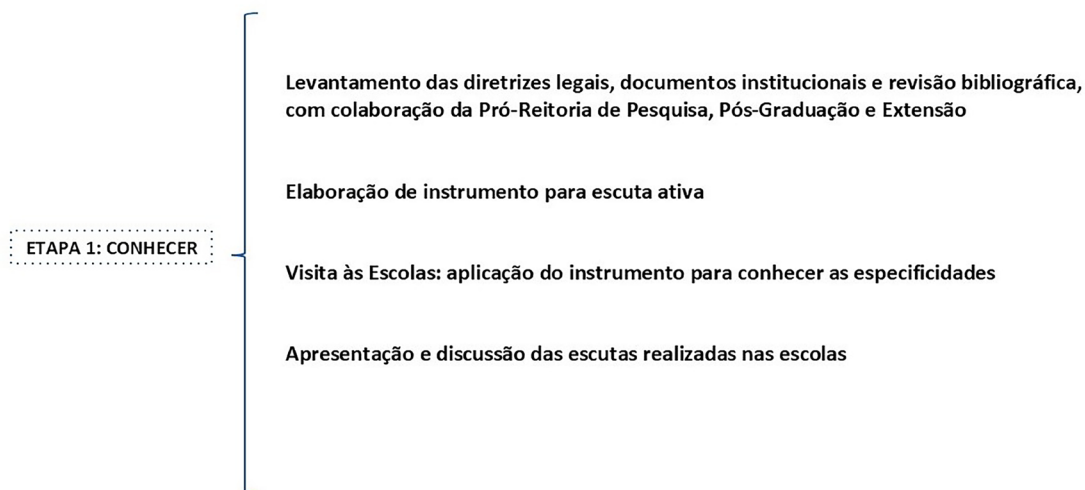


Figura 2- Diagrama que representa os passos da Etapa 1: Conhecer.

Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.

A Etapa 1, denominada “conhecer” (Figura 2), consiste em um olhar atento para os processos implementados na universidade, os quais precisam ser avaliados constantemente. Nesse sentido, consideramos fundamental realizar pesquisas, visitar a bibliografia sobre o tema e resgatar o histórico da extensão na instituição. Além disso, foi indispensável dialogar com os agentes responsáveis pela implementação dos processos de curricularização na universidade nos últimos anos, o que incluiu a realização de visitas às Escolas.

Conforme destacado por Freire (1997) e complementado por Nunes (2023), a escuta ativa vai além do simples ato de ouvir. Para escutar de maneira genuína, é necessário compreender a realidade do outro, suspendendo momentaneamente nossas próprias perspectivas. Essa prática exige uma pausa, um interlúdio que possibilita a construção de pontes entre os sujeitos.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. (FREIRE, 1997, p.128)

Na perspectiva dessa abordagem, foram realizadas visitas às Escolas, seguidas de discussões com a equipe de Assesores de Projetos Educacionais, pesquisa sobre a Curricularização da Extensão e escrita de um artigo. Assim, a escuta configurou-se como um instrumento para conhecer as especificidades de cada escola, identificando resultados positivos e fragilidades (Figura 4), como também uma estratégia de construção coletiva de novas ideias e propostas de melhorias.

QUAL A METODOLOGIA UTILIZADA PARA O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO?

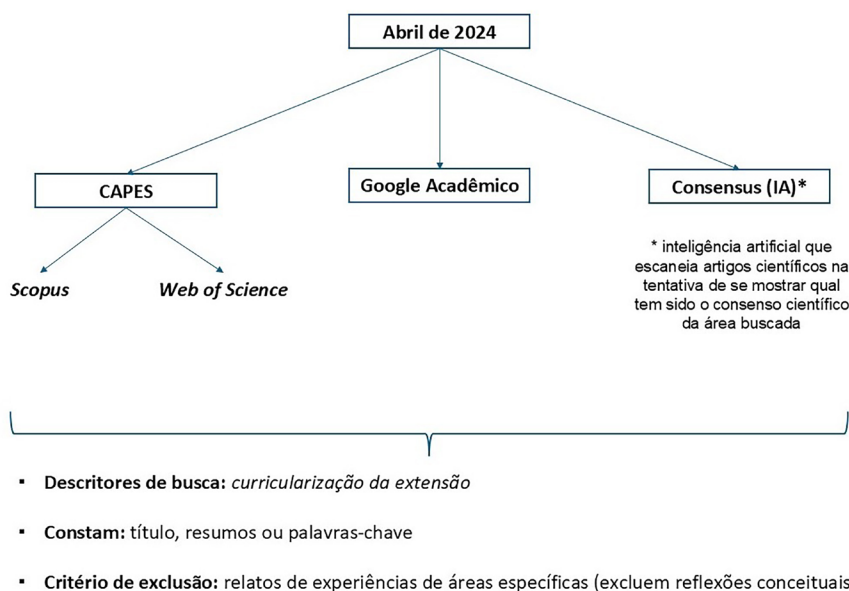


Figura 3. Apresentação de slide que traz um diagrama sobre a metodologia utilizada para o levantamento bibliográfico, assim como detalhes do processo.

Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.

COMO FOI ELABORADO O INSTRUMENTO PARA ESCUTA ATIVA E VISITAS ÀS ESCOLAS?

Objetivo

- Revisitar o que já foi realizado na instituição para conhecer as especificidades da curricularização da extensão por Escola, identificando os resultados positivos e as fragilidades surgidas ao longo do processo.

Metodologia de escuta ativa

- Segundo Nunes (2023) a escuta ativa é uma ferramenta importante de comunicação que exercita uma relação de igualdade através de entendimento sobre o outro.
- Envolve ouvir atentamente as contribuições dos participantes, sem interrupções.

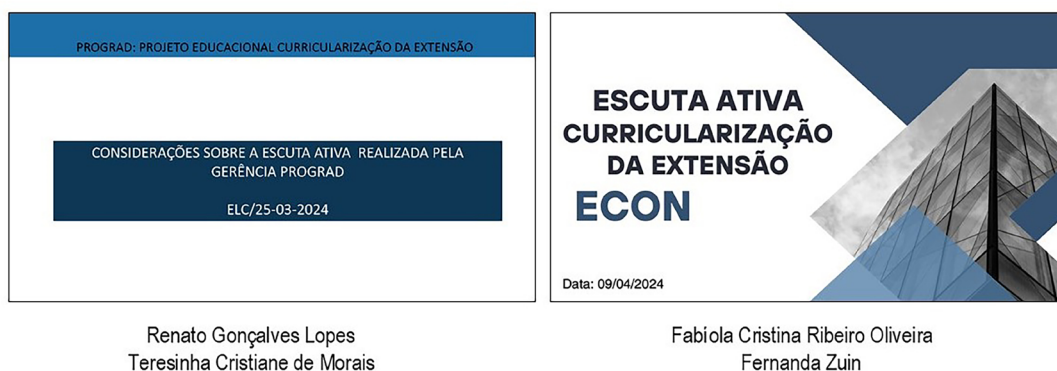
Figura 4. Apresentação de slide que traz de forma clara e sucinta o objetivo da visita às escolas e a metodologia utilizada.

Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.

O levantamento bibliográfico sobre a escuta ativa subsidiou a metodologia de visita às escolas, assim como as propostas de melhorias para as atividades de Curricularização da Extensão na universidade (Figura 4). Além disso, foi realizado um estudo sobre o histórico da extensão da PUC-Campinas e da Curricularização da Extensão no Brasil, a partir de buscas nas plataformas da CAPES, Google Acadêmico e Consensus IA (Figura 3), pesquisa que forneceu subsídios para refletir sobre as práticas extensionistas da PUC-Campinas, alinhando-as às normativas institucionais e à Resolução de 2018. Gadotti (2017), um dos autores pesquisados, provoca uma reflexão ampla ao ressaltar que a Curricularização da Extensão deve transcender os muros universitários, promovendo ações integradas que conectem alunos e professores ao cotidiano das comunidades, com foco na transformação social e na valorização dos saberes locais, valores que vão ao encontro da missão de nossa instituição.

Como foi compartilhado e discutido no grupo de Assessores?

Apresentação e discussão das escutas realizadas nas escolas: slides construídos e apresentados pelos Assessores



Obs: Apresentação e características dos relatórios como ponto de avaliação e direcionamento dos Assessores pela Gerência Educacional

Figura 5. Apresentação de slide que traz registros das apresentações sistematizadas por escola.

Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.

As pesquisas realizadas juntamente com a prática da escuta ativa nas escolas contribuíram para a compreensão de que não há um modelo único para a organização das atividades de extensão. É fundamental que cada instituição e, por que não, cada escola ou curso desenvolva seus próprios caminhos para engajar gestores, docentes, técnicos e discentes nesse processo. Foram identificadas especificidades e uma ampla gama de atividades bem-sucedidas, elementos essenciais para entender as particularidades das modalidades de extensão praticadas pela PUC-Campinas. Nesse contexto, destacaram-se os exemplos de apresentações elaboradas pelos Assessores de Projetos Educacionais (APEs), baseadas nas escutas ativas realizadas em cada escola (Figura 5).

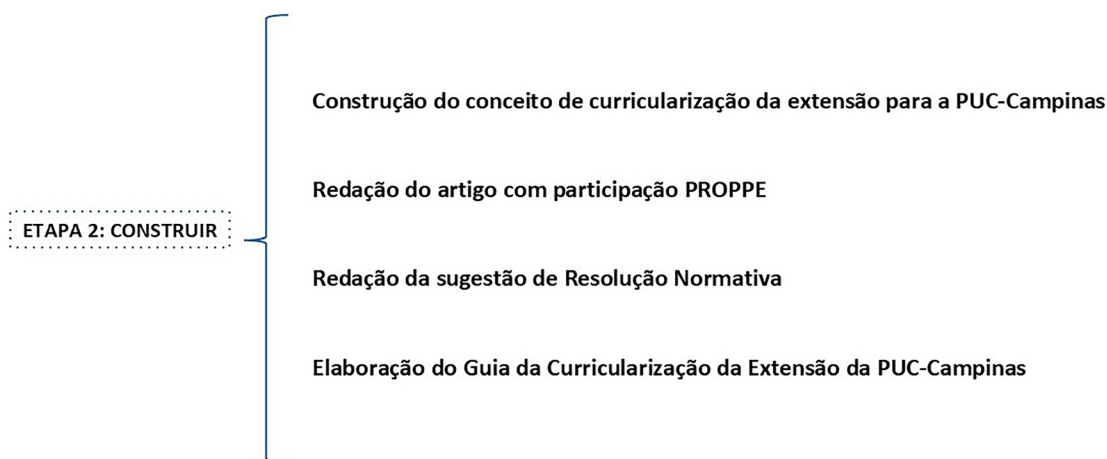


Figura 6- Diagrama que representa os passos da Etapa 2: Construir.

Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.

Sabe-se que a PUC-Campinas tem desenvolvido projetos de Curricularização da Extensão de relevância nos últimos anos. Entretanto, após um ciclo de quatro anos de sua implementação, consideramos fundamental realizar não somente um levantamento das potencialidades e dos avanços como também das suas fragilidades propondo ajustes para minimizar as dificuldades do processo. Neste sentido, com o objetivo de trazer clareza, desenvolvemos o conceito de Curricularização da Extensão na Universidade, dando visibilidade à identidade ou ao jeito PUC-Campinas de fazer Extensão. Além disso, foram criados instrumentos que favorecem a compreensão e otimização dos processos operacionais.

Curricularizar a Extensão Universitária implica aproximar a universidade dos grandes desafios da sociedade, particularmente os desafios da Educação Básica, do desenvolvimento nacional, dos movimentos sociais, das esferas públicas. O currículo não deve ser entendido como um “apêndice” do processo educativo. Ele é resultado de um “caminho percorrido” (significado da palavra “currículo”) da própria educação, que implica escuta, reflexão, elaboração teórica e práxis. Uma política de extensão não extensionista¹⁵ é um grande desafio para a universidade. Trocar ideias com experiências já realizadas, refletir criticamente sobre elas, torna-se necessário para que não se comece tudo de novo (GADOTTI, 2017, p.11).

Nessa perspectiva, alargou-se a ideia de construção como elaboração, o que de fato é, incluindo-se a ideia de criação/co-criação, num processo ao mesmo tempo individual e coletivo, trazendo da escuta ativa realizada na Etapa 1, os elementos-chave para a construção do conceito de Curricularização da Extensão na Universidade.

Entendemos também que essa criação/cocriação não significa começar tudo de novo, conforme nos ensina Gadotti (2017), mas sim partir do que já foi realizado, utilizando a nossa história como base para ajustes, melhorias e inovações. Assim, não se trata de uma ruptura no histórico da extensão na PUC-Campinas, mas uma continuidade, pois temos uma trajetória já consolidada.

¹⁵. Gadotti (2017, p. 2) afirma que existem duas vertentes de Extensão Universitária: “uma mais assistencialista e outra não assistencialista, ou, como também se costuma dizer, uma prática extensionista e outra não extensionista.” A primeira seria a extensão como “transmissão vertical do conhecimento”, ou “serviço assistencial”, em uma concepção “unilateral”. A segunda vertente entende a extensão como “comunicação de saberes”, no sentido do diálogo e da troca.

Sob essa perspectiva, foi proposto que o processo de extensão e sua curricularização tivesse seu registro em forma de artigo, publicado no presente número da Revista Série Acadêmica¹⁶, de modo que o grupo de Assessores Pedagógicos discutiu e propôs uma estrutura inicial para o registro conforme apresentado na figura 7.

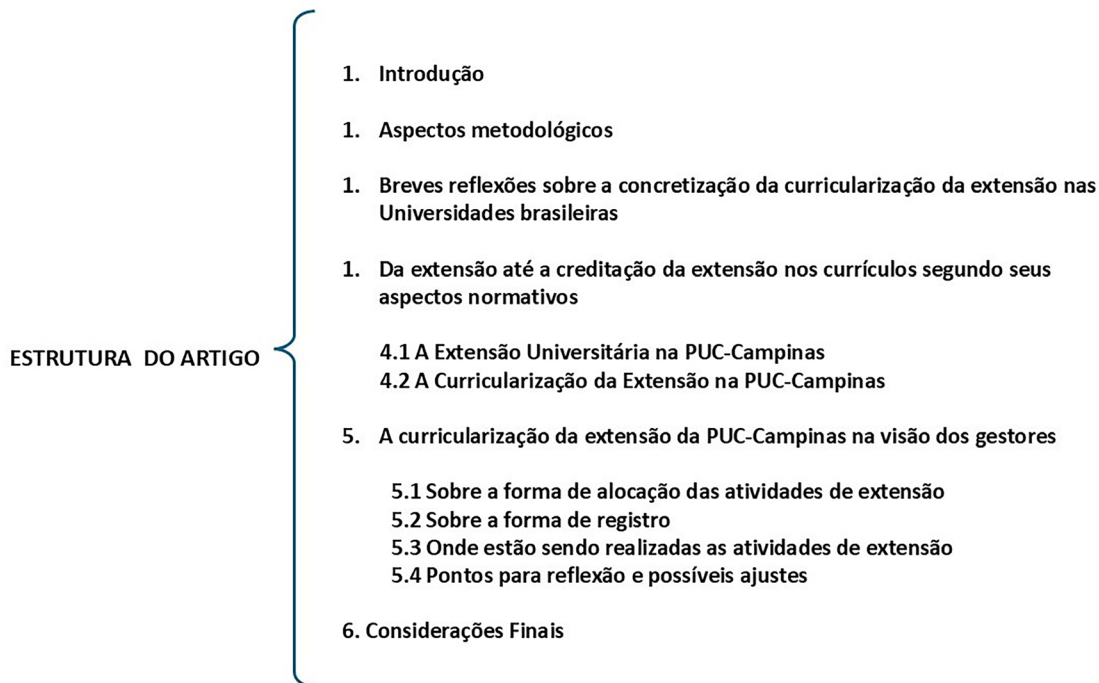


Figura 7. Apresentação de slide que traz a estrutura do artigo sobre o Projeto da Curricularização da Extensão na universidade.
Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.

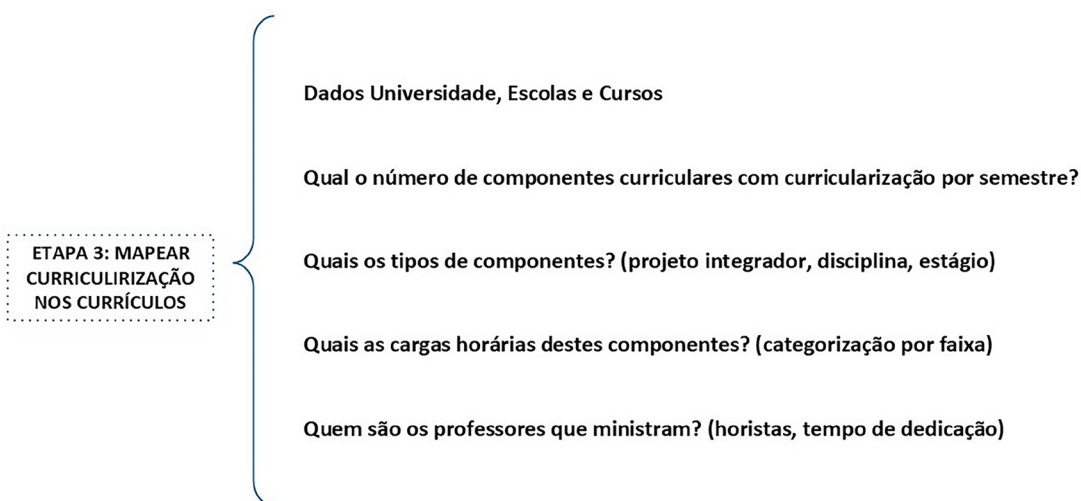


Figura 8. Diagrama que representa os passos da Etapa 3: Mapear a curricularização nos currículos.
Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.

¹⁶. Ver o artigo na página 17.

A Etapa 3, conforme podemos observar no diagrama da figura 8, corresponde à ação de mapear o processo de desenvolvimento da Curricularização da Extensão nos currículos dos cursos de graduação, no que diz respeito não somente a identificar/localizar dados, à maneira de um mapa, mas ao trabalho de contextualizar os componentes curriculares nos respectivos Projetos Pedagógicos, considerando suas diferentes dimensões e especificidades.

Assim, entendemos aqui que o próprio sentido de mapa se amplia, como aponta Pádua,

(...) para além da métrica, da escala, da representação exata, possibilitando a descoberta da contextura, da ligação das partes que formam o todo, ou seja, tomando o sentido literal de contextura, descobrir a maneira de interligar os fios de urdume e de trama num tecido, descobrir o que está tecido junto, compreender sua complexidade". (PADUA, 2014, p.42)

ou seja, mapear como as ações/atividades nomeadas de Curricularização da Extensão estão tramadas/interligadas nas disciplinas, nos projetos integradores, nos estágios e no contexto global dos Projetos Pedagógicos e das Políticas de Graduação e Extensão.

O trabalho de análise e reflexão realizado a partir dos dados do mapeamento nos permitiu compreender a Curricularização da Extensão em um contexto amplo, em sua complexidade, afinal "o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido". (MORIN, 2000, p.36)

O levantamento de dados realizado pelos APES, a pedido da Gerência Educacional, teve por base documentos como os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs), Relatórios dos sistemas SIGA e LYCEUM, Relatório ACAD002 - Currículo Simplificado e Relatório DISCCHEXTENSAO - Disciplinas com carga horária de extensão. Esse levantamento possibilitou um mapeamento detalhado sobre a Curricularização da Extensão nos Cursos, Escolas e Universidade como um todo (figura 8). Tal processo facilitou uma visão ampliada sobre o número de componentes curriculares com curricularização no segundo semestre de 2023 e no primeiro semestre de 2024, assim como os tipos de componentes envolvidos (como projetos integradores, componentes comuns ou estágios), a carga horária destinada à Curricularização da Extensão, além do levantamento dos professores que ministram esses componentes (incluindo o tempo de dedicação).

Note-se que esses dados foram sistematizados visualmente por meio de gráficos e tabelas, que subsidiaram a análise quantitativa da Curricularização da Extensão, como pode ser visto nas figuras 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15.

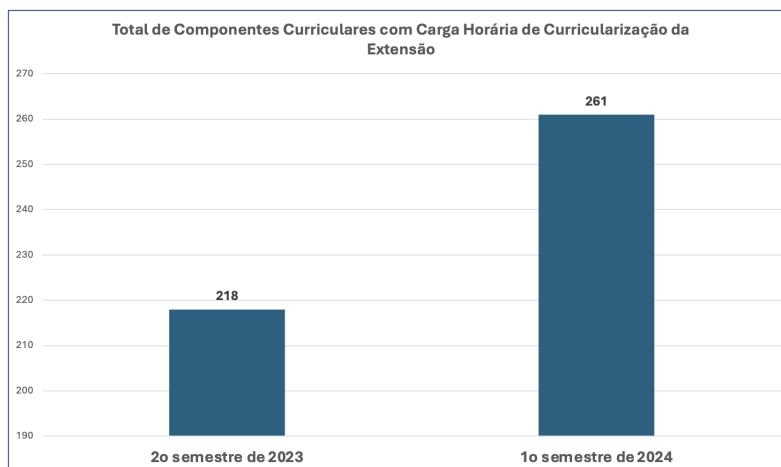


Figura 9. Gráfico do número total de componentes curriculares com carga horária de Curricularização da Extensão na universidade, por semestre (2º semestre de 2023 e 1º semestre de 2024).

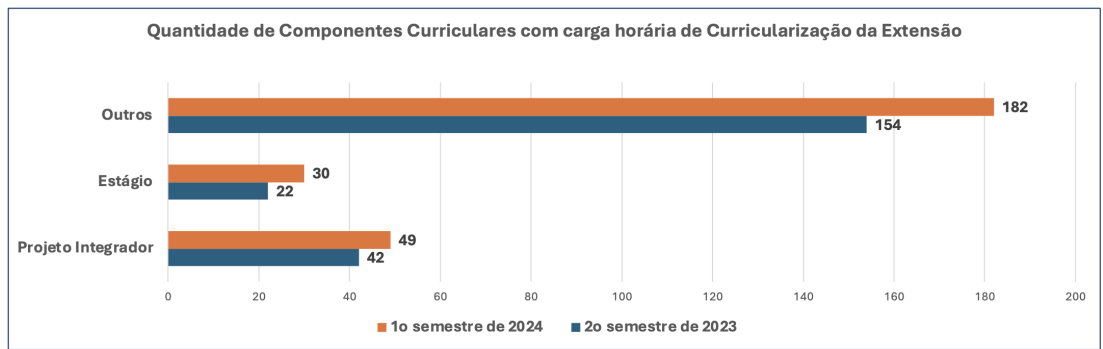


Figura 10. Gráficos da quantidade de componentes curriculares com carga horária de Curricularização da Extensão divididos nas categorias outros (componentes diversos), estágio e projeto integrador, por semestre (2º semestre de 2023 e 1º semestre de 2024).

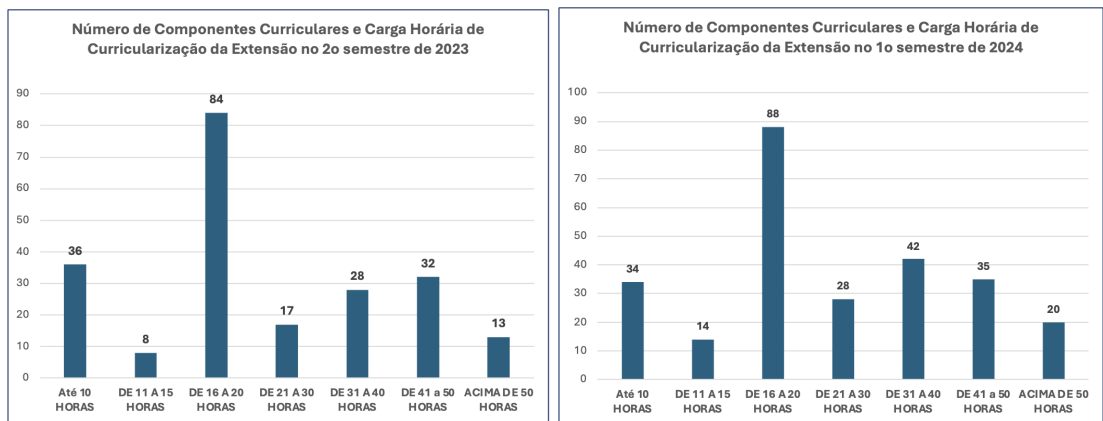


Figura 11. Gráficos sobre o número de componentes curriculares por carga horária de Curricularização da Extensão no 2º semestre de 2023 e no 1º semestre de 2024.

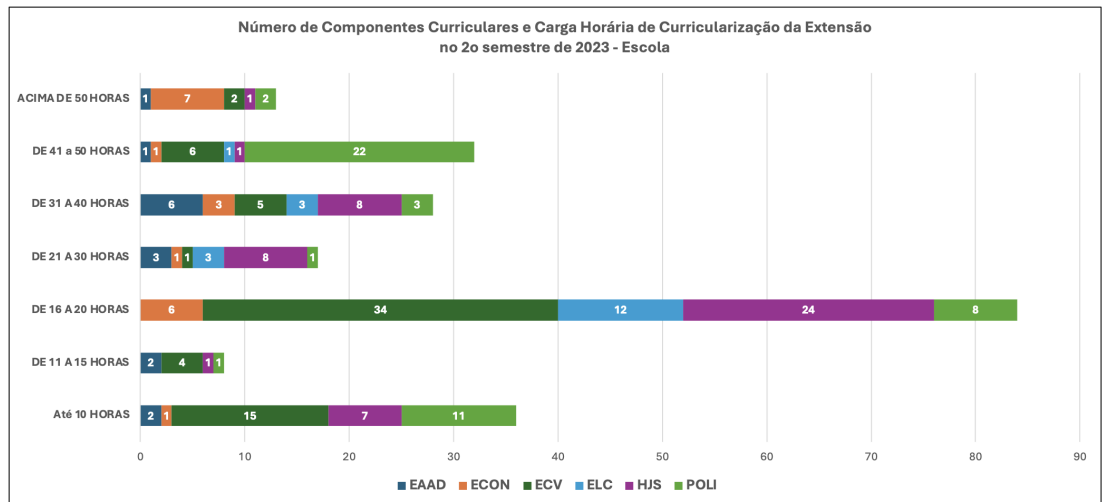


Figura 12. Gráfico do número de componentes curriculares com Curricularização da Extensão no 2º semestre de 2023, por carga horária e Escola.

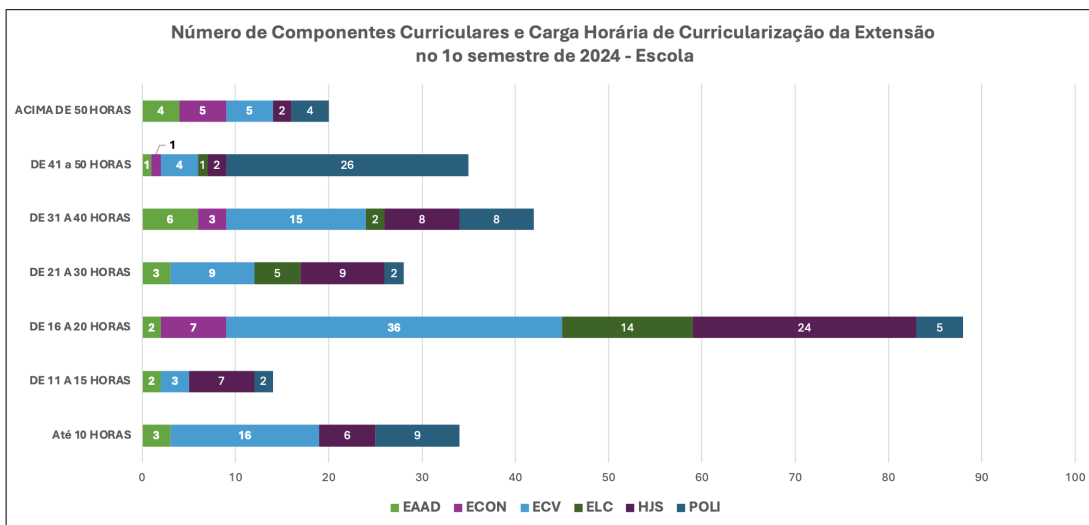


Figura 13. Gráfico do número de componentes curriculares com Curricularização da Extensão no 1º semestre de 2024, por carga horária e Escola.

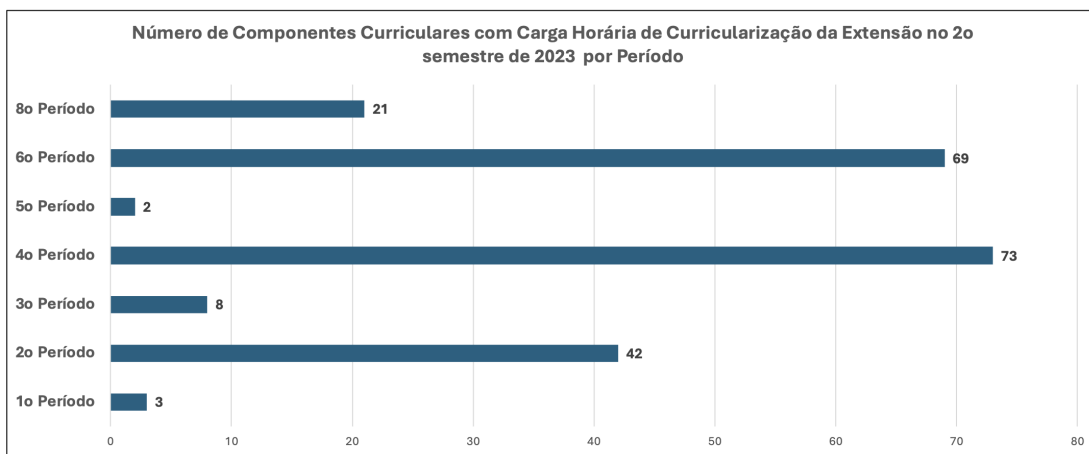


Figura 14. Gráfico do número de componentes curriculares com carga horária de Curricularização da Extensão no 2º semestre de 2023 por período.

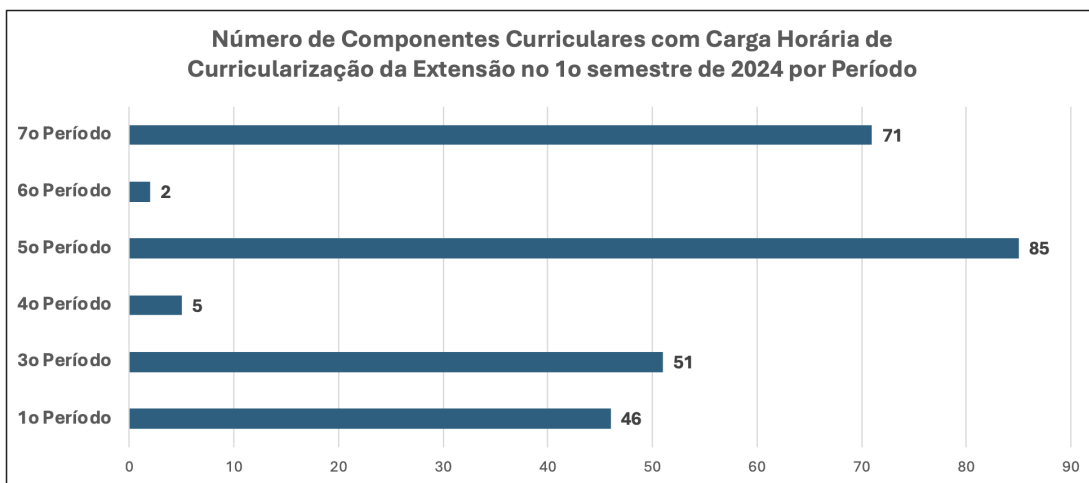


Figura 15. Gráfico do número de componentes curriculares com carga horária de Curricularização da Extensão no 1º semestre de 2024 por período.

Esse levantamento quantitativo serviu como base para subsidiar a análise qualitativa, relacionando-a à escuta ativa realizada (como podemos perceber no slide da Figura 18), em um trabalho minucioso de entrecruzamento das informações coletadas.

Ao analisar os gráficos das Figuras 10 e 11, podemos notar uma fragmentação da distribuição da carga horária reduzida em muitos componentes curriculares, o que pode dificultar o desenvolvimento das atividades de extensão de maneira adequada e aprofundada, como esperado, pela necessidade intrínseca aos projetos de efetivação de diálogo e construção coletiva com a comunidade, cliente ou parceiro – acabando por prejudicar assim a experiência prática do componente.

Uma importante constatação foi da presença de mais de um Componente Curricular por período com poucas horas atribuídas para a Curricularização da Extensão (Figuras 14 e 15), o que pode acarretar uma carga de trabalho excessiva para estudantes e professores e resultar em uma grande quantidade de relatórios e tarefas – situação que poderia afetar o desempenho e a experiência acadêmica dos alunos.

Outra fragilidade identificada, tanto no levantamento numérico (figuras 14 e 15) quanto na referida escuta ativa, foi a concentração de atividades de Curricularização da Extensão nos últimos anos de alguns cursos, com atividades atreladas aos Trabalhos de Conclusão de Curso e aos Estágios. Embora possível e mesmo viável para alguns cursos, pelas suas especificidades, tal acúmulo de responsabilidades nem sempre serve ao componente ou ao momento da formação, tendo afetada a qualidade da experiência extensionista e, em certo sentido, comprometendo parte da aprendizagem dos alunos.

Sobre esse aspecto, merece igualmente um olhar atento à natureza do componente curricular, independentemente da etapa da formação, em que se aloca a Curricularização da Extensão, pois nem todo componente possui ementa e objetivos adequados para atividades extensionistas. A Curricularização da Extensão exige que os componentes tenham, por exemplo, um foco específico em práticas que envolvam a comunidade e aplicação do conhecimento em contextos reais, não apenas em possibilidades didático-pedagógicas.

Por fim, diversos Projetos Integradores com 19 horas aulas presenciais eram responsáveis por administrar uma grande carga de atividades autônomas e de Extensão (Figura 18), o que, em sala de aula, pode dificultar o acompanhamento das atividades pelo docente, tendo em mente que a falta de acompanhamento adequado das atividades autônomas pode prejudicar a qualidade da experiência extensionista e a integração entre teoria e prática.

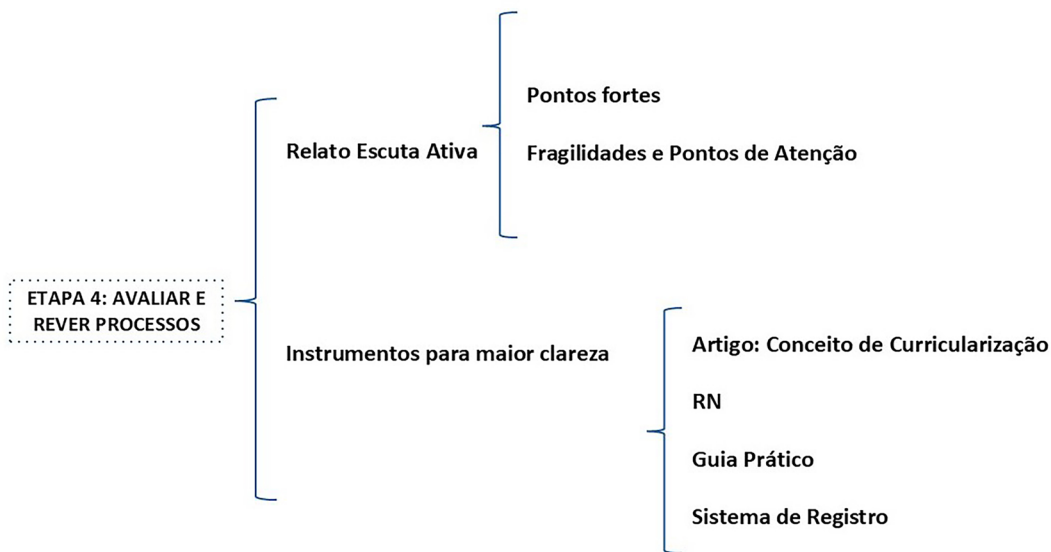


Figura 16. Diagrama que representa os passos da Etapa 4: Avaliar e rever processos.

A Etapa 4, centrada na Avaliação e Revisão dos Processos desencadeados pela Gerência Educacional da PROGRAD, tem por referência a avaliação processual que, no caso da PUC-Campinas, tem sido a diretriz da avaliação, tanto no que se refere aos processos pedagógicos de ensino e de aprendizagem, quanto aos processos voltados para a qualificação de projetos e atividades de gestão acadêmico-administrativa.

Importante lembrar que o entendimento de avaliação processual, que guiou a análise do processo de escuta ativa que será apresentado a seguir, pretende dar ao diagnóstico levantado o caráter de uma autoavaliação que, ao indicar o momento do processo em que nos encontramos e, ao mesmo tempo, as fragilidades que permeiam todo o processo de curricularização, traz a dimensão da transparência, tão cara ao conceito de avaliação processual.

Na proposta de avaliação processual fica nítida a ruptura com a lógica imposta pelo paradigma classificatório, o professor procura estabelecer um diálogo com o aluno e ao agir assim, se dispõe a aprender com ele, rompe barreiras e estabelece laços; vislumbra-se assim a possibilidade de transformação do discurso hegemônico da avaliação na perspectiva de uma avaliação formativa que ocorre durante o processo de aprendizagem/ensino (VILLAS BOAS, 2005, apud. MENDES, MUNHOZ, 2007, p.31)

Mendes e Munhoz (2007) discutem que a avaliação processual ocorre por meio do diálogo, e esse movimento fomentou um ambiente colaborativo, essencial para a escuta ativa. Nesse contexto, fomos capazes de avaliar a Curricularização da Extensão, promovendo uma troca de conhecimentos entre as Escolas. Essa troca não só valorizou as especificidades e iniciativas de sucesso, como também permitiu a construção coletiva de soluções.

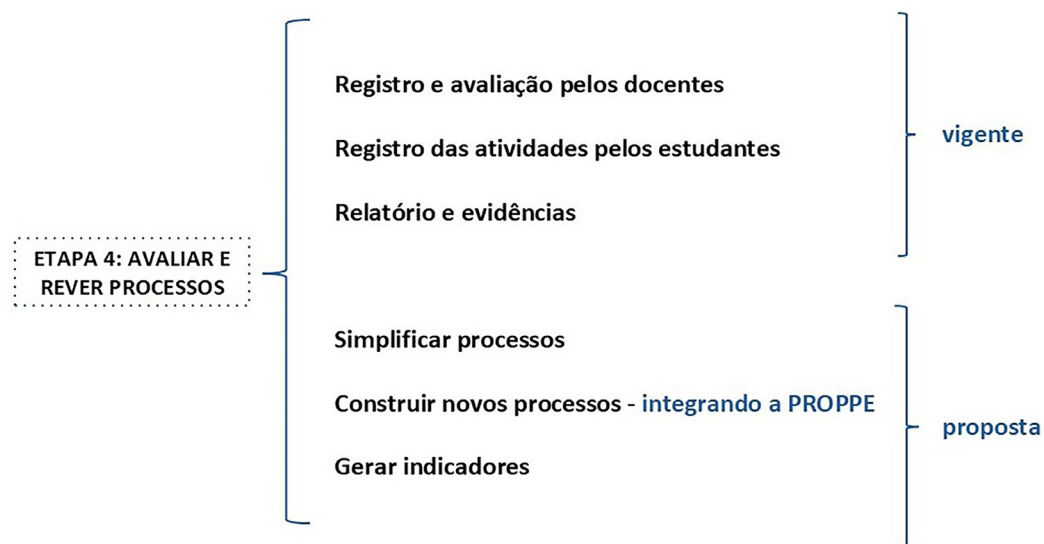


Figura 17- Diagrama que representa os passos da Etapa 4: Avaliar e reverter processos.

Os resultados da escuta ativa foram agrupados em 4 grandes categorias, de forma que o mapeamento indicasse ao mesmo tempo características gerais e pontos de atenção nas seguintes dimensões:

- 1) Forma de alocação das atividades de curricularização (Figura 18);
- 2) Formas de registro (Figura 19);
- 3) Local de realização das atividades (Figura 20);
- 4) Pontos para reflexão, ajustes e sugestões (Figura 21).

Podemos verificar, nas apresentações de slides a seguir (Figuras 18, 19 e 20), um resumo organizado em duas colunas que reúne as principais anotações realizadas a partir da escuta ativa nas Escolas, bem como apontamentos feitos com base nos dados dos gráficos e números levantados no mapeamento.

Na coluna do lado esquerdo, destacada em azul, estão as anotações que enfatizam aspectos operacionais da Curricularização da Extensão na universidade. Já na coluna do lado direito, com destaque em vermelho, são apresentadas as fragilidades e os pontos de atenção, como forma de dar transparência à avaliação realizada, no intuito de promover reflexões e sugerir ajustes, sempre necessários em todo desenvolvimento de processos pedagógicos. Essas sugestões podem ser visualizadas na Figura 21:

SOBRE A FORMA DE ALOCAÇÃO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO – PERGUNTA 1

SÍNTESE DA ESCUTA ATIVA NAS ESCOLAS

- Em diferentes componentes curriculares (disciplinas, estágios, TCCs, Projeto Integrador)
- Com diferentes cargas horárias
- Ao longo do curso
- Projeto Integrador: componente mais indicado
- Especificidades das Escolas: curricularização em outros componentes

FRAGILIDADES E/OU PONTOS DE ATENÇÃO

- Componentes com carga horária muito reduzida, não possibilita desenvolvimento adequado da curricularização da extensão
- Mais de um componente curricular por período, com poucas horas, sobrecarga de relatórios para o estudante
- Sobrecarga de curricularização no último ano dos cursos (TCC, Estágios)
- Componente deve ter perfil para extensão
- Projetos Integradores: 19h presenciais, restante autônoma e de extensão (acompanhamento?)

Figura 18. Apresentação de slide que traz uma síntese da escuta ativa nas Escolas, assim como das fragilidades e pontos de atenção sobre a forma de alocação das atividades de extensão.

SOBRE A FORMA DE REGISTRO – PERGUNTA 2

SÍNTESE DA ESCUTA ATIVA NAS ESCOLAS

- Canvas (sala blue print a partir de 2023)
- Relatório modelo Prograd
- Ficha de horas modelo Prograd
- Evidências
- Relatório: instrumento burocrático e complexo
- Forms: não é adequado para um instrumento de autoavaliação institucional
- Dificuldades pelos docentes

FRAGILIDADES E/OU PONTOS DE ATENÇÃO

- Perda de autonomia no gerenciamento da sua sala Canvas
- Diretor não acompanha, pois não compartilha sala do Canvas com o docente
- Itens publicados para os estudantes geram dúvidas
- Devido a complexidade, docentes fazem um modelo do relatório e estudantes preenchem alguns itens
- Responsável pela compilação dos dados GTI (Gerência de TI)
- Gestão: não é possível criar indicadores de curricularização da extensão. Ex.: 261 x 20 = 5.220

Figura 19. Apresentação de slide que traz uma síntese da escuta ativa nas Escolas, assim como das fragilidades e pontos de atenção.

SOBRE ONDE AS ATIVIDADES ESTÃO SENDO REALIZADAS – PERGUNTA 3

The slide is divided into two main sections, each enclosed in a dotted border. The left section, titled 'SÍNTESE DA ESCUTA ATIVA NAS ESCOLAS', lists various locations and partners for activities. The right section, titled 'FRAGILIDADES E/OU PONTOS DE ATENÇÃO', lists several challenges and attention points.

SÍNTESE DA ESCUTA ATIVA NAS ESCOLAS	FRAGILIDADES E/OU PONTOS DE ATENÇÃO
<ul style="list-style-type: none">▪ Realizada na comunidade externa▪ Contempla especificidades de cada Curso▪ Parceiros Internos: Ligas Acadêmicas, MESCLA, Vitalitá, Cozinha Escola, Práticas Jurídicas e o Observatório da PUC-Campinas.▪ Parceiros Externos: Organizações Não Governamentais; Organizações da Sociedade Civil; Paróquias, Escolas públicas e particulares; Prefeituras e Secretarias Municipais; Instituições das redes públicas de saúde; Museus e Arquivos públicos; Defesa Civil; Fundações e importantes empresas localizadas na Região Metropolitana de Campinas.	<ul style="list-style-type: none">▪ Desafio: estudantes do noturno▪ É obrigatório convênio?▪ Deslocamento do estudantes até o local▪ É obrigatória supervisão docente no local?▪ Professores horistas? Ponto de muita atenção!

Figura 20. Apresentação de slide que traz uma síntese da escuta ativa nas Escolas, assim como das fragilidades e pontos de atenção.

PONTOS PARA REFLEXÃO E POSSÍVEIS AJUSTES – PERGUNTA 4

-
- The slide is enclosed in a dotted border and lists several points for reflection and possible adjustments.
- Possibilidade de em alguns casos serem realizadas nos Campi. Ex: oferecimento de oficinas para alunos de colégios públicos que visitam os campi na Semana Nacional de Ciência e Tecnologias (SNCT) ou Feira de Ciências
 - Aprimorar mecanismos de financiamento das atividades curricularização. Ex.: Interno – ônibus; Externo – fomento
 - Premiação dos melhores projetos
 - Possibilidade de projeto “guarda-chuva”, em algumas Escolas
 - Especificidades de Escolas, Cursos e áreas de conhecimento
 - Insegurança quanto ao que pode ou não ser considerado curricularização da extensão
 - Qualificar a discussão institucional para melhor compreensão da curricularização da extensão
 - Cuidado para gerar expectativas na comunidade que não poderão ser atendidas

Figura 21. Apresentação de slide que traz reflexões e propostas de ajuste.

Uma das sugestões apresentadas (Figura 22) é a melhoria e a revisão dos processos de registro e avaliação da Curricularização da Extensão. Atualmente, os registros são realizados por meio da entrega de relatórios com o registro de horas em tarefas na sala de aula virtual do componente curricular, utilizando a plataforma Canvas.

Como alternativa, sugerimos a implementação de uma nova plataforma para o gerenciamento e registro das atividades dos projetos de Curricularização da Extensão, nos mesmos moldes do sistema presente na instituição para registros e acompanhamento dos estágios obrigatório e não obrigatório e das monitorias. O objetivo é oferecer uma maior simplicidade no

processo de registro, agilidade no levantamento posterior de dados e maior visibilidade sobretudo do que está sendo realizado na universidade, garantindo maior eficiência e organização no acompanhamento das ações de Extensão, sem interferir na autonomia do professor em relação ao gerenciamento da sua sala no Canvas

Nesse contexto, no segundo semestre de 2025 iniciou-se um importante projeto para criação de um sistema próprio de gerenciamento da Curricularização da Extensão da PUC-Campinas, através de uma parceria da PROGRAD com empresa especializada.

AVALIAR E REVER PROCESSOS DE REGISTRO E AVALIAÇÃO: APRESENTAÇÃO A PARTE

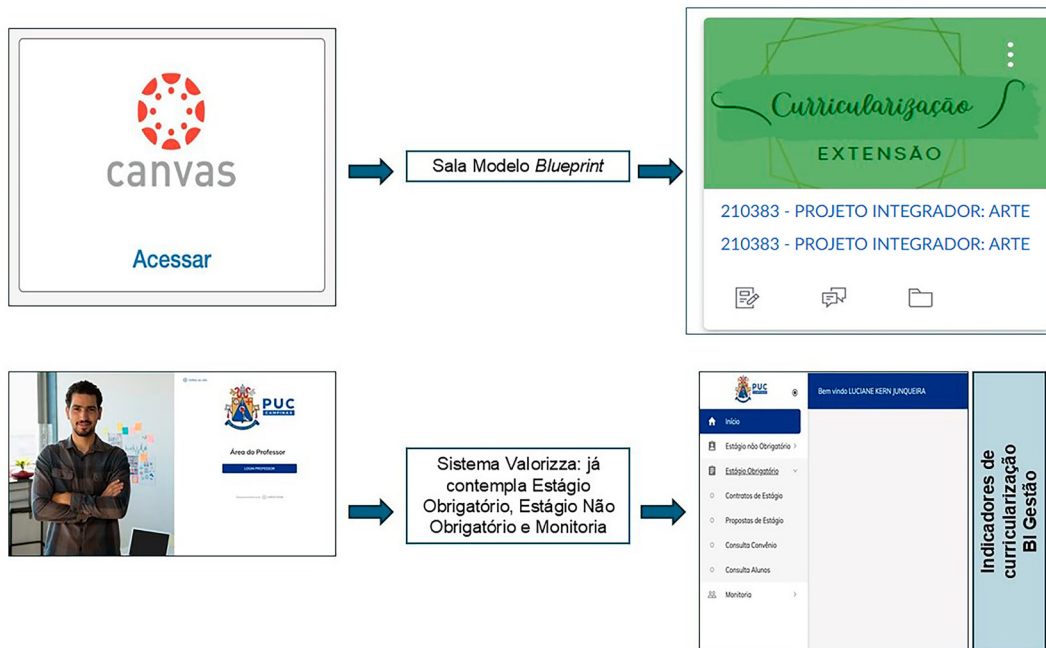


Figura 22. Apresentação de slide que traz avaliação do sistema atual de registro das atividades e nova proposta.

Como observa Gadotti,

A escola precisa ter projeto, precisa de dados, precisa fazer sua própria inovação, planejar-se a médio e a longo prazos, fazer sua própria reestruturação curricular, elaborar seus parâmetros curriculares, enfim, ser cidadã. As mudanças que vêm de dentro das escolas são mais duradouras. Da sua capacidade de inovar, registrar, sistematizar a sua prática/experiência, dependerá o seu futuro. Nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos. (GADOTTI, 2000, pp.8-9).

As propostas de melhoria para o registro e a avaliação da Curricularização da Extensão, através do desenvolvimento de uma solução própria por parte da universidade, refletem o compromisso com a inovação e a eficiência no ambiente acadêmico, alinhando-se à visão de uma escola cidadã que valoriza a capacidade de planejar, registrar e transformar práticas educacionais de forma duradoura (GADOTTI, 2000).

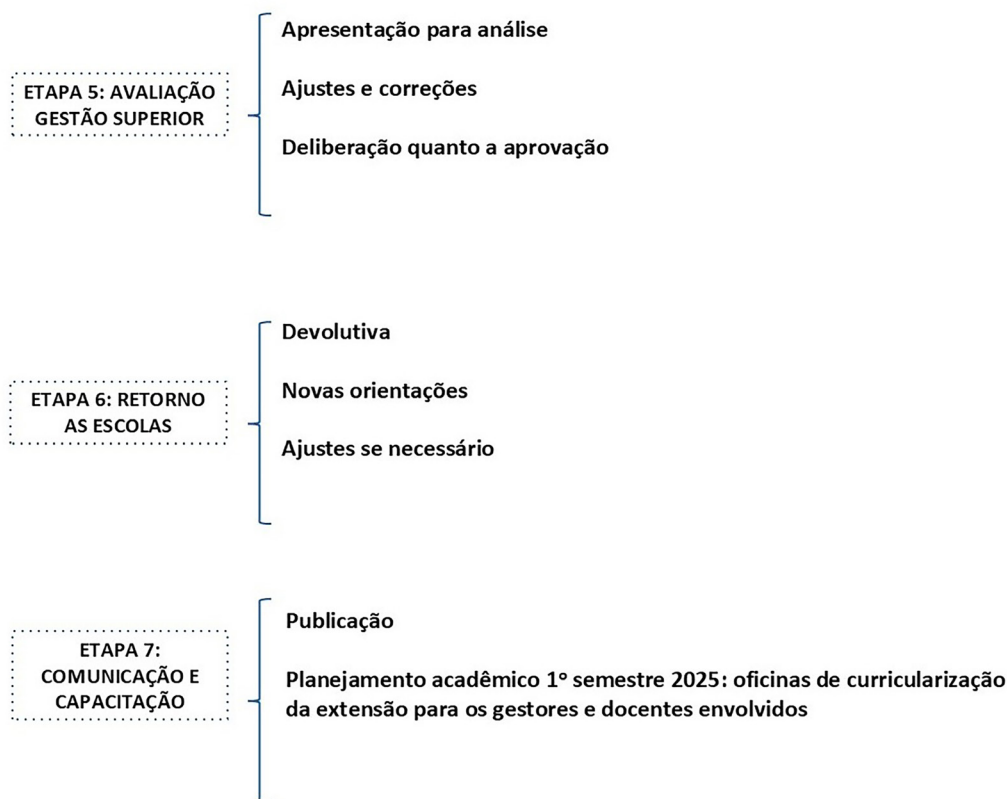


Figura 23. Diagrama que representa as Etapas 5, 6 e 7, que fazem parte da Fase 2 do projeto. As Etapas 5 e 6 foram realizadas no segundo semestre de 2024 e a Etapa 7 será desenvolvida em 2025.

Todo o trabalho realizado pela Gerência Educacional e pela Pró-Reitoria de Graduação foi apresentado para avaliação da Gestão Superior, quando foi realizada uma análise minuciosa, seguida de ajustes, correções e deliberações (Etapa 5, figura 23). Ao final do segundo semestre de 2024, foi realizada uma devolutiva às Escolas (Etapa 6, figura 23), com a presença da Prof^ª. Dra. Cyntia Belgini Andretta (Pró-Reitoria de Graduação), da Prof^ª. Dra. Alessandra Borin Nogueira (Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão), da Prof^ª Dra. Luciane Kern Junqueira (Gerente Educacional) e da Prof^ª. Dra. Vera Lúcia dos Santos Plácido (Gerente de Extensão). Durante as reuniões, foi realizada uma devolutiva detalhada das análises, com explicações sobre os ajustes necessários para aprimorar os processos, especialmente no que diz respeito à distribuição da carga horária de Curricularização da Extensão nos componentes curriculares. Além disso, foram compartilhadas as perspectivas para 2025, como um plano de ação que inclui o trabalho de comunicação e capacitação (Etapa 7 – Figura 23) de todos os envolvidos no processo de Curricularização da Extensão.

Em janeiro de 2025, foi realizado um mapeamento e revisão dos currículos vigentes e/ou em fase de extinção, com o objetivo de garantir que a Curricularização da Extensão fosse alocada prioritariamente em Projetos Integradores ou componentes curriculares afins. Nos casos em que esses componentes curriculares não existissem, a carga de Curricularização da Extensão foi desenvolvida em um novo formato denominado “Projetos Imersivos”.

Nos Projetos Imersivos, os estudantes foram organizados em grupos, levando em consideração a carga horária de Curricularização da Extensão a ser cumprida no seu curso. Além disso, os discentes foram consultados sobre a escolha do turno para a realização das atividades presenciais ou remotas síncronas (manhã, tarde, noite ou sábado). Para viabilizar esse processo, foi criada uma estrutura específica de acompanhamento e monitoramento das atividades na plataforma AVA Canvas. Para tanto, foram criadas 28 salas virtuais no Canvas, organizadas conforme a seguinte distribuição:

Quadro 1: Distribuição de turmas no AVA Canvas segundo Faixa de Carga horária e turno de preferência.

Faixa de CH	Grupo	Turno	Turma no Canvas
10h - 20h	1	Manhã	1
		Tarde	2
		Noite	3
		Sábado	4
21h - 40h	2	Manhã	5
		Tarde	6
		Noite	7
		Sábado	8
41h - 60h	3	Manhã	9
		Tarde	10
		Noite	11
		Sábado	12
61h - 80h	4	Manhã	13
		Tarde	14
		Noite	15
		Sábado	16
81h - 100h	5	Manhã	17
		Tarde	18
		Noite	19
		Sábado	20
101h - 120h	6	Manhã	21
		Tarde	22
		Noite	23
		Sábado	24
121h +	7	Manhã	25
		Tarde	26
		Noite	27
		Sábado	28

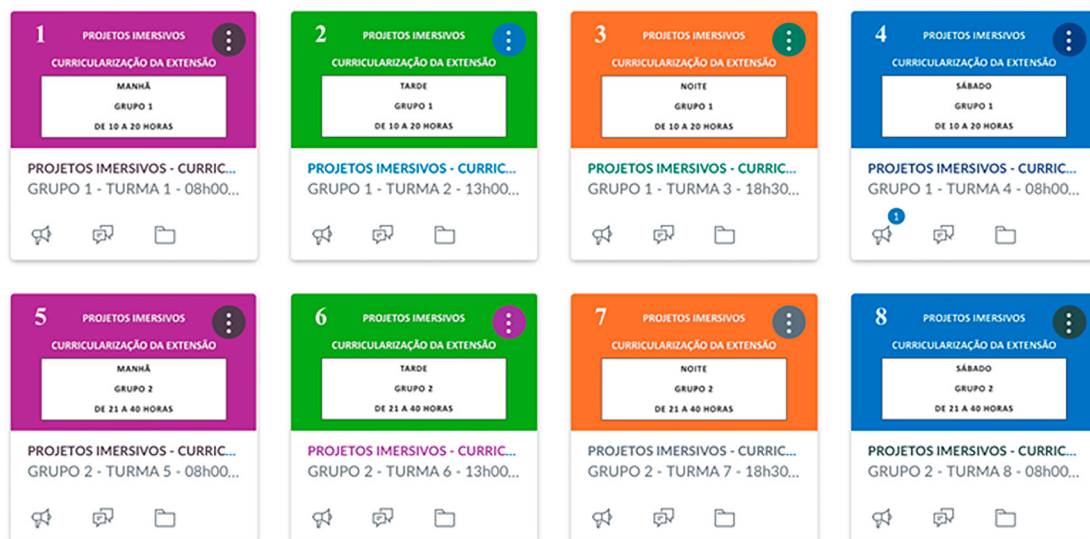


Figura 24 – Exemplo de salas criadas no AVA Canvas para o desenvolvimento dos Projetos Imersivos

A “metodologia imersiva” aplicada nos projetos foi desenvolvida pelo Prof. Dr. Everton Silveira responsável pelo Programa de Desenvolvimento Humano e Integral (PDHI) da Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão. A partir de oito níveis claramente definidos, estruturou-se uma aproximação gradual e reflexiva dos estudantes com a realidade social, culminando na proposição de intervenções práticas alinhadas aos princípios da extensão universitária.

1º e 2º Níveis – Contato Inicial com o Tema e Contextualização

- Apresentação geral dos programas institucionais de extensão e suas respectivas abordagens temáticas;
- Discussão sobre as bases legais e normativas que sustentam a extensão universitária no Brasil;
- Análise detalhada das diretrizes metodológicas e contextos sociais específicos abordados pelos programas;
- Exploração e análise crítica de dados econômicos, etnográficos e sociais que embasam o entendimento das realidades estudadas;
- Identificação e reflexão sobre comportamentos e discursos discriminatórios, inclusivos e excludentes nos cenários da prática extensionista.

3º Nível – Percepções e Representações da Realidade

- Produção de vídeos curtos (15 a 20 minutos) relacionados aos temas dos programas de extensão;
- Diálogos com referências comunitárias para compreender as particularidades locais;
- Apresentação e discussão de elementos concretos das realidades abordadas;
- Promoção da empatia e sensibilização dos discentes frente às comunidades atendidas;
- Estímulo à discussão crítica sobre desafios sociais identificados nos contextos de atuação.

4º Nível – Aprofundamento Acadêmico e Pesquisa Inicial

- Realização de pesquisas exploratórias e produção de artigos simples, documentando os resultados obtidos;
- Desenvolvimento de uma proposta preliminar de projeto de intervenção, considerando viabilidade e potencial impacto;
- Discussões orientadas sobre as práticas simuladas e sua aplicabilidade real.

5º Nível – Simulação e Estruturação de Projetos de Intervenção

- Os grupos identificam e apresentam problemas específicos, propondo intervenções estruturadas, simuladas por meio de projetos detalhados contendo objetivos, justificativas, metodologias e resultados esperados.

6º Nível – Avaliação 360º e Seleção de Projetos para Implementação

- Realização do evento “CAMP de Avaliação 360º”, em que cada grupo avalia os projetos desenvolvidos por seus pares;
- Elaboração de pareceres analíticos fundamentados em critérios institucionais pré-definidos;
- Seleção dos projetos considerados mais adequados para implementação efetiva nos programas de extensão universitária.

7º Nível - Escolha da ação

- Em desenvolvimento, conforme conclusão da etapa anterior.

8º Nível - Efetivação do Projeto

- Em desenvolvimento, conforme conclusão da etapa anterior.

Os níveis relatados podem ser visualizados através do gráfico de funil apresentado na figura 25.

Cone para Ações imersivas- Atividades Complementares

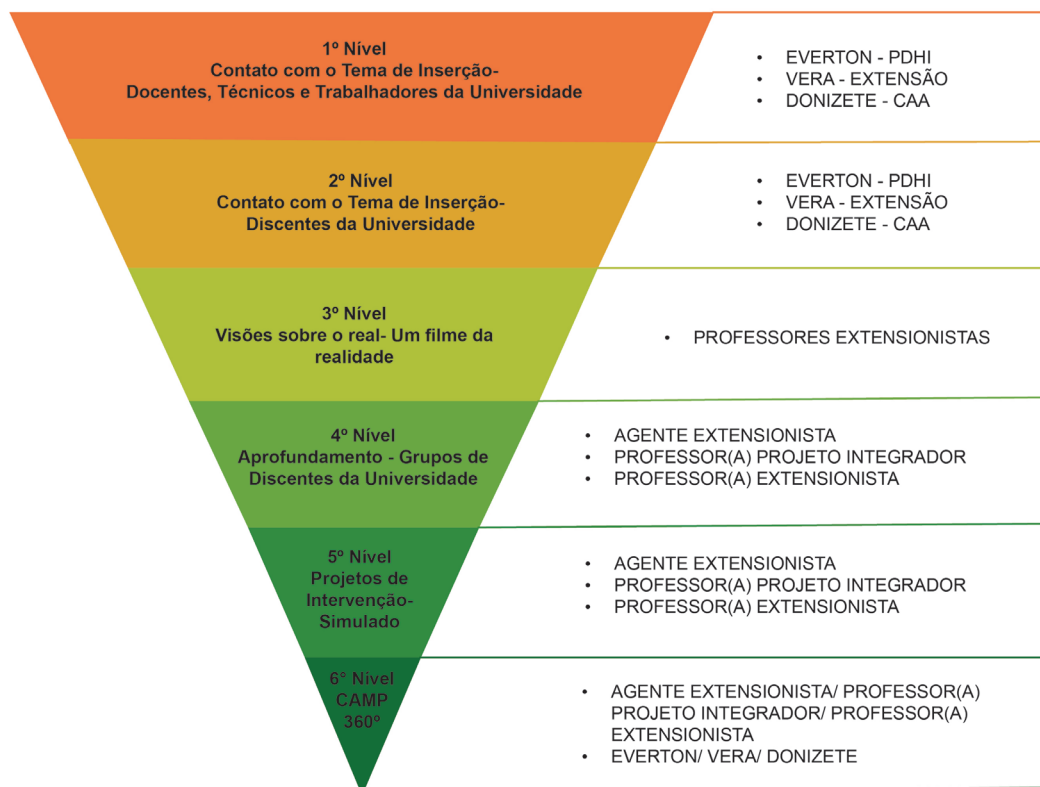


Figura 25 – Metodologia estruturada em funil

Os alunos, então, percorreram o funil de acordo com a quantidade de horas que deveriam cumprir de Curricularização da Extensão. As atividades previstas para cada grupo estão listadas no quadro 2.

Quadro 2: atividades de extensão previstas para grupos de alunos

Bloco de CH	Atividades Principais	Carga Horária Distribuída
GRUPO 1 (10h - 20h)	Capacitação Inicial - Aula Teórica	6h (Capacitação)
	Materiais Audiovisuais	6h (Estudo Dirigido)
	Estudo Dirigido e Fichamento de Leitura	4h (Reflexão Diagnóstica)
	Reflexão sobre o Diagnóstico da Realidade	4h (Síntese Reflexiva)
	Relatório Reflexivo sobre Aprendizados	

GRUPO 2 (21h - 40h)	<p>Todas as atividades anteriores</p> <p>Participação em Video-Debates sobre a Realidade Social</p> <p>Construção de um Diagnóstico Social Local</p> <p>Relatório Final sobre Aprendizados e Conexões</p>	<p>6h (Capacitação)</p> <p>6h (Estudo Dirigido)</p> <p>6h (Diagnóstico Social)</p> <p>8h (Video-Debate e Reflexão)</p> <p>6h (Relatório Final)</p>
GRUPO 3 (41h - 60h)	<p>Todas as atividades anteriores</p> <p>Planejamento de um Projeto de Intervenção</p> <p>Sistematização dos Dados Coletados</p> <p>Desenvolvimento de uma Proposta de Ação Comunitária</p>	<p>6h (Capacitação)</p> <p>6h (Estudo Dirigido)</p> <p>8h (Diagnóstico Social)</p> <p>10h (Planejamento de Intervenção)</p> <p>8h (Sistematização de Dados)</p> <p>10h (Proposta de Ação)</p>
GRUPO 4 (61h - 80h)	<p>Todas as atividades anteriores</p> <p>Participação na Avaliação 360° de Projetos</p> <p>Elaboração de Estratégias de Aplicação do Projeto</p> <p>Preparação de um Produto (Apresentação ou Relatório)</p>	<p>6h (Capacitação)</p> <p>6h (Estudo Dirigido)</p> <p>10h (Diagnóstico Social)</p> <p>10h (Planejamento de Intervenção)</p> <p>10h (Avaliação 360°)</p> <p>8h (Estratégias de Aplicação)</p> <p>10h (Produto)</p>
GRUPO 5 (81h - 100h)	<p>Todas as atividades anteriores</p> <p>Desenvolvimento e Simulação da Intervenção</p> <p>Envolvimento Comunitário para Validação do Projeto</p> <p>Refinamento do Plano de Execução</p>	<p>6h (Capacitação)</p> <p>6h (Estudo Dirigido)</p> <p>10h (Diagnóstico Social)</p> <p>12h (Planejamento de Intervenção)</p> <p>10h (Avaliação 360°)</p> <p>10h (Estratégias de Aplicação)</p> <p>12h (Simulação da Intervenção)</p> <p>12h (Envolvimento Comunitário)</p>

		6h (Capacitação)
		6h (Estudo Dirigido)
		10h (Diagnóstico Social)
	Todas as atividades anteriores	12h (Planejamento de Intervenção)
GRUPO 6 (101h - 120h)	Implementação Parcial do Projeto	
	Avaliação Prática e Ajustes Finais	12h (Avaliação 360°)
	Participação em Seminários e Fóruns sobre Impacto Social	12h (Estratégias de Aplicação)
		14h (Execução Parcial)
		12h (Avaliação Prática)
		12h (Seminários e Fóruns)

		6h (Capacitação)
		6h (Estudo Dirigido)
		10h (Diagnóstico Social)
	Todas as atividades anteriores	12h (Planejamento de Intervenção)
GRUPO 7 (121h +)	Aplicação Integral do Projeto na Comunidade	
	Construção de Relatórios de Impacto	12h (Avaliação 360°)
	Apresentação de Resultados para a Universidade e a Comunidade	12h (Estratégias de Aplicação)
	Desenvolvimento de Estratégias de Sustentabilidade para o Projeto	16h (Execução Plena)
		14h (Avaliação Final e Relatório)
		14h (Apresentação de Resultados)
		14h (Sustentabilidade do Projeto)

Além dos Projetos Imersivos realizados em parceria com o Programa de Desenvolvimento Humano Integral (PDHI – um ecossistema acadêmico-social comprometido com comunidades vulnerabilizadas), foram realizados diversos projetos de Curricularização da Extensão incorporados nos componentes curriculares dos Projetos Integradores. Muitos desses projetos contam com a colaboração de programas institucionais da PUC-Campinas, tais como o Vitalità (Centro de Envelhecimento e Longevidade), o Centro de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros Dra. Nicéa Quintino Amauro (CEAAB – unidade dedicada ao enfrentamento do racismo estrutural e institucional, promoção da diversidade cultural e ações afirmativas voltadas à educação étnico-racial), o Pro-Habitat (voltado para práticas urbanísticas e habitação), o Observatório PUC-Campinas (responsável por estudos socioeconômicos da Região Metropolitana de Campinas), o Manacás (programa que desenvolve tecnologias para projetos e objetos digitais de aprendizagem) e o Mescla (programa de inovação e empreendedorismo).

Paralelamente, diversas faculdades e cursos da universidade também desenvolveram projetos de Curricularização da Extensão de forma independente, sem a intermediação dos programas institucionais. Essas iniciativas incluem atividades realizadas por ligas acadêmicas, parcerias com paróquias, hospitais, centros de saúde e outras instituições dos setores público e privado.

Dessa forma, a Curricularização da Extensão no primeiro semestre de 2025 consolidou-se por meio de uma abordagem bipartite: Projetos Integradores (desenvolvidos em parceria com os programas institucionais ou aqueles desenvolvidos em parcerias externas) e Projetos Imersivos.

Diante desses cenários, no final de março de 2025, foi definido um novo agente na Universidade: o Assessor Extensionista. Esse profissional é responsável pela articulação dentro das Escolas e com parcerias externas, além da validação de horas de atividades extensionistas quando necessário. Entre suas atribuições, destacam-se: articular os projetos de Curricularização da Extensão no âmbito da Escola; mapear ações e propor melhorias; validar as cargas horárias cumpridas; e atuar como multiplicador dos conhecimentos de extensão, recebendo capacitação da equipe da PROGRAD e da PROPPe. O Assessor Extensionista também é responsável por disseminar, entre os professores, especialmente os de Projeto Integrador, informações sobre os Programas Institucionais e/ou parcerias externas, empresas, organizações da sociedade civil (OSCs), poder público, assistência jurídica, clínicas especializadas e demais áreas da Universidade que realizam prestação de serviços e atividades extensionistas, incluindo o Hub de Inserção Social.

Dessa forma, também como parte da Etapa 7, está prevista a publicação de uma Resolução Normativa (RN) com o objetivo de formalizar as diretrizes e os procedimentos da Curricularização da Extensão, estabelecendo um marco regulatório claro e seguro para sua aplicação na Universidade. Igualmente, será publicado um “Guia de Curricularização da Extensão”, trazendo orientações sobre a implementação, avaliação e monitoramento das atividades de extensão no currículo, oferecendo suporte a gestores e professores sem engessar os processos ou as iniciativas já consolidadas.

A presente Revista também faz parte da meta de esforço de comunicar e formar a comunidade acadêmica, como mais um instrumento que visa apresentar diretrizes, garantindo transparência e engajamento da comunidade acadêmica no desenvolvimento da Curricularização da Extensão.

Logo, como parte do processo de formação continuada de professores, oficinas sobre a Curricularização da Extensão foram realizadas durante o planejamento pedagógico do segundo semestre de 2025, voltadas para gestores, assessores extensionistas e docentes envolvidos em sua implementação. Essas oficinas tiveram como objetivo discutir desafios, apresentar boas práticas e garantir que todos compreendessem e se apropriassem do conceito de extensão da PUC-Campinas, em consonância com o Currículo por Competências e com o Perfil do Egresso.

4. Considerações finais

O processo de Curricularização da Extensão na PUC-Campinas, abordado neste artigo, revela-se como uma prática estratégica fundamental para aproximar a universidade dos desafios contemporâneos, integrando os estudantes às problemáticas do contexto social em que vivemos. Entre 2024 e 2025, a Gerência Educacional da PROGRAD, os Assessores de Projetos Educacionais

(APEs), em conjunto com a Pró-Reitoria de Graduação, a Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão e a Gerência de Extensão, desenvolveram um trabalho colaborativo e metucioso, que envolveu mapeamento, escuta ativa, e reflexão crítica sobre as práticas de curricularização em andamento, bem como a proposição de ajustes e melhorias.

A partir da metodologia adotada, ficou evidente que a curricularização não é um processo linear, mas um movimento contínuo de reavaliação e aprimoramento, que se alimenta da experiência vivida nas Escolas e da reflexão coletiva sobre a prática extensionista. A escuta ativa desempenhou papel crucial ao fornecer percepções importantes sobre as especificidades de cada Escola, além de fomentar a co-criação de soluções que atendem tanto às necessidades locais quanto às normativas institucionais.

O levantamento de dados e a análise crítica dos resultados permitiram uma visão abrangente e sistemática da implementação da curricularização, evidenciando as potencialidades, fragilidades e os avanços alcançados até o momento. As atividades de extensão, longe de serem apenas complementares, emergem como um campo estratégico para a construção de um currículo mais alinhado aos desafios sociais e educativos, promovendo uma formação integral para os estudantes.

Assim, ao alinhar a prática extensionista à Resolução CES/CNE nº 7 de 2018 e à missão institucional da PUC-Campinas, o projeto de Curricularização da Extensão se apresenta como um pilar fundamental para promover o desenvolvimento, o avanço da sociedade e suas estruturas pela ação acadêmica e igualmente social. Este processo não só reforça a importância de integrar a Extensão ao currículo acadêmico, como também está profundamente conectado ao currículo por competências, que visa garantir que os alunos adquiram as habilidades e competências essenciais para seu desenvolvimento profissional e pessoal. O perfil do egresso, por sua vez, é delineado a partir da combinação entre conhecimento acadêmico, práticas extensionistas e a formação de competências práticas, sociais e cognitivas, que vão além do aprendizado teórico, preparando os estudantes para atuar de maneira crítica e reflexiva na sociedade.

A continuidade do processo com a implementação de ajustes contínuos e a capacitação das equipes envolvidas possibilita à universidade atender às necessidades de um perfil de egresso, que não só domina as competências específicas de sua área de atuação, mas também possui habilidades de liderança, cidadania e responsabilidade social, essenciais para a ação profissional e humanitária. Dessa forma, a integração entre ensino, pesquisa e extensão se torna cada vez mais efetiva, consolidando a formação de um profissional com uma visão solidária atuante, transformadora de realidades.

5. Referências

DAVENPORT, T. H. *Reengenharia de Processos*. Rio de Janeiro: Ed Campus, 1994.

FREIRE, P. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar. *In: A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. 2007. p. 112-112.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo em perspectiva, v. 14, p. 03-11, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/hbD5jkw8vp7MxKvfvLHsW9D/?msckid=8b4be65db2e511ecbba8dc9ce99e8308>. Acesso em: 22 nov. 2024.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, n. 1-18, p. 1, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em: mar. 2024.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo em perspectiva, v. 14, p. 03-11, 2000. <https://www.scielo.br/j/spp/a/hbD5jkw8vp7MxKvfvLHsW9D/?msckid=8b4be65db2e511ecbba8dc9ce99e8308>. Acesso em: nov. 2024.

KLOTZ, L., HORMAN, M., Bi, H., & BECHTEL, J. The Impact of Process Mapping on Transparency. in **International Journal of Productivity and Performance Management**, 2008, pp 623-636. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/17410400810916053>. Acesso em: 14.nov. 2024.

MORIN, Edgar e LE MOIGNE, J.L. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

NUNES, Érico Zottele. Sistema educacional e a alternativa da escuta ativa: Município de Cariacica – ES. **Cadernos da Pedagogia**, v. 17, n. 37, p. 192-204, jan./ abr. 2023.

PÁDUA, E. M. M. de. Mapa de Contextualização: desafios conceituais e metodológicos in **Pesquisa e Complexidade: Estratégias Metodológicas Multidimensionais**. Curitiba. PR: CRV, 2014, 41-53.

JUNQUEIRA, Luciane Kern; PLÁCIDO, Vera Lúcia dos Santos; OLIVEIRA, Fabiola Cristina Ribeiro de; BERNARDES, Matheus da Silva; DAMACENA, Thais Borges; DIAS, Fabiana Pastana Silva; DULIANEL, Andreia Cristina; LOPES, Renato Gonçalves; MAZIERO, Luís Guilherme Soares; PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de; PINTO, Luis Alexandre Amaral Pereira; SCHRODER, Hamilton da Gama Filho; SECCO, Fernanda Zuin; SILVA, Vinicius Rodrigues. A Curricularização da Extensão universitária na PUC-Campinas: desafios e caminhos para um aprimoramento contínuo. **Série Acadêmica**, Campinas-SP, vol.40, n.41, p. 17-33, fev.2026.

SALGADO, C. C. R. *et al.* Contribuições à melhoria de processos organizacionais: uma avaliação empírica sob a perspectiva de mapeamento de processos em uma unidade da Universidade Federal da Paraíba. **Holos**, v. 1, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/19187>. Acesso em: 17 dez. 2024.



Avaliação de projetos- debates em grupos



Avaliação dos projetos- análise realizada pelos estudantes



Mostra Campo Belo- PET Biologia



Grupos de pareceristas- apresentação de pareceres

III. CURRÍCULO E TERRITÓRIO: A METODOLOGIA IMERSIVA - PONTE ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE

CURRÍCULO E TERRITÓRIO: A METODOLOGIA IMERSIVA - PONTE ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE

Professor Dr. Everton Silveira

1. Contextualização

A história da extensão universitária no Brasil acompanha as transformações políticas, educacionais e sociais vividas no país ao longo do século XX e início do século XXI, e demonstra inúmeras disputas de concepções sobre o papel da universidade na sociedade. Embora práticas de prestação de serviços à comunidade sejam anteriores, foi somente com o Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, que aprovou o Estatuto das Universidades Brasileiras, que a extensão passou a figurar no ordenamento normativo, ainda que com sua centralidade na perspectiva de divulgação cultural, não sendo afirmada como função essencial da universidade.

Entre os anos 1960 e 1964 há inflexões importantes no que concerne a concepção de extensão, visto que é um período, influenciado por movimentos populares e educadores como Paulo Freire, neste contexto, a universidade começa a se reconhecer como instituição social com responsabilidade perante as desigualdades brasileiras. A atuação da União Nacional dos Estudantes (UNE), dos Centros Populares de Cultura (CPC) e do Movimento de Educação de Base (MEB) foi determinante para a emergência de práticas extensionistas voltadas à transformação social e ao diálogo com os setores populares

Esse avanço foi interrompido com o golpe militar de 1964 e a Reforma Universitária de 1968, que, ao privilegiar o binômio ensino-pesquisa, marginalizou a extensão universitária e reforçou um modelo tecnocrático, assistencialista e difusionista. Como observa Imperatore:

Durante o regime militar instaurado em 1964, a extensão permaneceu refletindo em práticas extensionistas sob vigília do Estado e, orientadas a ações desenvolvimentistas, mantido seu caráter esporádico, sua desarticulação com a universidade e com as demais (IMPERATORE, 2019, p. 93).

A redemocratização do país e a promulgação da Constituição Federal de 1988 representaram um novo marco para a extensão universitária. A Carta Magna consagrou a autonomia universitária e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, reafirmando o papel social da universidade pública (BRASIL, 1988). Nesse contexto, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), criado em 1987, formulou em 2012 a Política Nacional de Extensão Universitária, com base em princípios como a interinstitucionalidade, a horizontalidade nas relações com a sociedade e a construção coletiva do conhecimento.

Segundo o documento do FORPROEX:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (...) a Extensão Universitária denota uma postura da Universidade na sociedade em que se insere. Seu escopo é o de um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, por meio do qual se promove uma interação que transforma não apenas a Universidade, mas também os setores sociais com os quais ela interage. Extensão Universitária denota também prática acadêmica, a ser desenvolvida, como manda a Constituição de 1988, de forma indissociável com o Ensino e a Pesquisa, com vistas à promoção e garantia dos valores democráticos, da equidade e do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social. (FORPROEX, 2012, p. 15).

No início dos anos 2000, a extensão passou a ser tratada de forma mais sistemática nas políticas públicas educacionais. O Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010 (Lei nº 10.172/2001) estabeleceu a meta de 10% da carga horária dos cursos de graduação voltados à extensão. Contudo, somente com o PNE 2014-2024 (Lei nº 13.005/2014) e a posterior Resolução nº 7/2018 do Conselho Nacional de Educação essa diretriz passou a ser obrigatória. Como define a Resolução, em seu artigo terceiro:

A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa. (BRASIL, 2018, p. 2).

Ainda assim, Fontenele (2024) adverte que:

A extensão universitária sempre ocupou um lugar marginal no contexto das universidades brasileiras. [...] A curricularização da extensão é um avanço, mas corre o risco de se tornar burocrática ou inócua se não estiver sustentada por um projeto institucional comprometido com a justiça social (FONTENELE, 2024, p. 2).

Compreendida em sua potencialidade, a extensão desafia o modelo tradicional de produção e transmissão de saberes, inscrevendo-se como dimensão crítica, ética e cidadã do ensino superior. Como sustenta Lisboa Filho:

A interação dialógica entre universidade e sociedade é basilar para o pensar e o agir extensionista [...]. Isto é indispensável, pois a extensão não acontece de dentro das universidades nem é um movimento de dentro para fora da universidade, pelo contrário, ela pede reciprocidade, é uma via de mão dupla (LISBOA FILHO, 2021, p. 26).

Por fim, a leitura freiriana, ao propor a superação da educação bancária e a valorização do conhecimento produzido nos territórios populares, oferece base ético-política para uma extensão transformadora.

O desafio atual é, portanto, consolidar a extensão como prática formativa integrada aos projetos universitários, promovendo a formação integral dos sujeitos e contribuindo para o desenvolvimento humano, social e territorial de comunidades historicamente vulnerabilizadas.

2. Introdução

A extensão universitária, enquanto dimensão constitutiva da educação superior brasileira, tem passado por um processo de ressignificação nas últimas décadas, especialmente a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, da criação do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras em 1987, e mais recentemente, da aprovação da Resolução CNE/CES nº 7/2018, que estabelece a obrigatoriedade da curricularização da extensão. Apesar de avanços normativos e conceituais, persiste um desafio de fundo: *como transformar a curricularização da extensão em uma prática social, crítica, emancipadora e integrada à formação universitária, capaz de responder às desigualdades e à complexidade das realidades comunitárias?*

Diversos estudos apontam entraves históricos, pedagógicos e institucionais que dificultam a consolidação da extensão como eixo estruturante da formação universitária. Entre eles, se destaca a permanência de modelos assistencialistas e tecnicistas, que compreendem a extensão de forma dissociada dos saberes populares e das práticas sociais dos territórios. Nesse sentido, – A Extensão exige e reivindica a troca constante e o compartilhamento na sua construção [...] A interação dialógica exige a manutenção do diálogo constante entre os extensionistas, as instituições e as comunidades” (Lisboa Filho, 2021, p. 26).

“A extensão universitária, em seu percurso inicial, ocupou um espaço de invisibilidade no que se refere à formação acadêmica ou à própria democratização do saber científico, uma função que visou atender às camadas sociais mais vulneráveis social e economicamente, receptoras de um saber que lhes era depositado como uma espécie de doação, assistencialismo” (ANDRADE; MOROSINI; WIEBUSCH, 2024, p. 2). Além disso, não se trata de mera incorporação formal a existência de carga horária destinada a curricularização da extensão, pois, por si só, ela não garante a efetivação da extensão como processo formativo, sendo necessário repensar sua intencionalidade pedagógica. Como nos sinalizam os autores: “A Curricularização da extensão universitária é uma meta a ser atendida a partir do Plano Nacional da Educação [...] e desafia o coletivo universitário a assumir a necessidade de ressignificação de suas concepções sobre educação, sociedade e práticas pedagógicas na Educação Superior” (ANDRADE; MOROSINI; WIEBUSCH, 2024, p. 1).

Neste horizonte, destaca-se a Política Nacional de Extensão Universitária, formulada pelo FORPROEX, que a define como um processo acadêmico vinculado à formação do estudante, com caráter interdisciplinar, político, educacional, cultural, científico e tecnológico, promovendo a interação transformadora entre universidade e sociedade. Esse entendimento foi reforçado pela Resolução CNE/CES nº 7/2018, ao afirmar que a extensão na educação superior brasileira é atividade acadêmica que se articula com o ensino e a pesquisa de forma indissociável, envolvendo a comunidade externa e orientando-se pelos princípios da interdisciplinaridade, indissociabilidade e impacto social.

No âmbito institucional, a Política de Extensão da PUC-Campinas, consolidada na Resolução RC nº 136/2024, define diretrizes éticas, metodológicas e epistemológicas para a ação extensionista. A extensão é compreendida como processo educativo, cultural, científico e tecnológico indissociável do ensino e da pesquisa (Diretriz I), que deve promover o diálogo entre a universidade e a sociedade com base em princípios éticos, respeito às diferenças e responsabilidade social (Diretriz II), bem como valorizar a interculturalidade e a dialogicidade como norteadores metodológicos para a construção de conhecimentos emancipatórios e transformadores, capazes de contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária (Diretriz III).

Com base nessas diretrizes e nos desafios mapeados, a PUC-Campinas iniciou em 2025, sob orientação do Professor Doutor Everton Silveira, Professora Dra. Vera Plácido e o Professor Mestre Donizete e com a coordenação e apoio da Pró-Reitoria de Graduação e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, a implementação da metodologia imersiva de Curricularização da Extensão, através dos Projetos imersivos, de autoria do Professor Dr. Everton Silveira. Esta iniciativa-piloto envolveu diretamente mais de 780 estudantes de 11 cursos de graduação, que participaram da construção de propostas integradas de intervenção social fundamentadas em observação territorial, levantamento de dados, escuta comunitária e elaboração coletiva de projetos.

Os projetos elaborados se concentraram em grupos sociais historicamente vulnerabilizados, como: pessoas em situação de rua; crianças e adolescentes em risco social; mulheres incluindo mães solo, vítimas de violência e mulheres em situação de rua; idosos; pessoas em situação de prostituição (com destaque para o Jardim Itatinga); população indígena; pessoas privadas de liberdade ou egressas do sistema prisional; pessoas com deficiência, incluindo a comunidade surda; jovens periféricos; grupos LGBTQIAPN+; e famílias em insegurança alimentar.

As propostas de ação abordaram uma variedade expressiva de temas sociais e formativos, entre os quais se destacam: saúde sexual e reprodutiva; violência de gênero e contra crianças e adolescentes; educação popular e inclusão escolar; insegurança alimentar e nutrição; cuidado e valorização da pessoa idosa; racismo estrutural e discriminações; empoderamento feminino e autonomia; direitos humanos e cidadania; saúde mental, escuta e empatia; e justiça social.

Esse conjunto de dados preliminares revela o potencial da metodologia imersiva para gerar não apenas vivências acadêmicas mais significativas, mas também conexões concretas com os territórios, favorecendo o amadurecimento crítico dos(as) estudantes, a aproximação entre universidade e sociedade e a qualificação da intervenção extensionista.

Este artigo se objetiva analisar os fundamentos, os elementos constitutivos e os impactos da metodologia imersiva (MI) no contexto da curricularização da extensão universitária, apresentando-a como uma das possíveis respostas concretas aos desafios contemporâneos da educação superior e como prática pedagógica ativas, participativas e solidárias orientadas à transformação social, ao desenvolvimento de comunidades e à formação integral dos sujeitos envolvidos.

A experiência de implantação da Metodologia Imersiva na PUC-Campinas, ainda que exitosa, enfrentou uma série de desafios operacionais, pedagógicos e institucionais. Entre os principais, se destaca a necessidade de formação docente continuada, dado que muitos professores(as) necessitaram ser familiarizados com as abordagens da curricularização da extensão como matriz epistemológica. Também houve necessidade de aprofundar a integração da proposta aos Projetos Pedagógicos de Curso exigindo ajustes curriculares e articulação com as coordenações dos cursos. A gestão do tempo institucional e o reconhecimento da carga horária de extensão como parte formativa foram outros aspectos nevrálgicos e além disso, a própria relação com as comunidades, mesmo que de maneira simulada, neste piloto, exigiu mediação sensível, respeitosa e paciente, especialmente em contextos de vulnerabilidade crônica e histórica exclusão. A instituição respondeu a esses desafios por meio de capacitação docente, mediação institucional e fomento à interdisciplinaridade.

3. Desenvolvimento Comunitário como Estratégia de Integração Universidade-Sociedade

O fortalecimento do vínculo entre universidade e sociedade exige mais do que a presença física da instituição em territórios vulnerabilizados: requer uma escuta comprometida, uma mediação respeitosa e a disposição para cocriar alternativas emancipatórias com os sujeitos sociais. Nesse contexto, o desenvolvimento comunitário emerge como abordagem estratégica capaz de orientar a extensão universitária sob uma perspectiva ética, participativa e transformadora.

As abordagens tradicionais de desenvolvimento muitas vezes foram marcadas por lógicas verticalizadas e tecnocráticas, que viam as populações como beneficiárias passivas de ações planejadas fora de seu contexto. Em contraposição, diversos autores apontam a importância de metodologias sensíveis aos contextos locais, reconhecendo a pluralidade de saberes e as formas de organização social preexistentes.

O resgate do contexto histórico-social do ensino superior brasileiro é basilar para a compreensão da Extensão, seu elo com as políticas públicas, suas concepções e práticas. Essa retomada demonstra a ideia de universidade conectada a comunidade e o papel compositivo da Extensão no fortalecimento institucional pela projeção da cultura universitária ao povo e seu compromisso com os problemas nacionais

O desenvolvimento comunitário de base participativa aposta na criação de espaços dialógicos, na horizontalidade dos processos e na articulação entre múltiplos saberes, de maneira que a universidade, passa a aderir se posiciona como parceira crítica na construção de caminhos coletivos e para tanto é necessário que as ações extensionistas se vinculem a processos participativos e de reconhecimento da diversidade de sujeitos sociais.

No âmbito da curricularização da extensão, essa perspectiva implica considerar os territórios como espaços educativos e políticos. Segundo o documento do FORPROEX (2012), é essencial promover interação transformadora entre universidade e sociedade, respeitando as identidades culturais e os saberes populares.

A metodologia imersiva adotada na PUC-Campinas parte justamente do reconhecimento de que o desenvolvimento comunitário precisa ser ancorado no conhecimento territorial-local, nos laços de pertencimento e nas referências comunitárias legitimadas pelos próprios sujeitos locais. Cabe considerar as especificidades das comunidades envolvidas, de modo a não reproduzir práticas interventivas descontextualizadas, como defendem Fernandendes et al:

para realizar a educação popular de forma efetiva é fundamental permanecer em contato direto com as pessoas que farão parte do processo educativo, para melhor compreender o contexto e a cultura em que elas estão inseridas, facilitando, portanto, a troca de saberes (FERNANDES et al., 2012, p. 185).

A construção dialógica dos projetos requer, portanto, uma cartografia ética e relacional do território, na qual se identifiquem as potências existentes, os saberes historicamente silenciados, as redes de solidariedade e as formas próprias de enfrentamento dos desafios locais. Neste sentido, o conceito de interculturalidade ganha materialidade, permitindo que a universidade aprenda com a comunidade e vice-versa.

Reflete-se que para que haja um desenvolvimento efetivamente sustentável é necessário observar e validar as virtudes e aptidões locais, a cultura e a capacidade de organização dos atores que vivem e que atuam em cada um dos espaços e ou segmentos sociais foco da imersão pretendida, o que evoca a necessidade de refinamento do diálogo por meio de da escuta ativa e da coautoria nas ações universitárias.

A proposta de desenvolvimento comunitário alinhada à extensão crítica não busca “levar progresso” às periferias, mas construir com elas novos modos de existência e convivência. Lisboa Filho (2021), em sua reflexão aponta para a necessidade de construir novas redes, outras formas de presença da universidade nos territórios, baseadas na escuta, na reciprocidade e na coautoria das ações (p. 32).

Portanto, o desenvolvimento comunitário, quando incorporado como eixo metodológico da curricularização da extensão, requalifica o papel da universidade no século XXI: de instituição transmissora de conhecimento a instância coformadora de cidadanias emancipatórias, comprometida com a equidade, a dignidade e a transformação dos modos de vida.

4. Fundamentação teórica: extensão, formação integral e compromisso transformador

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão constitui um princípio fundante da educação superior pública no Brasil, consagrado no artigo 207 da Constituição Federal de 1988. Essa tríade busca superar a fragmentação das funções universitárias, conferindo à extensão o papel de ponte ativa entre o conhecimento produzido na universidade e as múltiplas realidades sociais. No entanto, conforme afirmam textos institucionais e pesquisadores da área, esse princípio ainda é vivenciado de maneira desigual, sendo a extensão, historicamente, o elo mais frágil dessa integração.

A Política Nacional de Extensão Universitária, consolidada pelo FORPROEX, contribuiu para ressignificar a extensão como prática acadêmica com intencionalidade formativa, social e transformadora. A Resolução CNE/CES nº 7/2018 reforça essa diretriz ao estabelecer que a extensão deve compor, no mínimo, 10% da carga horária dos cursos de graduação, articulada ao ensino e à pesquisa, e realizada por meio de processos educativos, culturais e científicos que articulam a universidade e outros setores da sociedade.

Na PUC-Campinas, a Resolução RC nº 136/2024 fortalece esse compromisso ao apresentar diretrizes claras para a ação extensionista. Destacam-se como princípios estruturantes da extensão universitária: a) o diálogo transformador com a sociedade, que pressupõe escuta ativa e interação horizontal com os sujeitos sociais; b) a interculturalidade, entendida como valorização dos diferentes saberes e culturas na produção do conhecimento; c) a inovação social e a interdisciplinaridade, como eixos de superação dos paradigmas tecnicistas e fragmentados da ciência; d) a formação integral dos(as) estudantes, promovendo o desenvolvimento de competências cognitivas, éticas, afetivas e cidadãs.

Esses princípios convergem com o pensamento de Paulo Freire, para quem a extensão compreendida como diálogo e pela problematização, pois não é possível estender o saber para o outro sem que se negue sua autonomia. Em oposição à lógica bancária da educação – aquela que deposita conteúdos prontos nos educandos –, Freire propõe uma pedagogia do diálogo, na qual todos os sujeitos aprendem e ensinam em permanente reciprocidade.

Aplicada à universidade, essa pedagogia implica reconhecer que o conhecimento não está restrito à academia, mas é produzido também nos territórios, nas práticas populares, nos enfrentamentos cotidianos da exclusão. A extensão, nesse sentido, deve ser um ato político e amoroso, comprometido com a transformação das estruturas que produzem desigualdade e opressão. Conforme uma das célebres frases de Paulo Freire: Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes (FREIRE, 1987).

Boaventura de Sousa Santos reforça esse horizonte ao propor a “ecologia de saberes” como superação do epistemicídio promovido pelas epistemologias eurocentradas. Para ele, a universidade deve se abrir a um diálogo entre saberes científicos, populares, ancestrais e comunitários, permitindo o surgimento de novas racionalidades e formas de intervenção social.

Na direção do pensamento de Santo, essa postura da universidade em assumir o compromisso com a reconstrução democrática da sociedade, se também se propõe a ampliar sua escuta e incorporar uma pluralidade de saberes historicamente ignorados, num esforço que exige o reconhecimento de que o conhecimento não se limita à produção científica tradicional, mas se constrói também nas experiências populares, nas práticas culturais diversas e nas formas coletivas de resistência social.

Uma atenção significativa, no entanto, precisa ser dada a perspectiva de que promover uma abertura como esta implica revisar os critérios de legitimidade do saber acadêmico e criar espaços institucionais capazes de acolher a diversidade epistêmica existente nos territórios assim, por meio desse deslocamento, é possível produzir conhecimentos mais justos, relevantes e socialmente implicados.

Essa concepção crítica da extensão desloca a universidade de seu lugar de enunciadora do saber para o de coautora de conhecimento em parceria com as comunidades e grupos de sociais minorizados. Dada a especificidade e a novidade desta ação, a Universidade precisa assumir uma postura que exige de si a construção de metodologias ativas, dialógicas, participativas e territorializadas, que deem centralidade às demandas sociais e ao protagonismo dos sujeitos envolvidos.

No horizonte expresso é que inscreve a proposta da metodologia imersiva de curricularização da extensão da PUC-Campinas, que será pormenorizada nas próximas seções como prática pedagógica sintonizada com esse paradigma transformador.

Portanto, a extensão universitária, quando compreendida como dimensão orgânica da formação superior, rompe com o assistencialismo, com o tecnicismo e com o distanciamento institucional, se tornando espaço privilegiado para o exercício da cidadania, da responsabilidade social e da produção coletiva de sentidos para a educação. Tal como propõem Freire (1996), Santos (2010) e as Diretrizes da PUC-Campinas (2024), a extensão é mais do que um requisito legal: é o coração ético, político e epistêmico da universidade comprometida com a justiça social.

5. A Metodologia Imersiva de Curricularização da Extensão: Caminhos, Etapas e Estratégias Avaliativas

A proposta metodológica adotada pela PUC-Campinas a partir de 2025, de autoria do Professor Dr. Everton Silveira e coordenação das Pró-Reitorias de Graduação e de Pesquisa e Extensão, visa responder aos desafios da Curricularização da Extensão universitária por meio de

uma estratégia formativa, dialógica e situada, ancorada em princípios pedagógicos freirianos e na escuta ativa das comunidades.

Diferente de abordagens meramente instrumentais, a metodologia imersiva entende a extensão como prática social crítica, articulada à produção coletiva do saber, à promoção da justiça social e ao enfrentamento das desigualdades. Seu desenvolvimento se dá por meio de um processo progressivo, organizado em oito níveis interdependentes, que orientam os(as) estudantes e docentes desde o contato inicial com as realidades sociais até a elaboração e validação de projetos transformadores.

A metodologia estrutura-se em blocos de carga horária crescente que permitem diferentes graus de envolvimento discente. A cada nova fase, o(a) estudante aprofunda sua experiência teórico-prática:

1. Capacitação inicial e estudo dirigido, com base em leitura crítica e audiovisual;
2. Diagnóstico social participativo e produção de um “Filme da Realidade”;
3. Análise das demandas sociais por meio de dados públicos e observacionais;
4. Elaboração coletiva de propostas, com apoio de docentes-mediadores;
5. Aplicação da Avaliação 360º (CAMP), com retorno ético, técnico e comunitário;
6. Refinamento e simulação de execução do projeto;
7. Implementação parcial ou integral (quando viável);
8. Sustentação e incubação institucional de projetos validados.

Esse itinerário formativo permite a vivência de competências diversas, como investigação social, empatia, comunicação intergrupal, construção de parcerias, escrita acadêmica e protagonismo estudantil. Os projetos produzidos devem conter justificativa, objetivos, metodologia, indicadores, parcerias, impactos esperados, alinhamento com os ODS e relação com políticas públicas.

A construção dos projetos não se restringe à produção técnica ou instrumental. Ao contrário, ela parte de uma fundamentação qualitativa robusta, centrada em três eixos complementares:

- Valorização dos saberes locais: os projetos devem reconhecer e integrar os conhecimentos empíricos, tradicionais, culturais e afetivos presentes nos territórios, superando a lógica de “extensão” como transmissão vertical de saber;
- Análise de dados sociais: os grupos são orientados a utilizar dados secundários (IBGE, IPEA, planos municipais, observatórios etc.) e informações primárias produzidas durante a imersão (entrevistas, rodas, observações) para compreender o contexto social da ação;
- Revisão bibliográfica temática: os temas escolhidos pelos estudantes são fundamentados em literatura acadêmica atualizada e interdisciplinar, promovendo o diálogo entre teoria e prática, conforme preconiza a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Essa base metodológica garante que os projetos sejam construídos com consistência conceitual, pertinência social e coerência acadêmica, contribuindo para o amadurecimento crítico dos discentes.

A construção dos projetos imersivos exige a mobilização de uma rede ampliada de sujeitos, cujo papel vai muito além da supervisão técnica:

- Docentes-mediadores: atuam como orientadores do percurso formativo, facilitando o processo de análise crítica, leitura dos territórios, sistematização dos dados e escrita dos

projetos. São referência pedagógica, mas não centralizam as decisões, estimulando a autonomia discente;

- Assessores extensionistas e técnicos: profissionais de apoio que contribuem com a organização metodológica, gestão dos dados, sistematização de boas práticas e suporte logístico aos grupos;
- Lideranças comunitárias: figuras-chave na mediação entre universidade e território. Participam do diagnóstico, da validação dos temas, da escuta dos projetos e da avaliação 360°. Sua presença fortalece a legitimidade social das propostas e garante maior aderência às realidades locais.

Esses diferentes papéis refletem o princípio da interculturalidade e do diálogo horizontal, onde o conhecimento se constrói a partir da convergência de experiências, saberes e práticas situadas.

No 6º nível da metodologia, ocorre o momento-chave de reflexão, escuta e devolutiva pública: o CAMP – Círculo de Avaliação e Monitoramento de Projetos, espaço institucional da Avaliação 360°.

Trata-se de um processo formativo e coletivo de avaliação, composto por: a) apresentação dos projetos por seus proponentes; b) leitura prévia e análise crítica pelos avaliadores (docentes, pares, comunidade); c) aplicação de cinco critérios: coerência e coesão (diagnóstico e ação devem dialogar logicamente); pertinência social (aderência às necessidades da comunidade); relevância transformadora (potencial de impacto concreto); d) alinhamento institucional (com as diretrizes da universidade e da extensão); e) comprometimento dos proponentes (qualidade da construção coletiva e engajamento).

Os projetos são discutidos em grupos interativos e, após pareceres escritos, passam por plenária pública de exposição, escuta e devolutiva aberta. Os mais bem avaliados são indicados à incubação institucional, podendo integrar editais internos, programas de extensão consolidados, laboratórios e núcleos de pesquisa, além de parcerias com setor público e organizações sociais.

A proposta da avaliação 360° rompe com o modelo unidirecional “de cima para baixo”, superando a centralidade da autoridade docente e valorizando a heterogeneidade de vozes e olhares.

Cada projeto deve ser acompanhado por indicadores de impacto e sustentabilidade, definidos em conjunto com os sujeitos sociais envolvidos. Entre os indicadores propostos destacam-se: a) grau de envolvimento comunitário, b) adequação aos ODS e políticas públicas locais, c) viabilidade técnica e replicabilidade, d) potencial emancipatório das ações, e) aderência curricular e interdisciplinaridade.

O processo de avaliação também prevê a autoavaliação dos estudantes, a reflexão docente, e a escuta comunitária estruturada por meio de formulários, rodas de conversa e plataformas digitais (SISProec).

A implementação da metodologia imersiva na PUC-Campinas ao longo do primeiro semestre de 2025 constituiu um marco institucional na consolidação da curricularização da extensão como processo formativo transformador. Mais do que atender a uma exigência legal, a experiência se revelou um catalisador de mudanças profundas nos modos de ensinar, aprender e interagir com os territórios. Os dados e os relatos colhidos durante a fase-piloto da aplicação da metodologia evidenciam impactos significativos, tanto no plano individual dos(as) estudantes

quanto no plano coletivo da universidade e das comunidades envolvidas.

Um dos efeitos mais expressivos observados nos(as) estudantes foi a ampliação de sua consciência crítica frente às desigualdades sociais, às lógicas de exclusão e às contradições do espaço urbano e das políticas públicas. A convivência com lideranças comunitárias, a escuta de histórias silenciadas e o contato com múltiplas formas de resistência e organização social provocaram nos(as) estudantes um deslocamento subjetivo e epistêmico. A metodologia contribuiu para o rompimento com uma formação centrada exclusivamente na sala de aula e na bibliografia institucionalizada, ampliando o horizonte de referência e o campo de atuação dos(as) futuros(as) profissionais.

Estudantes relataram, em rodas de avaliação, que a experiência permitiu “ver a realidade com outros olhos”, “entender o lugar da universidade na sociedade” e “perceber que é possível construir soluções junto com a comunidade e não apenas para ela”. Esses depoimentos convergem com o princípio da formação integral defendido pela PUC-Campinas, no qual as dimensões éticas, sociais, afetivas e cognitivas são mobilizadas em conjunto no processo educativo.

Ao longo do processo imersivo, os(as) estudantes foram instigados(as) a desenvolver competências diversificadas, que transcendem os limites disciplinares e respondem às exigências contemporâneas da formação superior:

- Competências pessoais, como empatia, escuta ativa, responsabilidade e autonomia;
- Competências sociais, como comunicação intergrupal, trabalho em equipe, negociação e mediação de conflitos;
- Competências profissionais, como análise de dados sociais, redação de projetos, mobilização de parcerias, domínio conceitual e tomada de decisões.

Esse repertório foi mobilizado de forma integrada durante a escrita dos projetos imersivos, exigindo dos(as) discentes habilidades de investigação, síntese, argumentação, planejamento e criatividade. A interdisciplinaridade não foi apenas um ideal teórico, mas uma vivência concreta de cooperação entre saberes e práticas.

Outro aspecto de destaque da experiência foi a valorização dos saberes locais e populares. A metodologia imersiva reconhece que o conhecimento não se restringe à academia, mas circula nas práticas cotidianas, nas experiências históricas e na cultura dos territórios. Ao interagir com lideranças comunitárias, profissionais de base e moradores(as), os(as) estudantes foram desafiados(as) a relativizar o saber técnico e a construir projetos com base em diálogos verdadeiramente interculturais.

Como resultado, os projetos produzidos não se limitaram a reproduzir modelos preexistentes, mas incorporaram práticas comunitárias, iniciativas autônomas e perspectivas culturais diversas. Esse reconhecimento fortaleceu os laços entre universidade e sociedade e potencializou a legitimidade das ações extensionistas.

A aplicação da Avaliação 360º, por meio do CAMP, representou um momento de intensa aprendizagem institucional e de monitoramento qualificado. Ao submeterem seus projetos à escuta de docentes, pares, técnicos e representantes comunitários, os(as) estudantes experimentaram uma avaliação dialógica, horizontal e formativa.

Do ponto de vista institucional, a sistematização das devolutivas permitiu identificar padrões de qualidade, lacunas formativas, temas emergentes e potencialidades interdisciplinares.

As comissões de avaliação passaram a contar com instrumentos específicos que alimentam os relatórios semestrais de avaliação da extensão e subsidiam o aperfeiçoamento contínuo da proposta.

A participação ativa da comunidade na avaliação também ampliou a responsabilidade social da universidade, criando um ciclo de retroalimentação entre prática, reflexão e aprimoramento, em consonância com os princípios da política extensionista da PUC-Campinas.

Para garantir a sustentabilidade e a institucionalização da metodologia imersiva, a universidade integrou o processo de curricularização da extensão aos seus principais sistemas e programas estruturantes. O Sistema de Gestão da Extensão Universitária passou a registrar, monitorar e arquivar os projetos imersivos, oferecendo indicadores em tempo real sobre carga horária, participação discente, áreas temáticas, aderência aos ODS e interlocução com políticas públicas.

A PROGRAD assumiu o papel de articulação acadêmica da metodologia com os Projetos Pedagógicos de Curso, assegurando que os projetos imersivos sejam reconhecidos como componentes formativos válidos, com carga horária, avaliação e certificação. A articulação com programas institucionais como é o caso do PDHI – Programa de Desenvolvimento Humano e Integral e o Núcleo de Inovação: Levanta-te e Anda, dentre outros, permitiu que os projetos mais relevantes fossem acompanhados, e possam vir a ser incubados e, em alguns casos, executados em parceria com os próprios programas e comunidades.

Esse conjunto de ações sinaliza a capacidade da metodologia imersiva não apenas de gerar transformações no plano pedagógico, mas de reconfigurar institucionalmente a forma como a universidade entende, pratica e avalia sua função social.

6. A Metodologia Imersiva como Política Pedagógica Universitária

A implementação da metodologia imersiva de curricularização da extensão na PUC-Campinas tem se revelado como uma experiência pedagógica bem-sucedida, uma proposta sólida de política universitária voltada à formação integral dos(as) estudantes e à transformação dos vínculos entre universidade e sociedade. Os resultados observados no ciclo piloto, a elevada adesão estudantil, a qualidade dos projetos elaborados, o envolvimento comunitário e a sistematização avaliativa demonstram que esta metodologia pode e deve ser institucionalizada como estratégia permanente dos cursos de graduação da universidade.

A experiência demonstrou que a metodologia imersiva contribui de forma significativa para os objetivos educacionais da formação superior, especialmente no que tange ao desenvolvimento de competências críticas, éticas e cidadãs, conforme estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais e na Resolução CNE/CES nº 7/2018. Os mais de 780 estudantes envolvidos no processo foram capazes de produzir projetos com profundidade analítica, consistência teórica e compromisso social, tendo como base um percurso formativo situado e dialógico.

Do ponto de vista pedagógico, a metodologia favorece a construção ativa do conhecimento, a superação da fragmentação disciplinar e a conexão orgânica entre ensino, pesquisa e extensão. Do ponto de vista institucional, ela consolida a presença da universidade nos territórios e promove a integração entre as pró-reitorias, programas acadêmicos e áreas do conhecimento. A formalização desta proposta como política pedagógica não apenas dá continuidade ao projeto

piloto, mas expande suas potencialidades como dispositivo de inovação universitária e de compromisso público.

A PUC-Campinas, por meio da Resolução RC nº 136/2024 e de suas diretrizes para a extensão universitária, estabelece princípios que encontram plena aderência na metodologia imersiva, tais como:

- (i) A proposta rompe com a ideia de extensão como ação periférica ou complementar ao currículo, e passa a concebê-la como espaço estruturante da produção de conhecimento.
- (ii) A elaboração dos projetos imersivos exige a articulação entre teoria e prática, entre saber acadêmico e saber popular, entre metodologia científica e escuta territorial, tornando-se efetivamente um processo formativo e investigativo de base epistemológica plural.
- (iii) A metodologia imersiva convoca estudantes e docentes de diversas áreas do conhecimento para atuarem em conjunto na leitura e na intervenção dos contextos sociais. Isso possibilita a construção de uma visão interprofissional das problemáticas sociais, além de incentivar a criação de soluções inovadoras, criativas e aplicáveis.
- (iv) A escrita dos projetos não se dá por meio de fórmulas pré-estabelecidas, mas de percursos investigativos e criativos que partem da realidade concreta para chegar à proposição técnica qualificada.
- (v) A formação proporcionada pela metodologia imersiva abarca a dimensão técnica e cognitiva, mas também mobiliza competências éticas, relacionais e políticas.
- (vi) Ao serem desafiados a diagnosticar injustiças sociais, dialogar com realidades complexas e propor respostas possíveis, os(as) estudantes passam a compreender sua função social como futuros(as) profissionais e cidadãos(ãs).
- (vii) O contato com territórios vulnerabilizados não produz apenas conhecimento, mas reconhecimento da alteridade, responsabilidade social e compromisso ético com a justiça.

A metodologia, apesar de ter sido inicialmente aplicada de forma piloto, revela potencial elevado de replicabilidade e adaptação a diferentes cursos, áreas do conhecimento e instituições de ensino. Sua flexibilidade metodológica permite ajustes conforme os perfis curriculares, as realidades locais e os níveis de maturidade acadêmica. Além disso, sua estrutura modular facilita a adoção progressiva por cursos que queiram experimentar modelos de extensão mais integradores.

A proposta também pode ser compartilhada por meio de formações docentes, parcerias interinstitucionais, seminários, publicação de relatos de experiência e desenvolvimento de plataformas digitais, como o SISProec. Sua replicação em outras instituições pode contribuir para criar uma rede de universidades comprometidas com uma extensão transformadora, plural e enraizada na realidade brasileira.

Conforme aponta Boaventura de Sousa Santos (2010), é tarefa das universidades contemporâneas “reinventar sua relação com o mundo, com os saberes populares e com os projetos de vida que emergem dos subalternizados”. A metodologia imersiva, neste contexto, representa uma via concreta e estruturada para que essa reinvenção se realize no cotidiano dos cursos de graduação, convertendo-se em política pedagógica efetiva e inspiradora.

7. Conclusão

O presente artigo procurou demonstrar como a metodologia imersiva de curricularização da extensão, concebida e implementada na PUC-Campinas, constitui uma alternativa crítica, criativa e profundamente inovadora para a formação universitária no contexto brasileiro contemporâneo. Fundamentada nos princípios da extensão crítica, da educação popular e da ecologia de saberes, a metodologia foi construída a partir de um compromisso ético com a transformação social e a escuta ativa das comunidades.

Ao longo do texto, foi possível evidenciar que a metodologia não se resume a uma prática pontual ou experimental, mas se apresenta como uma estratégia estruturante e viável para os cursos de graduação, capaz de articular ensino, pesquisa e extensão em uma perspectiva de formação integral. A experiência piloto, que envolveu 782 estudantes de 11 diferentes cursos, demonstrou impactos concretos sobre o desenvolvimento de competências técnicas, éticas, sociais e cidadãs, além de fortalecer o vínculo entre a universidade e os territórios vulnerabilizados.

A análise dos dados revelou que os projetos imersivos abordaram temas centrais da agenda pública contemporânea – como saúde mental, violência de gênero, insegurança alimentar, inclusão social, racismo, direitos humanos e empoderamento comunitário –, sendo elaborados com base em metodologias participativas, fundamentação teórica e articulação institucional. A Avaliação 360º, por meio do CAMP, garantiu o rigor, a pluralidade e o retorno formativo aos projetos, criando um ciclo virtuoso de aprendizagem, escuta e aperfeiçoamento contínuo.

A partir dessa experiência, se tornou evidente que a metodologia imersiva atende, de forma concreta e criativa, às diretrizes da política extensionista da PUC-Campinas, especialmente no que diz respeito à centralidade da extensão na formação, à interdisciplinaridade, à inovação pedagógica e à valorização dos saberes populares. Além disso, ela apresenta altíssimo potencial de replicação e adaptação, podendo ser expandida para outras áreas do conhecimento, níveis de formação e instituições de ensino superior comprometidas com a justiça social e a transformação dos territórios.

Diante dos desafios que se colocam à universidade do século XXI – em especial, a superação da fragmentação curricular, a reconstrução do vínculo com a sociedade e a formação de sujeitos éticos e críticos –, a consolidação da metodologia imersiva como política pedagógica institucional representa um caminho estratégico e promissor. Seu avanço dependerá da articulação entre professores(as), gestores(as), estudantes e comunidades, da escuta contínua dos resultados obtidos e do fortalecimento de uma cultura universitária comprometida com o bem comum, a democracia e a dignidade humana.

Assim, se conclui que a curricularização da extensão, quando realizada por meio de metodologias dialógicas, críticas e enraizadas nos territórios, não apenas qualifica a formação acadêmica, mas reconfigura o próprio sentido da universidade: não mais como espaço isolado de produção de conhecimento, mas como instituição viva, ética e corresponsável pela construção de uma sociedade mais justa, plural e solidária.

8. Referências

- ANDRADE, Rubya Mara Munhóz de; MOROSINI, Marília Costa; WIEBUSCH, Eloisa Maria. Desafios contemporâneos da extensão universitária: da invisibilidade à curricularização. *In: Anais do Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Curitiba. PUCPR, 2018*
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira. *Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 dez. 2018.*
- BRASIL. Plano Nacional de Educação – PNE 2014–2024: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Brasília, DF: MEC, 2014.
- FERNANDES, Marcelo Costa; SILVA, Lucilane Maria Sales da; MACHADO, Ana Larissa Gomes; MOREIRA, Thereza Maria Magalhães. A extensão universitária na visão dos moradores: uma leitura a partir da experiência com os territórios periféricos. *Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 28, n.04, p. 169-194| dez. 2012*
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FONTENELE, Iolanda Carvalho. A curricularização da extensão no Brasil: história, concepções e desafios. *Revista Katálysis, v. 27, e97067, 2024.* Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2024.e97067>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- HAYAKAWA, Thiago Alexandre; BUENO, Luzia; GUIMARÃES, Maria de Fátima. Por uma dada história da extensão universitária brasileira. *Periódico Horizontes, Itatiba, SP: USF, v. 42, n. 1, 2023.* Disponível em: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v42i1.1628>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- IMPERATORE, Simone Loureiro Brum. *Curricularização da extensão: experiência da articulação extensão-pesquisa-ensino-extensão como potencializadora da produção e aplicação de conhecimentos em contextos reais.* Rio de Janeiro: Gramma, 2019.
- IMPERATORE, Simone Loureiro Brum; PEDDE, Valdir; IMPERATORE, Jorge Luis Ribeiro. Curricularizar a extensão ou extensionalizar o currículo? Aportes teóricos e práticas de integração curricular da extensão ante a estratégia 12.7 do PNE. *In: XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária, Mar del Plata – Argentina, 2 a 4 dez. 2015.*
- LISBOA FILHO, Flavio Ferreira. *Extensão universitária: gestão, comunicação e desenvolvimento regional.* São Paulo: Cortez, 2016.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. Resolução do CONSUN nº 136/2024. Diretrizes da Política de Extensão da Universidade. Campinas: PUC-Campinas, 2024.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: para uma universidade nova.* Com Naomar de Almeida Filho. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul.* Coimbra: Almedina, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Coletânea de textos acadêmicos.* [S.l.]: [s.n.], [s.d.].
- SILVA, Josiane Soares da; MACHADO, Alessandra; SOUZA, Daniele Ferreira. Curricularização da extensão universitária no Brasil. *Revista Sul-Americana de Ciências Humanas, Sociais e Engenharias, v. 2, n. 3, p. 1-21, jul./set. 2022.*
- VIEIRA, Simone Nascimento. *A extensão universitária no Brasil: fundamentos e trajetórias.* *In: Caderno de Formação Interdisciplinar, São Paulo: Edição independente, 2023.* [Arquivo PDF].



Vitalità
Centro de Envelhecimento e
Longevidade da PUC-Campinas

O Vitalità é uma iniciativa que articula parcerias para projetos de inovação, criação de tecnologias e ações de promoção do envelhecimento ativo que atende às necessidades do público sênior e estimula a cultura do convívio e solidariedade intergeracional.

Escaneie o QRcode para o vídeo de apresentação:



CUIDADOS A SE TOMAR EM NEGOCIAÇÕES

- 1- Faça sua pesquisa:** Antes de entrar em uma negociação, pesquise sobre o produto, serviço ou questão em discussão. Quanto mais informado você estiver, melhores serão suas chances de obter um acordo favorável.
- 2- Defina seus objetivos:** Saiba exatamente o que você deseja alcançar com a negociação. Estabeleça metas realistas e mantenha-as em mente durante todo o processo.
- 3- Conheça seus limites:** Antes de começar a negociação, defina seus limites e esteja preparado para abandonar a negociação se não estiver satisfeito com os termos. Saiba quando é hora de dizer "não".
- 4- Considere obter ajuda:** Se você se sentir inseguro ou desconfortável com a negociação, considere pedir a ajuda de um amigo, familiar ou profissional de confiança. Eles podem oferecer conselhos valiosos ou até mesmo negociar em seu nome, se necessário.

LEMBRE- SE:
em uma mediação ou conciliação você **NÃO** é obrigado a aceitar a proposta!

FIQUE ATENTO!

Aqui estão os principais golpes aplicados em idosos, tenha conhecimento para se proteger.

→ Golpe do falso parente: O golpista entra em contato com o idoso por telefone ou e-mail, fingindo ser um parente em apuros financeiros e pede dinheiro emprestado.

→ Golpe do empréstimo fraudulento: O idoso é convencido a assinar documentos para um empréstimo com juros baixos, mas acaba assinando um contrato com cláusulas abusivas.

→ Golpe do cartão de crédito: O idoso é enganado a fornecer informações do seu cartão de crédito por telefone ou por meio de sites falsos, resultando em compras não autorizadas.

→ Golpe do testamento: Alguém convence o idoso a fazer alterações em seu testamento, deixando seus bens para o golpista ou para uma organização criminosas.

É importante que os idosos estejam cientes desses golpes e tomem precauções para proteger-se. Ficar atento, desconfiar de solicitações não solicitadas e pedir ajuda a um membro da família ou amigo de confiança ao lidar com transações financeiras pode ajudar a evitar ser vítima desses golpes.



Vitalità
Centro de Envelhecimento e
Longevidade da PUC-Campinas

O Vitalità é uma iniciativa que articula parcerias para projetos de inovação, criação de tecnologias e ações de promoção do envelhecimento ativo que atende às necessidades do público sênior e estimula a cultura do convívio e solidariedade intergeracional.

Escaneie o QRcode para o vídeo de apresentação:



CUIDADOS A SE TOMAR EM NEGOCIAÇÕES

- 1- Faça sua pesquisa:** Antes de entrar em uma negociação, pesquise sobre o produto, serviço ou questão em discussão. Quanto mais informado você estiver, melhores serão suas chances de obter um acordo favorável.
- 2- Defina seus objetivos:** Saiba exatamente o que você deseja alcançar com a negociação. Estabeleça metas realistas e mantenha-as em mente durante todo o processo.
- 3- Conheça seus limites:** Antes de começar a negociação, defina seus limites e esteja preparado para abandonar a negociação se não estiver satisfeito com os termos. Saiba quando é hora de dizer "não".
- 4- Considere obter ajuda:** Se você se sentir inseguro ou desconfortável com a negociação, considere pedir a ajuda de um amigo, familiar ou profissional de confiança. Eles podem oferecer conselhos valiosos ou até mesmo negociar em seu nome, se necessário.

LEMBRE- SE:
em uma mediação ou conciliação você **NÃO** é obrigado a aceitar a proposta!

FIQUE ATENTO!

Aqui estão os principais golpes aplicados em idosos, tenha conhecimento para se proteger.

→ Golpe do falso parente: O golpista entra em contato com o idoso por telefone ou e-mail, fingindo ser um parente em apuros financeiros e pede dinheiro emprestado.

→ Golpe do empréstimo fraudulento: O idoso é convencido a assinar documentos para um empréstimo com juros baixos, mas acaba assinando um contrato com cláusulas abusivas.

→ Golpe do cartão de crédito: O idoso é enganado a fornecer informações do seu cartão de crédito por telefone ou por meio de sites falsos, resultando em compras não autorizadas.

→ Golpe do testamento: Alguém convence o idoso a fazer alterações em seu testamento, deixando seus bens para o golpista ou para uma organização criminosas.

É importante que os idosos estejam cientes desses golpes e tomem precauções para proteger-se. Ficar atento, desconfiar de solicitações não solicitadas e pedir ajuda a um membro da família ou amigo de confiança ao lidar com transações financeiras pode ajudar a evitar ser vítima desses golpes.

Materiais desenvolvidos pelos alunos da Faculdade de Direito: folders, cartilhas ou outros materiais para o esclarecimento teórico de temas relacionados ao conteúdo programático do projeto e público-alvo da Curricularização da Extensão.

IV. A IMPLANTAÇÃO DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA FACULDADE DE DIREITO DA PUC-CAMPINAS

A IMPLANTAÇÃO DA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NA FACULDADE DE DIREITO DA PUC-CAMPINAS

José Eduardo Figueiredo de Andrade Martins¹⁷

1. Introdução

O presente artigo se propõe a apresentar a implantação da Curricularização da Extensão nas disciplinas da faculdade de Direito da PUC-Campinas. Assim, a partir da análise dos termos da Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018 do Ministério da Educação (MEC), é realizada uma investigação das dificuldades enfrentadas na sua implantação, tendo em vista as peculiaridades do curso de Direito e da atuação do profissional da área jurídica. Além disso, é relatado o histórico da construção da Curricularização da Extensão na faculdade de Direito da PUC-Campinas, apresentando sua estrutura e resultados obtidos.

Como referencial teórico, se adotam as novas diretrizes educacionais de formação por competências, em que o aluno deve ser capacitado para enfrentar e solucionar problemas reais, em uma perspectiva multidimensional. Nesse sentido, a Curricularização da Extensão, propiciando uma interlocução com a sociedade, fomenta o aprofundamento no desenvolvimento das competências presentes no projeto pedagógico do curso.

Assim, o artigo está estruturado em quatro partes. Na primeira, são feitas considerações gerais sobre a Curricularização da Extensão, apresentando seu conceito e definição de acordo com as diretrizes do MEC. A seguir, são apresentadas as dificuldades a serem superadas na implantação da Curricularização da Extensão nos cursos de Direito. Já na terceira parte, é relatada a implantação da Curricularização da Extensão na faculdade de Direito da PUC-Campinas, apresentando sua atual estrutura. Por fim, na quarta parte, é apresentado um balanço dos resultados obtidos com as atividades de Curricularização da Extensão já realizadas pelos discentes da faculdade de Direito da PUC-Campinas.

¹⁷. Pós-doutor pelo *Ius Gentium Conimbrigae* da Universidade de Coimbra. Doutor e Mestre em Direito Civil pela Universidade de São Paulo. Especialista em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coursou "Law and Economics" na Universidade de Chicago. Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Assessor da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Coordenador da especialização em Direito Contratual da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Advogado.

2. Breves considerações sobre a Curricularização da Extensão

A Curricularização da Extensão foi instituída pela Resolução nº 7, de 18 dezembro de 2018 do MEC, sendo definida em seu artigo 3º como atividade integrante da matriz curricular e da organização da pesquisa, configurando-se como um processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico e tecnológico, que promove a interação transformadora entre a instituição de ensino superior e outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, articulando-se permanentemente com o ensino e pesquisa.

O dispositivo da resolução deixa claro qual é o objetivo da Curricularização da Extensão: criar um meio de interação entre as instituições de ensino superior e vários setores da sociedade. Com isso, o conhecimento produzido nas universidades não fica restrito aos seus docentes, discentes e funcionários, mas é difundido nos mais diversos espaços e grupos sociais, contribuindo com o exercício e desenvolvimento da cidadania, com a educação da população em geral e na experiência, por parte dos discentes, da aplicação do conhecimento teórico, aprendido em sala de aula, na prática.

Trata-se de orientação que Boaventura Sousa Santos (2004, p. 53-54) já vislumbrava no início dos anos 2000:

A área de extensão vai ter no futuro próximo um significado muito especial. No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a Universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no curriculum e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às Universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.

Mais ainda, está na esteira do desenvolvimento de competências, compreendidas como a “capacidade de mobilizar recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação” (PERRENOUD, 2000, p. 15), sendo este o novo viés da educação no ensino superior atual que, inclusive, as universidades têm se adequando.

3. Desafios na incorporação da Curricularização da Extensão no Curso de Direito

Embora o âmbito de atuação do profissional da área do Direito seja bastante amplo, as carreiras jurídicas impõem inúmeras restrições, de natureza ética e legal, para aqueles que ainda não a ocupam. Desse modo, implantar a Curricularização da Extensão no curso de Direito acaba se tornando um desafio para que os alunos tenham uma experiência legítima sem incorrer nas vedações profissionais ou, ainda, que se torne irregularmente uma mera atividade de estágio revestida de nova nomenclatura.

Como exemplo, há o Estatuto da Advocacia (Lei nº 8.906/94) que determina já em seu artigo 1º que são atividades privativas de advocacia a consultoria, assessoria e direção jurídicas, constituindo, de acordo com o artigo 34, inciso I, infração disciplinar o exercício da profissão quando impedido ou a facilitação do exercício aos não inscritos. Ademais, constitui contravenção penal o exercício ilegal da profissão, nos termos do artigo 47 da Lei das Contravenções Penais (Decreto-lei nº 3.688/41).

Diante desta circunstância, a formulação de atividades de Curricularização da Extensão na faculdade de Direito exige atenção e cuidado especial para que efetivamente haja difusão do conhecimento sem que, ao mesmo tempo, se torne uma atividade de orientação e consultoria jurídicas disfarçadas de atividade acadêmica. É preciso compreender bem o alcance da Curricularização de Extensão e, também, fazer com que os alunos igualmente compreendam os limites de suas atividades.

O artigo 8º da Resolução nº 7 do MEC traz um rol das modalidades de atividades extensionistas: programas, projetos, cursos e oficinas, eventos e prestação de serviços. Com exceção da prestação de serviços, claramente vedada pelo ordenamento jurídico brasileiro, as demais modalidades de atividades extensionistas são, em tese, passíveis de serem implantadas. Todavia, alguns cuidados ainda precisam ser tomados.

Para cursos, oficinas e eventos, é necessária uma supervisão intensa dos professores responsáveis, tendo em vista que a precisão técnica é imprescindível quando se trata da transmissão de conhecimento jurídico. Isto porque, a partir de uma orientação (teórica) jurídica, o ouvinte potencialmente pode modificar seu comportamento, exigir o respeito e cumprimento de direitos ou, até mesmo, deixar de observar seus deveres; e tudo se torna arriscado se a orientação é equivocada.

Além disso, a depender do público-alvo, pode ser difícil atrair o seu interesse ao saberem que alunos, e não profissionais formados, estão realizando o curso, oficina ou evento. Dessa maneira, sem a participação da sociedade, a Curricularização da Extensão perde o seu sentido.

Por tais motivos que parece ser mais adequada e segura a adoção de programas e projetos para a implantação da Curricularização da Extensão no curso de Direito. E foi este o caminho adotado pela faculdade de Direito da PUC-Campinas.

4. Incorporação da Curricularização da Extensão pela Faculdade de Direito da PUC-Campinas

Inicialmente, seguindo a orientação da Resolução nº 7 do MEC, o Projeto Pedagógico do curso de Direito da PUC-Campinas concentrou as atividades de Curricularização da Extensão nas disciplinas de Prática Jurídica, Direitos Humanos e de Noções de Linguagem Jurídica. Afinal, o artigo 4º da referida Resolução impõe que as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% do total da carga horária curricular estudiantil dos cursos de graduação, fazendo parte da matriz curricular do curso.

A escolha das mencionadas disciplinas se deu por motivos bastante claros. As disciplinas de Prática Jurídica são as que mais dialogam com a realidade, propiciando uma simulação de atividade prática aos alunos da faculdade de Direito. Dessa maneira, aliar o que é simulado com um contato direto com a sociedade pareceu decorrência lógica e adequada à formação acadêmica dos discentes.

Já as disciplinas de Direitos Humanos têm conteúdo estritamente relacionado com a essência dos direitos de qualquer pessoa, bem como com os conflitos e violações de direitos mais graves e intensos. São temas que, dentre outros temas, se fundam na pluralidade, tolerância, diversidade e multiculturalidade, em consonância com a construção didático-pedagógica de um projeto pedagógico preocupado com o desenvolvimento de competências (HOGEMANN, 2024).

Por isso, trazer uma interação com problemas sociais pareceu também ser o mais adequado.

Por fim, a disciplina de Noções de Linguagem Jurídica foi escolhida pelo seu conteúdo programático, voltado à compreensão do uso correto de termos jurídicos na argumentação. Esta ideia perpassa a necessidade de adequação do discurso aos interlocutores, em conformidade com suas condições: para alguém com formação jurídica, é admissível o uso de um vocabulário mais técnico; para aqueles que não a possuem, o uso de termos técnicos deve ser moderado, permitindo uma construção de discurso compreensível e que permita o diálogo. Logo, o contato com a sociedade por intermédio da Curricularização da Extensão permite que o aluno já tenha uma primeira experiência na dosagem do uso do vocabulário jurídico.

Assim, para a incorporação da Curricularização da Extensão na Faculdade de Direito da PUC-Campinas, a Direção da Faculdade de Direito criou no início do ano de 2023 um Grupo de Trabalho formado pelos professores Arlei da Costa, Elisângela Rodrigues de Ávila, Maria Conceição Amgarten e José Eduardo Figueiredo de Andrade Martins.

Após inúmeras reuniões e intensos debates ao longo de meses, as atividades de Curricularização da Extensão propostas foram as seguintes:

Quadro 1: Atividades de Curricularização da Extensão propostas para cada componente curricular da Faculdade de Direito

DISCIPLINA	ATIVIDADE PROPOSTA
Prática Jurídica: Oratória e Escrita Jurídicas	Dividindo a turma em grupos, estes deverão pesquisar uma notícia jornalística que envolva temas jurídicos e apresentá-la a pessoas (no mínimo 3) que não possuam formação jurídica. Em sua apresentação deverá explicar os fundamentos jurídicos do noticiado para seus interlocutores, registrando suas impressões e compreensões do que foi apresentado. O registro poderá ser em áudio, vídeo e/ou texto.
Noções de Linguagem Jurídica	Dividindo a turma em grupos, estes deverão pesquisar uma decisão judicial (de qualquer instância ou tribunal) e apresentá-la a pessoas (no mínimo 3) que não possuam formação jurídica. Em sua apresentação deverá explicar os fundamentos jurídicos da decisão para seus interlocutores, registrando suas impressões e compreensões do que foi apresentado. O registro poderá ser em áudio, vídeo e/ou texto.
Prática Jurídica: Carreiras Jurídicas	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder ou cartilha para as pessoas que são atendidas pela Assistência Judiciária da PUC-Campinas, contendo informações sobre o que é hipossuficiência, gratuidade de justiça e função de advogados, promotores e juízes.
Prática Jurídica: Formas alternativas de solução de conflito	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder ou cartilha para os idosos do projeto Vitalitá, em que serão transmitidas informações sobre cuidados que devem ser tomados numa negociação, bem como dicas de como evitar cair em golpes mais comuns que vêm sendo aplicados em idosos.
Prática Jurídica: Processo eletrônico e Juizados Especiais Cíveis	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder ou cartilha para as pessoas que são atendidas pelo Juizado Especial Cível da PUC-Campinas, contendo informações sobre o funcionamento do Juizado Especial.
Prática Jurídica Civil V	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder ou cartilha para os assistidos pela Assistência Judiciária da PUC-Campinas, com orientações sobre o exercício do direito de ação.

Prática Jurídica Civil VI	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder ou cartilha para as pessoas sem formação jurídica, com orientações sobre os direitos de locadores e locatários em um contrato de locação.
Prática Jurídica Civil VII	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder ou cartilha para as pessoas sem formação jurídica, com orientações sobre quais procedimentos adotar para recorrer de uma decisão judicial.
Prática Jurídica Penal VII	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder ou cartilha para as pessoas sem formação jurídica, com orientações sobre quais procedimentos adotar para noticiar a prática de algum crime para as autoridades competentes.
Prática Jurídica em Direitos Humanos V	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder, uma cartilha ou outro material para o esclarecimento da comunidade em geral ou de grupos sociais específicos a respeito de temas de Direitos Humanos.
Prática Jurídica em Direitos Humanos VI	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder, uma cartilha ou outro material para o esclarecimento da comunidade em geral ou de grupos sociais específicos a respeito de temas de Direitos Humanos.
Direitos Humanos I	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder, uma cartilha ou outro material para o esclarecimento da comunidade em geral ou de grupos sociais específicos a respeito de temas de Direitos Humanos.
Direitos Humanos II	Dividindo a turma em grupos, estes deverão elaborar um folder, uma cartilha ou outro material para o esclarecimento da comunidade em geral ou de grupos sociais específicos a respeito de temas de Direitos Humanos.

Fonte: elaboração própria

Além das disciplinas aqui listadas, há previsão de realização da Curricularização da Extensão nas disciplinas de Prática Jurídica Civil VIII, Prática Jurídica Penal VIII, Prática Jurídica Aplicada em Direito Civil A e B, Prática Jurídica Aplicada em Direito do Trabalho A e B, Prática Jurídica Aplicada em Direito Público A e B e Prática Jurídica Aplicada em Direito Penal A e B. Ainda não foram desenvolvidas porque como a implantação da Curricularização da Extensão é progressiva, ainda não chegou o seu respectivo semestre.

Como se nota, em considerável quantidade de disciplinas houve a opção pela elaboração de folder, cartilha ou outro material para o esclarecimento teórico de temas relacionados ao seu conteúdo programático, com público-alvo determinado. Desse modo, foi possível cumprir com o requisito da realização da atividade de Curricularização da Extensão sem ultrapassar as limitações impostas pela legislação quanto às atividades jurídico-profissionais.

Especificamente acerca das disciplinas “Prática Jurídica: Oratória e Escrita Jurídicas” e “Noções de Linguagem Jurídica” foi fornecido um formulário orientador próprio para a realização da atividade de Curricularização da Extensão, como se verifica abaixo:

CENTRO: ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
CURSO: DIREITO
DISCIPLINA: PRÁTICA JURÍDICA: ORATÓRIA E ESCRITA JURÍDICAS
DOCENTE: JOSÉ EDUARDO FIGUEIREDO DE ANDRADE MARTINS

NOMES DOS ALUNOS:	RA:
--------------------------	------------

REFERÊNCIA (LINK) DA NOTÍCIA JORNALÍSTICA APRESENTADA (ANEXAR A NOTÍCIA A ESTE DOCUMENTO)

NOME E PROFISSÃO DOS INTERLOCUTORES

DESCRIÇÃO DA APRESENTAÇÃO

PERGUNTAS E COMENTÁRIOS REALIZADOS PELOS INTERLOCUTORES

IMPRESSÕES DOS INTERLOCUTORES COM A APRESENTAÇÃO

Figura 1. Formulário de atividade de Curricularização da Extensão da disciplina “Prática Jurídica: Oratória e escrita jurídicas”)

CENTRO: ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
CURSO: DIREITO
DISCIPLINA: NOÇÕES DE LINGUAGEM JURÍDICA
DOCENTE: JOSÉ EDUARDO FIGUEIREDO DE ANDRADE MARTINS

NOMES DOS ALUNOS:	RA:
--------------------------	------------

DECISÃO JUDICIAL APRESENTADA

NOME E PROFISSÃO DOS INTERLOCUTORES

DESCRIÇÃO DA APRESENTAÇÃO

PERGUNTAS E COMENTÁRIOS REALIZADOS PELOS INTERLOCUTORES

IMPRESSÕES DOS INTERLOCUTORES COM A APRESENTAÇÃO

Figura 2. Formulário e atividade de Curricularização da Extensão da disciplina “Noções de Linguagem Jurídica”.

Considerou-se importante o fornecimento de referidos formulários para orientar a realização da atividade de Curricularização da Extensão para sua uniformização e, sobretudo, impor maior segurança no seu desenvolvimento por se tratar de alunos ainda cursando o primeiro período do curso de Direito.

5. Resultados obtidos com as atividades de Curricularização da Extensão

Os materiais produzidos apresentaram qualidade condizente com os objetivos e finalidades, superando as expectativas de engajamento dos alunos na realização das atividades de Curricularização da Extensão. Foi observada muita dedicação na sua produção, tendo uma predominância de casos em que a qualidade gráfica excedeu o que era esperado de alunos que sequer têm formação ou conhecimento técnico profundo em artes gráficas.

Ademais, os materiais produzidos se preocuparam com a linguagem utilizada, perseguindo o didatismo e a simplificação dos termos em conformidade com o público-alvo, em detrimento do uso de uma linguagem técnica e inacessível para aqueles que não possuem formação jurídica. Atenderam, portanto, o objetivo geral da Curricularização da Extensão de difusão do conhecimento e interação com a sociedade.

6. Considerações Finais

Este artigo procurou apresentar o caminho trilhado para a implantação da Curricularização da Extensão na faculdade de Direito da PUC-Campinas, evidenciando as dificuldades e conquistas alcançadas até o presente momento. Foi constatado que, embora haja vários obstáculos éticos e legais para a realização das atividades de Curricularização da Extensão, ainda assim o curso de Direito da PUC-Campinas encontrou meios de atingir o objetivo perseguido pelo MEC com a Resolução nº 7, qual seja, a interlocução da universidade com a sociedade, difundindo e aplicando o conhecimento produzido.

Dessa maneira, foi possível notar que as competências que devem ser trabalhadas com os alunos na graduação podem ser intensificadas com as atividades de Curricularização da Extensão. Através delas, poderão desenvolver um viés prático para os problemas simulados em sala de aula, bem como compreender o âmbito de aplicação daquilo que estudam no plano teórico.

Por fim, os materiais produzidos pelos alunos do curso de Direito da PUC-Campinas superaram as expectativas, atendendo plenamente os objetivos da Curricularização da Extensão, do desenvolvimento de competências e demonstrando engajamento na aplicação prática dos conhecimentos técnicos obtidos dentro dos muros universitários.

7. Referências

BRASIL. Resolução n. 7, de 7 de dez. de 2018: estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira e regimenta o disposto na meta 12.7 da lei n. 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 18 maio 2024.

HOGEMANN, Edna Raquel. Sobre a curricularização da extensão nos projetos pedagógicos dos cursos de direito. Revista Internacional CONSINTER de Direito. Curitiba: Juruá, 2023. Disponível em: <https://revista-consinter.com/index.php/ojs/1711>. Acesso em: 18 maio 2024.

PERRENOUD. P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. *Projeto pedagógico do curso de Direito*. São Paulo: 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*. São Paulo: Cortez, 2004.



Entrega da cartilha e roda de conversa no Instituto Amor e Vida - Campinas



Entrega da cartilha no Ambulatório de Especialidades da PUC-Campinas



Entrega da cartilha e roda de conversa no Instituto Amor e Vida - Campinas



Cartilha elaborada para o Instituto Amor e Vida - Campinas

V. RELATOS SOBRE PROJETOS INTEGRADORES NA FACULDADE DE FISIOTERAPIA

RELATOS SOBRE PROJETOS INTEGRADORES NA FACULDADE DE FISIOTERAPIA

Profa. Dra. Telma Dagmar Oberg

Os alunos da PUC-Campinas, no decorrer de sua trajetória acadêmica, como parte integrante do programa pedagógico, desenvolvem projetos integradores que abrangem a resolução de problemas reais articulados às disciplinas desenvolvidas em cada módulo, tornando-os competentes para aprimorar o pensamento crítico na análise e busca de soluções para problemas biopsicossociais, bem como para tomar decisões na prática profissional pautada na humanização e necessidades sociais.

Sob tal perspectiva, os alunos do curso de Fisioterapia, ao seguirem a organização curricular por competências de cada módulo, cumprem os projetos integradores desenvolvendo conhecimentos de forma gradual, de baixa para alta complexidade, na área de saúde. Sendo assim, os temas abordados nos primeiros semestres estão direcionados para a abordagem e interação biopsicossocial e nos últimos estão relacionados às intervenções fisioterapêuticas de baixa e alta complexidade, sempre enfatizando a sua relevância sob o ponto de vista social e científico.

No caso dos projetos integradores aqui apresentados, foram desenvolvidos por grupos de alunos pertencentes a turmas de módulos distintos, porém com metodologias iguais, para construir projetos de extensão à comunidade relacionados à prevenção ou intervenção terapêutica. Sob orientação docente, cada turma dividiu-se em grupos que tiveram a oportunidade de definir o seu tema, bem como idealizarem, planejarem e organizarem as ações. Os produtos como panfletos e atividades presenciais visaram à interação com diferentes públicos em diferentes contextos culturais, no âmbito da saúde, possibilitando dessa forma a curricularização da extensão.

1. Projeto Integrador de Fisioterapia: a Dor Crônica em Pacientes com Câncer de Mama

O câncer de mama é uma das neoplasias mais comuns entre as mulheres, representando aproximadamente 25% de todos os casos de câncer diagnosticados no sexo feminino em todo o mundo. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2020, foram registrados cerca de 2,3 milhões de novos casos de câncer de mama, tornando-o a forma mais prevalente de câncer globalmente. No Brasil, o Instituto Nacional de Câncer (INCA) estima que, em 2023, ocorreram cerca de 66.280 novos casos de câncer de mama, destacando a importância da detecção precoce e do tratamento eficaz. Os tratamentos para o câncer de mama, apesar de eficazes, frequentemente causam dores crônicas que afetam a qualidade de vida dos pacientes. Cirurgias como mastectomia e lumpectomia podem resultar em dor persistente na área da cicatriz e na parede torácica devido a lesões nos nervos e músculos. A dissecação de linfonodos axilares, utilizada para remover linfonodos, pode provocar linfedema, resultando em dor e inchaço no braço e ombro. A dor crônica associada aos tratamentos para o câncer de mama tem um impacto profundo e multifacetado na vida dos pacientes. Fisicamente, a dor pode limitar a mobilidade e a função diária, tornando tarefas simples desafiadoras e reduzindo a capacidade de participar de atividades rotineiras e de trabalho. Além disso, interfere no sono, resultando em insônia e fadiga, que podem exacerbar a sensação de dor.

1.1 Fisiopatogenia

O câncer de mama é uma doença multifatorial e o mais comum entre as mulheres. Os principais fatores são: alterações biológicas, idade avançada, uso de contraceptivos orais, fatores comportamentais e ambientais, ingestão de bebida alcoólica, excesso de gordura corporal, inatividade física, entre outros. Por mais que prevaleça os casos femininos, a doença atinge também os homens também.

1.2 Atuação da Fisioterapia

O auxílio do fisioterapeuta é algo benéfico para a patologia, pois reduz os riscos de complicações e restaura a integridade dos órgãos. O tratamento pode ser realizado com as massagens oncológicas com o intuito de amenizar dores juntamente com a cinesioterapia para melhorar a força muscular e a hidroterapia a fim de aumentar a amplitude, diminuição de tensão muscular, analgesia e ajuda no ganho de força e resistência muscular.

1.3 Relação com o Componente Curricular

Durante o primeiro semestre de 2024, foram fornecidas aos alunos autores deste projeto as disciplinas de Cinesiologia, Cinesioterapia, Hidroterapia, Massoterapia e Ética e Antropologia Teológica. Na disciplina de Cinesiologia, relacionamos com o tema do projeto exercícios de fortalecimento que podem ser trabalhados, que podem resultar na melhoria da mobilidade e função física, a redução da fadiga, a melhoria da qualidade de vida, a melhoria da função cardiovascular e a redução da chance de colapso pelo alongamento das fibras musculares. Já a Cinesioterapia, pode beneficiar pacientes acometidas com o câncer de mama através da recuperação da amplitude de movimento, a melhoria da força muscular e resistência, alívio da dor e desconforto e suporte psicossocial. Com a Hidroterapia, é também possível realizar o ganho de amplitude de movimento e melhoria da força muscular, através de exercícios que trazem aos pacientes diminuição da dor e de edemas. A Massoterapia tem diversas técnicas que auxiliam as pacientes acometidas com câncer de mama, trazendo alívio das dores e facilitação venosa. Por fim, relacionando o tema do projeto com a Ética e Antropologia Teológica, temos a busca do bem-estar das pacientes oncológicas e da resolução de problemas físicos e psicológicos delas, através de uma abordagem sensível e compassiva que busca sempre o equilíbrio entre a promoção da saúde.

1.4 Objetivo

Proporcionar a compreensão das pessoas sobre os benefícios das atividades físicas nas dores crônicas em pacientes oncológicos com câncer de mama, como alongamento e massagem. Nesse viés, a conscientização por meio da informação sobre a atuação da fisioterapia tem como objetivo auxiliar os indivíduos sobre os tratamentos fisioterapêuticos mediante as dores após a mastectomia e durante o tratamento oncológico.

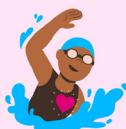
1.5 Método

Por meio da pesquisa em bases científicas de forma subjetiva, foram selecionados oito artigos, em plataformas: UNESP, USP, UFMG, UERJ, revistas, Scielo e Capes. A partir dos artigos selecionados, o grupo reuniu as informações mais relevantes para o público escolhido, foi confeccionada cartilha informativa sobre: “as dores crônicas causadas pelo câncer de mama” (Fig1) e com cartelas de automassagem relaxantes para MMII, com o objetivo de aliviar tensões e rigidez muscular decorrentes do câncer. Realizou-se a dinâmica da roda de conversa e a entrega da cartilha educativa no dia 16/05/2025, no Instituto amor e vida. Nessa dinâmica, usamos a cartilha educativa para apresentar sobre as dores crônicas acometidas pelo câncer de mama. As mulheres apresentaram seus relatos e histórias de vida. A dinâmica foi com finalidade de propagar a informação de forma que pudessem conhecer de maneira simples alguns benefícios dos exercícios de alongamento e de massagem do membro inferior para as dores crônicas causadas pelo câncer de mama

Sugestão de Alongamentos:



Alongamentos e exercícios na água em temperatura ambiente, também servem como recursos para o alívio da dor.



Faculdade de Fisioterapia
PUC Campinas

Alunos do 2º ano
2024

Aline Braga
Gustavo Miranda
Izadora Neto
Jorge Pereira
Michele Bertolini
Natália Ghiraldi
Nicole Oliveira
Raphael Goya

Supervisão:
Dra. Telma Dagmar Oberg



Dor Crônica no Câncer de Mama

Vamos falar sobre?



O que é câncer?

O câncer é uma doença onde acontece o crescimento desordenado de células malignas que podem se espalhar para outras partes do corpo.

Dores causadas:

A dor pode ocorrer pelo:

- Tratamentos quimioterápicos
- Radioterapia
- Cirurgias
- Efeito colateral do remédio



E no câncer de mama?

- A identificação precoce do câncer é um fator muito importante para a eficácia da melhora e maior sobrevida das mulheres acometidas.
- Em relação as dores, elas podem se manifestar em momentos mais graves da doença e durante sua recuperação, podendo ser aliviada com exercícios terapêuticos e massagens.

Automassagem relaxante:

- Com toque leve do calcanhar em direção ao joelho, fazer movimentos sempre para cima
- Massagear também toda região dos pés, em forma de amassar um pão;



⚠️ ATENÇÃO: caso sinta dor, pare imediatamente e procure ajuda profissional.

Figura 1. Cartilha educativa (material técnico) produzido pela equipe

1.6 Resultado

Com a roda de conversa e a entrega da cartilha educativa no Instituto Amor e Vida, os resultados do projeto de extensão foram positivos. As senhoras participaram da apresentação, fazendo relatos de suas doenças, os quais foram essenciais para a roda de conversa, além disso, todas as mulheres realizaram os alongamentos.

1.7 Conclusão

Cada vez mais se faz necessária a atuação da fisioterapia em relação a paciente com câncer de mama, do ponto de vista do tratamento e da prevenção, O treinamento e a competência em fisioterapia são fundamentais para se alcançarem os resultados esperados. O fisioterapeuta precisa ter claro o objetivo de tratamento, facilitando a aceitação do paciente ao atendimento, é imprescindível que todos se conscientizem de que além da patologia o aspecto emocional é muito presente na vida desses pacientes. Na visita que realizamos no Instituto Amor e Vida, tivemos a oportunidade de acompanhar de perto, com relatos emocionantes desde a descoberta da patologia até o acolhimento realizado pelo grupo multidisciplinar dos profissionais na área da saúde. Portanto, o benefício a ser buscado é a preservação da vida e o alívio dos sintomas, dando oportunidade, sempre que possível, para a independência funcional da paciente. A reinserção em suas atividades de vida diária é importante para restaurar a autoestima e principalmente a qualidade de vida.

2. Projeto Integrador de Fisioterapia: Prevenção do Ombro Doloroso do Hemiplégico

O presente trabalho aborda a complexidade do ombro doloroso do hemiplégico, onde temos o intuito de levar a prevenção para a comunidade, sendo este um tema que afeta a maioria dos indivíduos acometidos pelo AVC, podendo ser isquêmico que resulta da obstrução de uma artéria, impedindo o fornecimento de oxigênio às células cerebrais, levando à sua morte ou hemorrágico quando um vaso cerebral se rompe, causando hemorragia no tecido cerebral ou entre o cérebro e a meninge. O ombro do hemiplégico consiste na fraqueza ou paralisia dos músculos do ombro de um hemicorpo devido ao dano cerebral causado pelo Acidente Vascular Cerebral, onde essa fraqueza muscular pode impactar na instabilidade do ombro, diminuição da ADM e na perda da função do ombro, tornando as AVDs (Atividades de Vida Diária) desafiadoras. A alteração do tônus, o comprometimento da sensibilidade sensorial, o controle motor prejudicado, a amplitude de movimento (ADM) limitada da articulação do ombro com restrição capsular, a posição prolongada são alguns dos fatores que podem acarretar o ombro doloroso. Então se faz necessário pensarmos na prevenção para que esta complicação não ocorra, não afetando as funções básicas necessárias para realizar as AVDs, como por exemplo se vestir, pentear o cabelo, pendurar roupas no varal, pegar objetos em locais altos, entre outros. Dentro da prevenção serão abordados exercícios de mobilização, aeróbicos entre outros.

2.1 Objetivo

Divulgar à comunidade ações preventivas sobre o ombro doloroso do hemiplégico, apontando os fatores de risco a serem evitados, para que não ocorra o ombro doloroso. Elaborar ações preventivas sobre o ombro doloroso do hemiplégico. Ilustrar uma cartilha informativa sobre a disfunção e sua prevenção.

2.2 Método

A pesquisa bibliográfica foi realizada através da base de dados PUBMED, Scielo e Google Acadêmico. Para levar o conhecimento à comunidade foi desenvolvida uma cartilha informativa e preventiva sobre o ombro doloroso do hemiplégico (Fig1), apresentada para pacientes, cuidadores e acompanhantes de pacientes do Ambulatório de Especialidades da PUC Campinas.

Em TODOS os exercícios o braço não afetado irá auxiliar o braço afetado

Mãos para um lado e para o outro

- Sentado, junte os dedos das mãos e estique os cotovelos.
- Leve as mãos em 2 sentidos, para o lado direito e depois o esquerdo.
- Faça o movimento 10 vezes, descanse e repita (5 séries).

Mãos para cima e para baixo

- Sentado, junte os dedos das mãos e estique os cotovelos.
- Levante as mãos e volte.
- Faça o movimento 10 vezes, descanse e repita (5 séries).

Girar o corpo

- Sentado, cruze os braços.
- Gira o corpo para direita e para a esquerda.
- Faça o movimento 10 vezes, descanse e repita (5 séries).

Rotação de ombro

- Em pé, pegue um elástico, e prenda em uma superfície estável (janela, maçaneta, portão).
- Junte o cotovelo ao corpo, e faça um movimento para puxar para fora, com a mão oposta do lado que você está.
- Faça o movimento 10 vezes, descanse e repita (5 séries).

PREVENÇÃO DO Ombro Doloroso do Hemiplégico

Autores: Estudante do 4º ano do Curso de Fisioterapia, 2024.
Com supervisão docente.

Ombro Doloroso do hemiplégico

Causada pela fraqueza ou paralisia dos músculos do ombro de um hemicorpo devido ao dano cerebral causado pelo acidente vascular cerebral (AVC), onde essa fraqueza muscular pode impactar na instabilidade do ombro, diminuição da ADM e na perda da função do ombro, tornando as AVDs (atividades de vida diária) desafiadoras.

Fatores de Risco

Abaixo listamos alguns dos fatores que podem acarretar o ombro doloroso:

- Alteração do tônus
- Comprometimento de sensibilidade muscular
- Fraqueza muscular
- Acidente vascular cerebral hemorrágico
- Controle motor prejudicado
- Amplitude de movimento (ADM) limitada da articulação do ombro com restrição capsular
- Posição prolongada e encurtada.

Incidência

Em Torno de 1% das pessoas durante o primeiro ano após o AVC sofrem com o ombro doloroso e desses aproximadamente 20% começam a sentir a dor nas 1ª e 2ª semana após o AVC. (HORN et al., 2003). Como essa condição afeta de forma negativa a qualidade de vida dos indivíduos, especialmente as AVDs se faz necessário pensarmos na prevenção para que esta complicação não ocorra.

Posicionamento

Sentado

Coloque um travesseiro ou almofada no colo para apoiar o braço em cima.

Deitado sobre o lado não afetado

Coloque um travesseiro debaixo do braço afetado, deixando este estendido, e também um travesseiro entre as pernas deixando a perna afetada em leve flexão.

Deitado sobre o lado afetado

O braço afetado deve ser posicionado à frente do corpo, de um jeito que não cause desconforto, e que o peso do corpo não fique em cima desse ombro. Nas pernas deve ser colocado um travesseiro entre elas, e a perna afetada deve ficar em leve flexão.

Deitado de barriga para cima

Colocar um travesseiro embaixo do braço afetado, e nas pernas colocar um travesseiro embaixo do joelho.

Exercícios Diários

Braços para cima e para baixo

- Deitado, junte as mãos e estique os cotovelos
- Leve as mãos em 2 sentidos, acima da cabeça e na direção dos pés.
- Faça o movimento 10 vezes, descanse e repita (5 séries).

Braços para a um lado e para o outro

- Deitado, junte as mãos e estique os cotovelos
- Leve as mãos em 2 sentidos, para o lado direito, depois o esquerdo.
- Faça o movimento 10 vezes, descanse e repita (5 séries).

Levantar os cotovelos

- Sentado, cruze os braços.
- Enga os braços o máximo que conseguir
- Faça o movimento 10 vezes, descanse e repita (5 séries).

NUNCA puxar pelo braço, pois pode machucar o ombro.

Figura 2. Cartilha educativa (material técnico) produzido pela equipe

2.3 Resultado

A entrega e orientação das cartilhas foi realizada em dois dias, no Ambulatório de Especialidades da PUC Campinas, nas recepções de cardiopulmonar (13/05) e neurológica (20/05), onde no primeiro dia foram entregues 50 cartilhas, porém o público atingido foi de 65 pessoas no total, onde as 15 adicionais receberam a cartilha via online, por meio do QR code, e no segundo dia foram entregues 50 cartilhas, que foi o total do público atingido neste dia. No total este projeto atingiu no total 115 pessoas (Fig2)



Figura 3. Entrega da cartilha no Ambulatório de Especialidades da PUC-Campinas

2.4 Conclusão

Concluimos que os objetivos foram atingidos, especialmente o de divulgar a comunidade ações preventivas sobre o ombro doloroso do hemiplégico. A participação na atividade proporcionou aos componentes do grupo maior conhecimento sobre o assunto bem como uma experiência gratificante no envolvimento com a comunidade.

3. Projeto Integrador: o Impacto do Uso de Celular ao Volante na Ocorrência de Acidentes de Trânsito

O avanço tecnológico nas últimas décadas trouxe consigo uma série de dispositivos que se tornaram parte essencial da vida moderna. Entre eles, os smartphones assumiram um papel central, permeando diversos aspectos do cotidiano, inclusive durante a condução de veículos. No entanto, o uso desses dispositivos ao volante tem sido associado a uma série de riscos, destacando-se como um dos principais fatores contribuintes para os acidentes de trânsito em todo o mundo.

A distração causada pelo uso de celular enquanto se dirige é uma preocupação crescente entre autoridades de trânsito, pesquisadores e a sociedade em geral. Estudos mostram que o simples ato de atender uma ligação, enviar uma mensagem de texto ou mesmo conferir notificações em aplicativos pode ter sérias consequências, afetando a atenção, o tempo de reação e a habilidade de resposta dos condutores. No Brasil, país com uma das maiores taxas de acidentes de trânsito do mundo, a problemática do uso de celular ao volante não é diferente. Estatísticas alarmantes revelam a magnitude do problema: de acordo com dados do Observatório Nacional de Segurança Viária, em 2020 foram registrados mais de 162 mil acidentes de trânsito no país, dos quais cerca de 25% tiveram como causa direta ou indireta o uso de celular pelos condutores. (“Uso do celular durante a condução é a terceira maior causa de mortes em sinistros de trânsito no País”, [s.d.]) Diante desse cenário preocupante, surge a necessidade premente de compreender melhor os impactos do uso de celular ao volante e buscar soluções eficazes para mitigar esse problema. Esta pesquisa se propõe a analisar detalhadamente a relação entre o uso de celular durante a condução e a ocorrência de acidentes de trânsito no Brasil, identificando padrões, tendências e possíveis medidas preventivas. Ao abordar essa questão, esperamos contribuir para a promoção de uma cultura de segurança viária e para a redução do número de vítimas decorrentes desse comportamento negligente nas estradas brasileiras.

O impacto do uso de celular ao volante na capacidade de reação e tempo de resposta do condutor é significativo e pode ter consequências graves. Quando um motorista está distraído pelo celular, seja atendendo uma ligação, lendo uma mensagem de texto ou utilizando 5 aplicativos, sua atenção é desviada da estrada, o que afeta diretamente sua capacidade de reagir a eventos inesperados no trânsito. Estudos têm demonstrado que o tempo de reação dos motoristas enquanto estão distraídos pelo celular é consideravelmente mais lento em comparação com quando estão focados na direção. Por exemplo, um estudo publicado no jornal *Transportation Research Part F: Traffic Psychology and Behaviour* constatou que o tempo de reação ao atender uma ligação ou ler uma mensagem de texto pode ser até quatro vezes mais lento do que em condições normais de direção (OVIEDO-TRESPALACIOS et al., 2016). Além disso, a capacidade de percepção do ambiente ao redor do veículo também é comprometida quando o motorista está distraído pelo celular. Isso pode resultar em dificuldades para identificar sinais de trânsito, pedestres, ciclistas e outros veículos, aumentando assim o risco de colisões e acidentes (OVIEDO-TRESPALACIOS et al., 2016) No Brasil e em muitos outros países, as estatísticas sobre acidentes de trânsito relacionados ao uso de celular ao volante são alarmantes. De acordo com dados do Observatório Nacional de Segurança Viária (ONSV), em média, 150 pessoas morrem por dia em acidentes de trânsito no Brasil, e estima-se que o uso de celular esteja envolvido em cerca de 20% desses acidentes. Além disso, aproximadamente 50 mil pessoas ficam feridas e outras milhares são incapacitadas permanentemente todos os anos devido a acidentes causados pela distração ao volante. A nível global, as estatísticas também são preocupantes. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 1,35 milhão de pessoas morrem a cada ano em acidentes de trânsito em todo o mundo, e estima-se que o uso de celular ao volante esteja relacionado a uma parcela significativa desses acidentes. Em resumo, o uso de celular ao volante pode ter um impacto devastador na capacidade de reação e tempo de resposta do condutor, aumentando assim o risco de acidentes graves. As estatísticas mostram claramente a gravidade desse problema e destacam a importância de conscientizar os motoristas sobre os perigos da distração no trânsito.

3.1 Objetivo

Este trabalho acadêmico tem como propósito principal disseminar entre a população dados significativos que evidenciem os graves riscos associados ao uso de celular ao volante, visando conscientizar e influenciar a adoção de medidas preventivas e comportamentos mais seguros no trânsito.

3.2 Método

O método empregado neste trabalho acadêmico seguiu uma abordagem sistemática. Inicialmente, foram realizados levantamentos em bases de dados renomadas, como Scielo e Google Acadêmico, assim como em fontes online especializadas em segurança viária. Por meio dessa investigação, examinamos os fatores de risco associados ao uso de celular ao volante, abordando os aspectos de distração visual, cognitiva e manual. Em seguida, foram analisadas as diferentes medidas legislativas e políticas públicas implementadas internacionalmente para mitigar esses riscos. Após a revisão literária, procedemos ao desenvolvimento de cartilhas educativas centradas no tema. Essas cartilhas foram elaboradas para transmitir informações pertinentes e impactantes sobre os perigos do uso de celular durante a condução. Estabelecemos parcerias estratégicas com a Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (EMDEC) para conduzir ações comunitárias de conscientização. Duas iniciativas se destacaram nesse processo: a distribuição das cartilhas para o público frequentador do Shopping das Bandeiras e a organização de um passeio ciclístico em prol da causa, realizado no campus da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Essas atividades visaram não apenas divulgar informações relevantes sobre segurança viária, mas também engajar a comunidade local na promoção de um comportamento mais seguro no trânsito, estimulando a reflexão e a adoção de práticas responsáveis ao volante.

3.3 Material técnico elaborado

O uso de celular ao volante é um tema de grande relevância para a segurança no trânsito, o panfleto (Fig 1) elaborado destaca diversos aspectos críticos relacionados a essa prática. Este enfatiza a importância de respeitar as normas de trânsito e de conscientizar os motoristas sobre os perigos do uso de celular ao volante.

Foi realizada a distribuição do material técnico elaborado ao público frequentador do Shopping das Bandeiras e da organização de um passeio ciclístico em parceria com a EMDEC, realizado no campus da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Fig 2. Essas atividades tiveram como objetivo não apenas divulgar informações relevantes sobre segurança viária, mas também engajar a comunidade local na promoção de comportamentos mais seguros no trânsito, estimulando a reflexão e a adoção de práticas responsáveis ao volante. A participação nessas atividades foi extremamente enriquecedora para os membros do grupo, proporcionando uma valiosa experiência de interação com a comunidade e reforçando a importância da educação e conscientização no trânsito.

Trânsito mais seguro

-  Respeite o limite de velocidade
-  Não utilize o celular enquanto dirige
-  Respeite a sinalização da via
-  Use sempre o cinto de segurança
-  Se dirigir, não beba!
-  Utilizar o capacete ao dirigir ou andar de motocicletas

Elaborado por estudantes do 1º ano/2024 de Fisioterapia da PUC Campinas, com orientação da docente Telma Oberg.

Respeite o trânsito, respeite a vida!



Impactos do uso de celular ao volante



O Problema

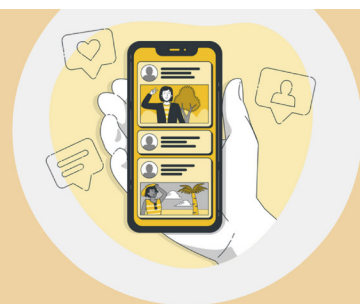
No Brasil, onde enfrentamos um grande número de acidentes de trânsito, o uso de celular ao dirigir é um problema grave. Estatísticas preocupantes destacam a gravidade dessa situação, de acordo com informações do Observatório Nacional de Segurança Viária, ocorreram mais de 162 mil acidentes de trânsito no país. Dentre esses acidentes, aproximadamente 25% tiveram como motivo direto ou indireto o uso de celular por parte dos motoristas

FONTE: Home ONSV. Disponível em: <<https://www.onsv.org.br/>>. Acesso em: 25 mar.24

Distratores

Desviar o olhar da estrada por apenas alguns segundos pode aumentar significativamente o risco de acidentes. São exemplos de distratores:

- Chamadas telefônicas.
- Enviar mensagens de texto.
- Aplicativos de redes sociais e e-mails.
- Uso do GPS.
- Visualizar o painel multimídia.



Consequências

Estudos mostram que o tempo de reação é até quatro vezes mais lento quando estão distraídos pelo celular. Além disso, a distração compromete a percepção do ambiente ao redor do veículo, dificultando a identificação de sinais de trânsito e outros veículos.



Figura 4. - Cartilha educativa (material técnico) produzido pela equipe



Figura 5. – Fotos nos locais de distribuição do material técnico para a comunidade

3.4 Conclusão

O presente trabalho abordou a importância da conscientização sobre o uso do celular ao volante e suas implicações na segurança viária. As estratégias implementadas para disseminar essas informações incluíram a distribuição de cartilhas no Shopping das Bandeiras e a organização de um passeio ciclístico no campus da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) realizado em parceria com a EMDEC. Essas atividades foram fundamentais para engajar a comunidade local, promovendo a reflexão e a adoção de práticas mais seguras no trânsito. A participação nessas iniciativas não apenas ampliou o alcance das informações sobre segurança viária, mas também proporcionou aos membros do grupo uma experiência enriquecedora de interação com a comunidade, ressaltando a importância da educação e conscientização no trânsito. Em suma, o trabalho demonstrou que campanhas educativas e a mobilização da comunidade são estratégias eficazes para fomentar comportamentos responsáveis ao volante. A promoção de ações como

a distribuição de materiais informativos e a realização de eventos comunitários pode contribuir significativamente para a redução de acidentes de trânsito e para a construção de um trânsito mais seguro.

4. Referências

ABREU, A. M. M.; LIMA, J. M. B. DE; LIMA, J. M. B. DE. O impacto do álcool na mortalidade em acidentes de trânsito: uma questão de saúde pública. *Escola Anna Nery*, v. 10, n. 1, p. 87-94, abr. 2006.

Acidente de trânsito: os 7 principais e como evitá-los. Disponível em: . Acesso em: 14 mar. 2024

BOMBARDIER, Charles H.; KAPLAN, MICHAEL C.; JOSHI, ANAND. *Epítome Medicina Física e Reabilitação*.1995, n. 2, v. 162.

CAIRD, J. K. *et al.* A meta-analysis of the effects of cell phones on driver performance. *Accident Analysis & Prevention*, v. 40, n. 4, p. 1282-1293, jul. 2008.

CALIL, A. M. *et al.* Mapping injuries in traffic accident victims: a literature re view. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 17, p. 120-125, 1 fev. 2009.

CONCEIÇÃO, G. M. DE S.; ALENCAR, G. P.; LATORRE, M. DO R. D. DE O. Tendência temporal das internações por acidentes de trânsito na cidade de São Paulo, Brasil, 2000- 2019. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, n. 11, 2021.

CORREIA, Ana Carolina Barbosa Santos. Tratamento fisioterapêutico por terapias integrativas em pacientes oncológicos durante a infusão de quimioterapia. Belo Horizonte MG. 17 de Agosto de 2022. Disponível em: . Acesso em: 13 mar. 2024.

Departamento Nacional de Trânsito (DENATRAN). Disponível em: Acesso em: 26 mar. 2024 VI. EINSTEIN, H. I. A. Conheça 4 dicas para evitar acidentes de trânsito. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2024.

Home ONSV. Disponível em: . Acesso em: 25 mar. 24

FARIA, Lina. As práticas do cuidar na oncologia: a experiência da fisioterapia em pacientes com câncer de mama. *SciELO Brasil*, 2010. Disponível em: . Acesso em 16 de abril de 2024.

FLORENTINO, Danielle; SOUSA, Flavia; MAIWORN, Adalgisa; CARVALHO, Ana; SILVA, Kenia. A Fisioterapia no Alívio da Dor: Uma Visão Reabilitadora em Cuidados Paliativos. *Revista HUPE*, v. 12, n. 2, dez. 2014. Disponível em: . Acesso em 7 de Março de 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde: 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). Estimativa de 2023: Incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2022. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/estimativa/2023>. Acesso em: 25 abr 2024

INSURANCE INSTITUTE FOR HIGHWAY SAFETY. Distracted driving. Disponível em: . X. NATIONAL HIGHWAY TRAFFIC SAFETY ADMINISTRATION. Distracted Driving. Disponível em: .

LEAL, André Giacomelli; DE AGUIAR, Paulo Henrique Pires; RAMINA, Ricardo. Tratamento de Neurologia Clínica e Cirurgia. 1 ed. Academia Brasileira de Neurocirurgia, 2022. Disponível em: https://youtu.be/0R4v7y0I3b8?si=bdOhtXnebx0OOI_ . Acesso em: 03 mar. 2024.

Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-aaz/a/avc> acesso em: 03 de março de 2024

NEUMANN, Donald A. Cinesiologia do aparelho musculoesquelético: fundamentos para reabilitação. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021, 754 p.

NEVES, Ana Filipa; BARBOSA, Alexandre Camões. Ombro Doloroso do Hemiplégico: Da Prevenção ao Tratamento. Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Física e de Reabilitação. v. 28, n. 2. 2016.

OLIVEIRA, Alessandra Gomes; SOUSA, Jocelinda Sá; SILVA, Michele Maia; FREITAS, Vanessa Fernandes. Cinesioterapia Aplicada a Pacientes Mastectomizadas. Ribeirão Preto SP, 2017. Disponível em: . Acesso em: 14 abr. 2024.

Organização Mundial da Saúde (OMS). Disponível em: Acesso em: 25 mar. 24

OVIEDO-TRESPALACIOS, O. *et al.* Understanding the impacts of mobile phone distraction on driving performance: A systematic review. Transportation Research Part C: Emerging Technologies, v. 72, p. 360–380, nov. 2016.

RANGEL, Odileia; TELLES, Carlos. Tratamento da Dor Oncológica em Cuidados Paliativos . Rio de Janeiro. Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto, UERJ. Junho de 2012. Disponível em: . Acesso em: 16 mar. 2024.

REDELMEIER, D. A.; TIBSHIRANI, R. J. Association between Cellular-Tele phone Calls and Motor Vehicle Collisions. New England Journal of medicine, v. 336, n. 7, p. 453–458, 13 fev. 1997

SCHWINGEL, Gabriele; PORTA, Marcela Dalla; CHESANI Helyda; PANISSON, Renata D'Agostini Nicolini; BARAZZETTI, Lidiani. Atuação do Fisioterapeuta nos Cuidados Paliativos e Tratamento de Pacientes com Câncer de Mama : uma revisão bibliográfica. Caxias do Sul RS. 4º Congresso de Responsabilidade Socioambiental da FSG. 27 de Julho de 2021. Disponível em: . Acesso em: 21 de Março 2024.

TAKEUTI, Paula; LANDIM, Ana; ROCHA, Ana; ARAÚJO, Mariane; CARMO, Edna. Avaliação da Qualidade de Vida de Mulheres Mastectomizadas Inseridas em um Programa de Fisioterapia Aquática. Revista Ciência em Extensão, v. 9, n. 3, p. 198, 2013. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1008/923 . Acesso em: 22 abr. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Breast cancer. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: . Acesso em: 25 abr. 2024.



Atividade de estimulação inter-hemisférica com caixa de objetos desenvolvido pelos estudantes de Fonoaudiologia.



Jogo de tabuleiro desenvolvidos pelos estudantes de Fonoaudiologia.



Apresentação dos projetos no Shopping Bandeiras.

VI. RELATO DE EXPERIÊNCIA: PROJETO INTEGRADOR: ESTUDOS EM PRÁTICAS FONOAUDIOLÓGICAS- LINGUAGEM

RELATO DE EXPERIÊNCIA: PROJETO INTEGRADOR: ESTUDOS EM PRÁTICAS FONOAUDIOLÓGICAS- LINGUAGEM

Profa. Dra. Letícia Reis Borges Ifanger

1. Introdução

A Faculdade de Fonoaudiologia é estruturado em três Ciclos divididos em oito módulos. Cada Módulo do Curso Fonoaudiologia é formado pelo agrupamento de um conjunto de competências específicas que se pretende desenvolver ao longo do seu percurso, de tal forma que os componentes curriculares que o constituem se interconectam, favorecendo a interdisciplinaridade, a articulação dos saberes e a execução de projetos integradores, que propiciam a aprendizagem significativa, relacionam a teoria com a prática e possibilitam o trabalho colaborativo.

O Ciclo I - Desenvolvimento e Distúrbios Fonoaudiológicos, é composto por quatro módulos, sendo eles Linguagem, Audição, Saúde e Educação e Comunicação. Este ciclo compõem a base para a formação do discente, preparando-o para o início das atividades nos estágios práticos propostos, que ocorrem na Clínica de Fonoaudiologia da PUC-Campinas, e nas Unidades Básicas de Saúde com parceria para atividades junto à comunidade.

O módulo I considera a importância da formação discente composta pelo oferecimento de componentes curriculares tendo como base a Linguagem.

O componente Estudos e Práticas Fonoaudiológicas: Linguagem apresenta-se como um componente curricular que irá fazer a união dos componentes curriculares do módulo, propondo ao discente a elaboração de um projeto que visa apresentar os conhecimentos adquiridos durante o semestre. É essencial a consideração da necessidade do domínio pelo discente de bases biológicas da linguagem, sociais e humanas, sempre dentro de uma diretriz que considere o princípio da integralidade do ser humano.

2. Desenvolvimento do Projeto

O projeto iniciou com a contextualização da importância da linguagem para a Fonoaudiologia e como ela conseguiria contemplar todos os componentes teóricos do módulo I.

Os alunos foram divididos em sete grupos, sendo que cada grupo ficou responsável por um componente ministrado no módulo:

- Grupo 1: Língua Brasileira de Sinais A
- Grupo 2: Distúrbios da Fluência
- Grupo 3: Estudos em linguística
- Grupo 4: Linguagem e Desenvolvimento
- Grupo 5: Biologia do Desenvolvimento
- Grupo 6: Psicologia do Desenvolvimento
- Grupo 7: Genética Aplicada à Fonoaudiologia

O projeto incluiu a entrega de uma parte escrita contendo uma introdução sobre a relação de cada componente com a linguagem e um material de promoção de saúde aplicado ao tema de cada grupo.

O grupo 1 criou um quebra-cabeça adaptado com sinais da LIBRAS, a fim de estimular a aprendizagem dos sinais do alfabeto, a coordenação motora fina, linguagem e conhecimento. O jogo incentiva o bilinguismo e estimula a motricidade fina em crianças na fase de desenvolvimento. Pode ser adaptado para agregar a libras à linguagem cotidiana da criança, contribuindo também para a formação de uma sociedade mais inclusiva e consciente das necessidades de pessoas surdas ou com deficiência auditiva.



Figura 1. - Quebra-cabeça adaptado com sinais de Libras

O grupo 2 desenvolveu um jogo de tabuleiro para auxiliar na fluência da fala com o tema zoológico. O jogo contém diversas cartas para estimular a fluência como: trava-línguas, vibração de lábios, criação de história, elaboração de frases, imitação, nomeação rápida.



Figura 2. – Jogo de tabuleiro desenvolvido pelos estudantes de Fonoaudiologia.

Para a estimulação do componente de linguística, o grupo 3 elaborou um jogo sobre as variações linguísticas frequentemente utilizadas em cada região do Brasil. Os alunos fizeram um banner com a imagem do mapa do Brasil e várias palavras que contemplassem cada estado com o seu significado. O jogador tem que tentar associar a palavra com a região correta, caso o jogador não saiba, o avaliador dará dicas da região e do significado da palavra.

Norte:	Nordeste:	Centro-Oeste:	Sudeste:	Sul:
Miudinho	Macaxeira	Azangar-se	Mó	Aipim
Merenda	Mangando	Bitelo	Larica	Bergamota
Muruca	Sustança	Abiscoitar	Parceira	Guri
Cunha	Encabulado	Empatar	Mano	Tchê
Curimim	Oxente	Camela	Rolê	Tatuíra
	Magote	Borracho	Baroa	Piá

Figura 3. – Jogo sobre variações linguísticas desenvolvido pelos estudantes de Fonoaudiologia.

O projeto sobre o componente linguagem e desenvolvimento visou estimular a linguagem por meio do jogo stop. O grupo procurou uma atividade que englobasse de forma geral a linguagem e suas características através de uma imagem ou uma palavra. A atividade estimula a morfossintaxe, a semântica, a fonologia, a pragmática e a prosódia. Além das habilidades de memorização, agilidade, cognição e os aspectos linguísticos. Os alunos criaram cartas para que a criança encontrasse a figura de acordo com a letra sorteada.



Figura 4. -Jogo stop desenvolvido pelos estudantes de Fonoaudiologia.

Os grupos cinco, seis e sete desenvolveram projetos de componentes de saber não dominante e conseguiram demonstrar a importância da biologia, psicologia e genética na Fonoaudiologia e para o desenvolvimento de linguagem.

O grupo 5 criou uma atividade de estimulação inter-hemisférica com a caixa de objetos. Dentro da caixa continha objetos em que o indivíduo teria que achar colocando a mão esquerda dentro da caixa após ler uma dica. O material elaborado visa estimular áreas cerebrais ligadas à linguagem, melhorando memória, processamento e comunicação.

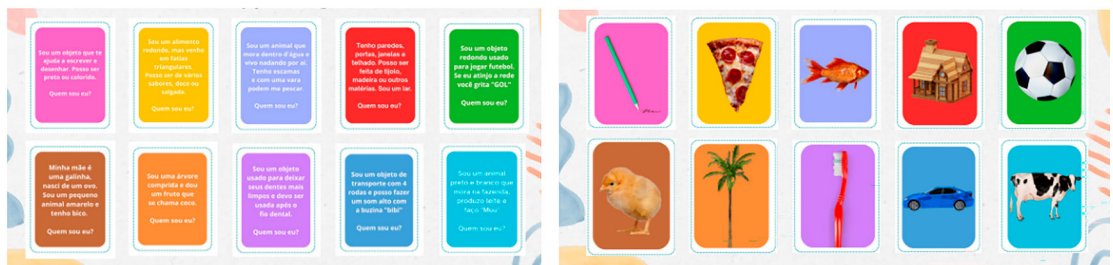


Figura 5. - Atividade de estimulação inter-hemisférica com caixa de objetos desenvolvido pelos estudantes de Fonoaudiologia.

O projeto sobre psicologia foi desenvolvido todo com material reciclável e teve como objetivo estimular a memória, coordenação motora, linguagem, percepção tátil. O grupo elaborou diversos jogos para estimulação das funções executivas.



Figura 6. – Jogos para estimulação das funções executivas.

A genética desenvolveu um livro sobre informações a respeito da Síndrome de Down e cartinhas com perguntas com objetivo de informar a sociedade das características sobre a síndrome. A chegada de um bebê com deficiência pode desestabilizar a família, provocando reações variadas nos pais, como incredulidade, medo, esperança de erro no diagnóstico, tristeza e preocupação com o futuro da criança. Essas reações são moldadas pelas crenças e significados sociais que os pais atribuem à deficiência. Recorrer a esses significados e crenças é essencial para que possam entender o que está acontecendo com eles.



Figura 7. – Livro e cartilhas a respeito da Síndrome de Down.

Todos os projetos foram apresentados em sala de aula e expostos em um evento organizado pelo Campus II no Shopping Bandeiras intitulado Saúde e Bem-Estar PUC-Campinas.



Figura 8. – Apresentação dos projetos no Shopping Bandeiras: Saúde e Bem-Estar PUC-Campinas

3. Conclusão

O Projeto Integrador: Estudos Em Práticas Fonoaudiológicas – Linguagem envolveu todos os discentes com objetivo de integrar os componentes teóricos e estimular a criação de materiais que pudessem promover a saúde. Os alunos desenvolveram sua criatividade e apresentaram materiais maravilhosos que serão de muita utilidade dos discentes em ações que envolvam a comunidade.



Universo PUC-Campinas 2023 | Foto Ação POLI – Mescla | Campus I



Universo PUC-Campinas 2023 | Foto Ação ELC – Campus I



Universo PUC-Campinas 2023 | Foto Ação ECON - Hub Gastronômico | Campus I

VII. PROJETO INTEGRADOR NA PROMOÇÃO À SAÚDE DE MULHERES, CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

PROJETO INTEGRADOR NA PROMOÇÃO À SAÚDE DE MULHERES, CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Adeline Mariano Silva de Resende.

Docente da Faculdade de Enfermagem da PUC-Campinas.

Cristiane Pereira de Castro.

Docente da Faculdade de Enfermagem da PUC-Campinas.

Gabriela Marchiori Carmo Azzolin.

Docente da Faculdade de Enfermagem da PUC-Campinas.

Yara Maria Randi.

Docente da Faculdade de Enfermagem da PUC-Campinas.

1. Introdução

O Projeto Integrador (PI), é um componente curricular contemplado nos três primeiros ciclos do Projeto Político Pedagógico da Faculdade de Enfermagem e compreendido pela interdisciplinaridade, sendo esta uma importante diretriz curricular que ocorre dentro da grade com o objetivo de proporcionar uma visão teórico-prática que desempenha a função aglutinadora da aprendizagem significativa e colaborativa, desenvolvendo no aluno a habilidade de identificar, analisar, explicar e implementar projetos dentro e fora da sala de aula (PUC-Campinas, 2022).

Do ponto de vista específico da formação, o PI foi concebido, alinhado ao perfil do formado egresso descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem conforme a Resolução n. 3 do CNE/CES apontando um profissional generalista, qualificado para o exercício profissional com base no rigor científico e princípios éticos sendo capaz tanto de conhecer como intervir sobre problemas de saúde doença prevalentes na realidade sanitária brasileira (Brasil, 2001).

Desta forma, o PI organiza-se, assim, a partir de um problema de saúde relevante formulado sobre temática interdisciplinar, utilizando metodologias ativas que levem os alunos a desenvolverem competências e habilidades para: aprender com autonomia e atualizar-se permanentemente; identificar, planejar, analisar, sintetizar e produzir conhecimentos; levantar e investigar hipóteses; trabalhar em equipe; buscar, processar e analisar informações; analisar cenários e tomar decisões; criar e inovar; comunicar-se oralmente e por escrito; implementar e consolidar conhecimentos sobre a área de estudo e a profissão (PUC-Campinas, 2022).

Trata-se de uma prática pedagógica que prevê uma forma flexível de aprendizagem, pautada no trabalho, ora individual, ora em equipe, e capaz de despertar no aluno, pelo desafio da autoaprendizagem, a curiosidade e o estímulo à investigação na busca de soluções, em articulação com os propósitos da formação específica. Assim utiliza-se de metodologias ativas de aprendizado pautadas no método da problematização utilizando cenários vivenciados na comunidade enquanto caminho escolhido para a formação de profissionais não somente tecnicistas, mas que conseguem integrar competências éticas, políticas, sociais e com uma visão integrada de saberes (Oliveira; Almeida; Galvão, 2021).

Outro ponto chave no PI é a interdisciplinaridade visto que o eixo norteador é construído a partir dos componentes curriculares vivenciados pelos alunos, ou seja, a interdisciplinaridade enquanto método caracterizado pela integração dos saberes disciplinares no interior de um mesmo projeto (Amorim; Gattás, 2007).

A prática de extensão também se configura em aspecto importante no PI e em alguns momentos da trajetória acadêmica visa a execução de estratégias que permitam mediar o desenvolvimento de competências para a comunicação em saúde, considerando e integrando os saberes científicos em forma de atividades educativas possibilitando elaboração de cuidados coletivos na comunidade (Pereira *et al.*, 2022).

Os Projetos Integradores oferecidos pela Faculdade de Enfermagem ao longo da formação acadêmica são: Projeto Integrador em Enfermagem I: Compreensão dos aspectos fundamentais do ser humano no processo saúde-doença e sua relação com a enfermagem; Projeto Integrador em Enfermagem II: Instrumentos básicos para a constituição do ser enfermeiro; Projeto Integrador em Enfermagem III: Instrumentos básicos para o cuidado em enfermagem; Projeto Integrador em Enfermagem IV: Educação em saúde: mulher, criança e adolescente; Projeto Integrador em Enfermagem V: Processo de trabalho do enfermeiro e Projeto Integrador em Enfermagem VI: Educação em saúde: mulher, criança/adolescente em situação de adoecimento (PUC-Campinas, 2022).

A experiência, objeto deste estudo, trata-se do Projeto Integrador em Enfermagem VI - Educação em Saúde: mulher, criança/adolescente em situação de adoecimento, desenvolvido por acadêmicos do sexto período do curso de graduação, momento em que já houve um contato prévio com grandes eixos temáticos da profissão e desta forma considera-se os alunos aptos a desenvolverem ações pautadas em agravos prevalentes desse público.

2. Objetivo

Descrever a experiência desde a construção dos projetos até a implementação das ações educativas desenvolvidas no componente curricular Projeto Integrador em Enfermagem VI - Educação em Saúde: mulher, criança/adolescente em situação de adoecimento, com acadêmicos do sexto período da Faculdade de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

3. Método

Trata-se de estudo descritivo, tipo relato de experiência, o qual retrata os aprendizados obtidos por acadêmicos de Enfermagem matriculados no 6º período no desenvolvimento do componente curricular “Projeto Integrador em Enfermagem VI – Educação em Saúde: mulher, criança/adolescente em situação de adoecimento”, da Faculdade de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

O componente curricular foi realizado no segundo semestre de 2023, sob orientação de docente qualificado na área. Os projetos foram desenvolvidos pelo docente junto a seis grupos compostos de 8 acadêmicos.

As atividades foram desenvolvidas de acordo com o plano de ensino do componente curricular, elaborado pelo docente, em concordância com o Projeto Pedagógico da Faculdade e Diretrizes Curriculares de Ensino, tendo sido aprovado em todas as instâncias na Universidade. O referido plano é composto de ementa, competências profissionais e humano afetivas, objetivos, objetos do conhecimento, metodologia, atividades autônomas e atividades de extensão, avaliação do processo de aprendizagem, bibliografia básica e complementar.

Por se tratar de estudo do tipo relato de experiência, não foi necessário a submissão do presente estudo ao Comitê de Ética Institucional. No entanto, é importante destacar que todos os preceitos éticos foram rigorosamente observados ao longo do estudo.

4. Resultados e discussão

A proposta foi desenvolvida entre os meses de agosto e novembro de 2023, tendo sua aplicação na última semana de novembro. Para aplicação foi realizada ação de educação em saúde intitulada “Mutirão da saúde” em parceria com um Centro de Saúde de referência do distrito noroeste do Município de Campinas sendo o local uma praça pública adstrita à área de abrangência.

O público atendido compreendeu mulheres de diversas idades que foram previamente informadas da ação e também aquelas que passavam próximo ao local. Crianças e adolescentes também participaram no momento em que saíam das escolas e passavam próximo do local onde a ação estava sendo desenvolvida.

Esse desenho foi implementado visto sua possibilidade de propiciar vivências de espaços interativos com profissionais do SUS e com a comunidade, viabilizando o trabalho colaborativo com troca de saberes trazendo um cenário de aprendizagem singular e dialógico, pautado em novos e diferentes olhares e práticas (Backes; *et al.*, 2018)

O desenvolvimento dos projeto integradores foram desenvolvidos pelos grupos de alunos direcionados pela docente a partir das seguintes etapas:

4.1 Primeira Etapa

Os acadêmicos do sexto período de enfermagem tiveram livre escolha para divisão em seis grupos, compostos por oito integrantes, seguindo eixos temáticos do referido componente curricular, sendo: dois grupos focados em saúde da mulher, dois grupos em saúde da criança e dois grupos em saúde do adolescente.

As atividades foram subdivididas no grupo, garantindo maior colaboração frente às demandas a serem desenvolvidas para conclusão do projeto, sendo elas: um monitor (responsável por facilitar a obtenção de recursos para o desenvolvimento do trabalho); dois facilitadores (responsáveis por suporte para os demais membros do grupo na compreensão e entendimento das atividades pactuadas); dois harmonizadores (responsável por garantir relacionamento entre os membros do grupo); um controlador do tempo (responsável por garantir o controle dos prazos estabelecidos no cronograma) e dois repórteres (responsáveis por registrar as atas das reuniões do grupo, repassar os combinados aos membros do grupo quando necessário, organizar material específico solicitado pelo docente).

A proposta de organização do processo de trabalho do grupo e definição dos alunos em cada respectiva função foi realizada pelos mesmos e posteriormente apresentados a docente visando desenvolver habilidades para trabalho em equipe e colaborativo. Segundo Caveião *et al.* (2016) o trabalho colaborativo na visão dos alunos de enfermagem busca à colaboração com o próximo nas atividades desenvolvidas, devendo ser discutidas em conjunto para que todos possam alcançar os mesmos objetivos e dessa forma devem ser estimuladas no ambiente acadêmico.

4.2 Segunda etapa

Como garantia de qualidade e veracidade do conteúdo abordado, houve incentivo ao desenvolvimento acadêmico voltado à pesquisa sendo direcionados a realizar uma revisão bibliográfica de tema relevante para a saúde da comunidade alinhada ao público para subsidiar o desenvolvimento do projeto. O quadro 1 apresenta o número do grupo, eixo e temas desenvolvidos pelos acadêmicos.

Quadro 1 – Grupos, eixos e temas produtos desenvolvidos pelos acadêmicos do 6º período da Faculdade de Enfermagem.

Grupos	Eixos	Temas
Grupo 1	Saúde da Mulher	Autocuidado: Menopausa e Climatério
Grupo 2	Saúde da Mulher	Prevenção dos cânceres de mama e colo uterino
Grupo 3	Saúde da Criança	Uso excessivo de telas na infância
Grupo 4	Saúde da Criança	Prevenção da violência infantil
Grupo 5	Saúde do Adolescente	Prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis
Grupo 6	Saúde do Adolescente	Uso abusivo de álcool e substâncias ilícitas

Fonte: Elaboração pelos autores (2024)

No que tange a atenção às mulheres, evidenciou-se a necessidade de cuidados à saúde da mulher no período do climatério e menopausa, onde os acadêmicos abordaram a importância do autocuidado principalmente durante algumas fases de alterações hormonais inerentes ao envelhecimento feminino. Seguindo o mesmo eixo, o outro grupo abordou as estratégias de prevenção dos cânceres de mama e colo uterino. Ambas as temáticas relevantes devido aos altos índices de acometimento na saúde de mulheres sendo evidenciado a importância do autocuidado nas diversas fases da vida (Simbar *et al.*, 2023)

Sobre a saúde infantil, foi observada a relevância crescente de abordagem acerca das consequências do uso excessivo de telas na infância, assim como estratégias de redução dessa exposição, uma vez que se identificou a partir da literatura um comprometimento no desenvolvimento infantil frente a essa prática contínua (Tana *et al.*, 2023). O quarto grupo verificou a oportunidade de buscar meios de disseminar informação acerca da prevenção e identificação oportuna de violência infantil assim como o fluxo de condutas frente a uma suspeita, uma vez que suas consequências repercutem impactando diversas esferas da vida (Egry *et al.*, 2017).

Para o público adolescente, foi escolhido a prevenção e identificação precoce de sinais sugestivos de infecções sexualmente transmissíveis. Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (2016), nos últimos anos houve um aumento nas infecções sexualmente transmissíveis, HIV e Aids, especialmente entre adolescentes. Isso se deve ao fato de estarem passando por transformações biopsicossociais, à falta de conhecimento sobre sexualidade e às dificuldades de acesso aos serviços de saúde.

Por fim, o último grupo focou na conscientização desse público sobre as consequências do consumo de álcool e de substâncias ilícitas, onde possui atualmente um número preocupante no que tange às questões relacionadas à danos significativos a saúde desta população (Poton, 2018).

4.3 Terceira etapa

Posteriormente os grupos foram orientados a desenvolver um Projeto de Ação Educativa, com as seguintes etapas: identificação da instituição e da unidade de atuação; justificativa; objetivos (geral e específicos); conteúdo programático; população-alvo; metodologia (conjunto de decisões e ações relativa à escolha dos meios e à articulação de recursos com vistas a atingir um objetivo); técnicas/ estratégias de ensino; recursos necessários; cronograma de atividades (datas, locais, horários, descrição da atividade e nome dos responsáveis por estas atividades); avaliação processual ou ao término do evento e referências.

Dentre os instrumentos de cuidar utilizados pelos profissionais de saúde, em especial enfermeiros, na busca pela promoção e prevenção de agravos a saúde, destaca-se a educação em saúde. A realização sistemática de ações educativas junto à comunidade traz possibilidades de adquirir habilidades para o autocuidado e prevenção da saúde e também proporciona a promoção da conscientização da população com o objetivo de desenvolver o autoconhecimento, a autoconfiança e o autocuidado (Silva *et al.*, 2017).

4.4 Quarta etapa

Através da orientação, correção e devolutiva da docente nas etapas acima descritas, cada grupo desenvolveu uma tecnologia educativa do tipo *folder* utilizada como apoio na implementação da ação educativa. Observa-se produção crescente de evidências sobre o uso de tecnologias para o fortalecimento de ações em educação em saúde e se faz necessário apropriação por parte do enfermeiro dessas ferramentas facilitadoras do processo de aprendizagem, como o uso de tecnologias educativas (Melo; Querido; Magesti, 2022).

O quadro 2 apresenta o número do grupo e título do *folder* construído pelos acadêmicos.

Quadro 2 - Grupo e título do folder construídos pelos acadêmicos do 6º período da Faculdade de Enfermagem.

Grupos	Título
Grupo 1	A importância do autocuidado
Grupo 2	Ei mulher, já fez seus exames preventivos?
Grupo 3	Uso de telas e seus impactos na saúde da criança
Grupo 4	Atuação frente aos casos de violência infantil
Grupo 5	IST's na adolescência
Grupo 6	Drogas na adolescência: vamos falar sobre?

Fonte: Elaboração pelos autores (2024)

A implementação do projeto através da ação educativa junto a população possibilitou o desenvolvimento de diversas competências e habilidades profissionais do Ser Enfermeiro, visto que foram executadas em parceria com a equipe do Centro de Saúde outras atividades como: aferição de pressão arterial, execução de testes rápidos para infecções sexualmente transmissíveis, realização de glicemia capilar, atividades lúdicas como pintura de rosto e brincadeiras para as crianças, músicas e roda de conversa para mulheres e adolescentes.

5. Conclusão

A partir das experiências vivenciadas, considera-se de fundamental importância a presença do componente curricular Projeto Integrador na matriz curricular do Curso de Enfermagem, pois ficou claro para o acadêmico durante o desenvolvimento e do projeto o papel do enfermeiro em especial no que se refere a atenção de mulheres, crianças e adolescentes, atribuindo para a elucidação de dúvidas frequentes, ações educativas com foco na promoção e prevenção na saúde considerando sua vulnerabilidade.

A adoção de tecnologias educativas condizentes fundamentado em evidências científicas e agravos prevalentes de cada grupo populacional estimulam tanto o aprofundamento teórico quanto a criatividade de docentes e acadêmicos.

Por fim, o PI viabilizou a inserção da universidade na comunidade possibilitando mudanças no cenário epidemiológico local ampliando a resolução de questões de saúde propostas pelo SUS. A implementação das ações proporcionou diferentes organização do saber, do conhecer, do fazer, do viver juntos e do ser, favorecendo à construção de enfermeiros críticos, solidários e comprometidos com a cidadania e o bem-estar social.

6. Referências

AMORIM, D.S.; GATTÁS, M.L.B. Modelo de prática interdisciplinas em área na saúde. *Revista USP*, v. 40, n. 1, p.82-84, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v40i1p82-84> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/307>. Acesso em: 01 jun.2024.

BACKES, D.S. *et al.* Acadêmicos de enfermagem na comunidade: estratégia empreendedora e propositora de mudanças. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 71, n. 4, p. 1799-804, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0382> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/GZ9xDNvrHZNL3XjScnXHWmD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES nº. 3, de 7/11/2001.** Institui Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. Diário Oficial da união 09 nov 2001; Seção 1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 01 jun.2024.

CAVEIÃO, A. *et al.* Compreensão dos acadêmicos de enfermagem sobre trabalho colaborativo. *Revista online de pesquisa Cuidado é fundamental*, v. 8,n. 3,p.4796-4802, 2016. DOI: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2016.v8i3.4796-4802> Disponível em: https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/4332/pdf_1. Acesso em: 06 jun.2024.

EGRY, E. Y.; APOSTÓLICO, M. R.; MORAIS, T. C. P.; LISBOA, C. C. R. Enfrentar a violência infantil na Atenção Básica: como os profissionais percebem? *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 70, n. 1, p. 119 125, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0009>. Acesso em: 13 set. 2023.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Fecundidade e maternidade adolescente no cone sul:** anotações para a construção de uma Agenda Comum 2016 [Internet]. Chile: Escritório Regional da América Latina e Caribe; 2016. Disponível em: http://www.unfpa.org.br/Arquivos/fecundidade_maternidade_adolescente_conesul.pdf. Acesso em: 06 nov. 2023.

MELO, A.S.M; QUERIDO, D.L; MAGESTI, B.N. Construção e validação de tecnologia educativa para manejo não farmacológico da dor neonatal. *Brazilian Journal of Pain*, v.5, n.1, p.26-31, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5935/2595-0118.20220005>. Disponível em: <https://brjp.org.br/article/10.5935/2595-0118.20220005/pdf/brjp-5-1-26-trans1.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

OLIVEIRA, F.H.G; ALMEIDA, W.A.O; GALVÃO, E.F.C. Como construir situações-problema na aprendizagem baseada em problemas: uma revisão sistemática da literatura. *Interdisciplinary Journal of Health Education*, v.6,n.2,p.01-10, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4322/ijhe.v6i2.449> Disponível em: <https://ijhe.emnuvens.com.br/ijhe/article/view/449/88>. Acesso em: 06 jun. 2024.

PEREIRA, E.V. *et al.* Pensamento complexo e formação em enfermagem: possibilidades da extensão universitária. Compreensão dos acadêmicos de enfermagem sobre trabalho colaborativo. *Revista Enfermagem Atual*, v.96, n.39, e-021278, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31011/reaid-2022-v.96-n.39-art.1444>. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1444/1452>. Acesso em: 06 jun. 2024.

POTON, W. L.; SOARES, A. L. G.; GONÇALVES, H. Problemas de comportamento internalizantes e externalizantes e uso de substâncias na adolescência. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, n. 9, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/6sc53Qr8nzFdzMFShcH8yBN/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2023.

PUC-CAMPINAS. Projeto Pedagógico Curso: enfermagem. Campinas: Puc-Campinas, 2022.

SIMBAR, M. *et al.* A situation analysis on postmenopausal women's self-care needs and priorities in Tehran: a population-based study. *BMC Public Health*, v. 23, p. 104, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-023-15040-z>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SILVA, R.P. *et al.* Assistência de Enfermagem a pessoa em situação de rua. *Revista Recien*, v. 7, n. 20, p. 31-39, 2017. Disponível em: <https://www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/133/136>. Acesso em: 02 jun. 2024.

TANA, C. M.; AMÂNCIO, N. F. G. Consequências do tempo de tela na vida de crianças e adolescentes. *Research, Society And Development*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 11212139423, 4 jan. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i1.39423>. Acesso em: 23 set. 2023.



Estudantes do curso de Cibersegurança da POLI - Campus I, participando do evento.



Estudantes da Faculdade de Letras da ELC - Campus I, participando do evento.



Estudantes da Faculdade de Jornalismo do ELC - Campus I, participando do evento.



Estudantes do curso de Gastronomia da ECON - Campus 1, participando do evento.

VIII. V SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO ACADÊMICA DA GRADUAÇÃO – CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO E PROJETOS INTEGRADORES

V SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO ACADÊMICA DA GRADUAÇÃO CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO E PROJETOS INTEGRADORES

Profa. Me. Fabiana Pastana Silva Dias¹⁸

Profa. Me. Fernanda Zuin Secco¹⁹

Prof. Dr. José Luiz Rogé Ferreira Grieco²⁰

Relato de experiência

1. Introdução

O V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação da PUC Campinas aconteceu no dia 23 de outubro de 2024. Organizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão, constituiu-se como um marco importante no processo de implementação e consolidação das práticas extensionistas nos currículos dos cursos de graduação da Universidade. Ao integrar atividades extensionistas ao currículo, sintonizados com o projeto pedagógico institucional (SÍVERES, 2013, p. 20), os estudantes têm a oportunidade de aplicar seus conhecimentos teóricos em situações reais, desenvolvendo diversas habilidades, além de entrarem em contato com as demandas da comunidade, o que contribui no enfrentamento de fragilidades sociais e fortalece o vínculo entre a Universidade e a Sociedade.

Considerando, portanto, essa dinâmica dialógica e dialogal, os processos vitais e sociais, os relacionamentos pessoais e coletivos, as disposições curriculares e interdisciplinares, o dimensionamento da identidade e da universalidade constituem os elementos definidores e dinamizadores da extensão universitária. Esse jeito de ser demonstra a especificidade de ser da universidade, objetivando promover a condição humana, a formação acadêmica e a promoção do desenvolvimento social. Tais atributos caracterizam um jeito de ser institucional e revelam que uma universidade aprendente está disposta a desenvolver uma maneira de dialogar. (SÍVERES, 2013, p. 24).

¹⁸. Assessores de Projetos Educacionais

¹⁹. Assessores de Projetos Educacionais

²⁰. Assessores de Projetos Educacionais

Ao integrar práticas extensionistas ao currículo, a PUC-Campinas reforça o papel da extensão universitária como um eixo formador, promovendo o diálogo entre Universidade e comunidade. Nesse contexto, como aponta Síveres (2013), a extensão torna-se essencial para articular identidade, interdisciplinaridade e desenvolvimento humano por meio de uma dinâmica dialógica.

Nesse contexto, o V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação destacou-se como uma oportunidade concreta para a materialização da proposta extensionista da PUC-Campinas. O evento contou com a exposição de 157 pôsteres das seis Escolas da PUC-Campinas: Escola de Arquitetura, Artes e Design (EAAD); Escola de Ciências Humanas Jurídicas e Sociais (EHJS); Escola de Ciências da Vida (ECV); Escola de Economia e Negócios (ECON); Escola de Linguagem e Comunicação (ELC); Escola Politécnica (POLI). Os pôsteres foram avaliados por 12 professores, considerando os critérios de relevância do tema para a área de conhecimento, originalidade, contribuição para a área, clareza e objetividade na exposição das ideias.

Os pôsteres das diferentes Escolas da Universidade destacaram-se pela criatividade e impacto social. Na área da saúde, buscaram promover iniciativas voltadas ao bem-estar e à promoção de hábitos saudáveis. Em outras áreas, pôde-se observar a sustentabilidade sendo empregada em soluções criativas, como por exemplo, na customização de vestuário e a produção de moda sustentável.

Em comunicação, os projetos engajaram a comunidade, promovendo a educação e o letramento digital, além de abordar temas como saúde mental e inclusão. A integração entre teoria e prática foi evidente, com parcerias externas e a aplicação de metodologias inovadoras para resolver problemas comunitários e ambientais. Nos cursos da área de negócios, buscou-se o alinhamento dos diversos temas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)²¹ da Organização das Nações Unidas (ONU), abordando sustentabilidade, inovação e impacto social. Foram selecionados 12 pôsteres entre os mais bem pontuados pelos avaliadores, sendo 7 de Curricularização da Extensão e 5 em Projetos Integradores.

Dentro de tal contexto, pois, este relato de experiência busca demonstrar como o V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação da PUC-Campinas contribuiu para o desenvolvimento e expansão da Extensão na curricularização do estudante de graduação, fazendo com que ele pudesse expandir seu conhecimento para além da Universidade.

2. Sobre o V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação da PUC Campinas

Realizado no Campus I da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação aconteceu nas quadras cobertas da Escola HJS, reunindo docentes, estudantes e gestores. Os pôsteres foram elaborados com o objetivo de divulgar os trabalhos de Curricularização da Extensão e Projeto Integrador da Universidade, com a participação de todas as Escolas.

²¹. Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável fazem parte da Agenda 2030, um plano global adotado por todos os Estados-Membros da ONU em 2015. Abaixo, os 17 ODS: Erradicação da Pobreza; Fome Zero e Agricultura Sustentável; Saúde e Bem-Estar; Educação de Qualidade; Igualdade de Gênero; Água Potável e Saneamento; Energia Limpa e Acessível; Trabalho Decente e Crescimento Econômico; Indústria, Inovação e Infraestrutura; Redução das Desigualdades; Cidades e Comunidades Sustentáveis; Consumo e Produção Responsáveis; Ação Contra a Mudança Global do Clima; Vida na Água; Vida Terrestre; Paz, Justiça e Instituições Eficazes; Parcerias e Meios de Implementação. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 22 de maio 2025.

As atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensejam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos (FORPROEX, 2012).

Para Santos e Gouw (2021) a extensão universitária no Brasil passou por um processo de reconceituação ao longo dos anos, deixando de ter um caráter essencialmente de “prestações de serviços, tais como assistências”, para dar espaço a uma interação dialógica entre a universidade e a sociedade.

As autoras ainda mencionam que a interação entre a universidade e a sociedade permite aos envolvidos a troca de saberes, na condição em que a universidade receberá contribuições, assegurando aos participantes da universidade uma experiência profissional significativa, e à comunidade, possibilidades de transformar sua realidade através do conhecimento.

O V Simpósio e Produção Acadêmica da Graduação da PUC-Campinas destacou essa importância mencionada pelos autores acima ao divulgar os trabalhos de extensão e projetos integradores, fortalecendo a troca de saberes entre universidade e comunidade, integrando teoria e prática para proporcionar aos estudantes uma formação mais completa e conectada com as necessidades e realidades da sociedade.

Para padronização de diagramação e exposição dos pôsteres, criou-se um layout para a Curricularização da Extensão e outro para Projeto Integrador. Cada Escola abordou temáticas importantes, as quais estão expostas a seguir.

EAAD – Escola de Arquitetura, Artes e Design

No âmbito da EAAD, os projetos integradores apresentaram soluções criativas e socialmente relevantes, desde a produção gráfica baseada em Bitmap para maquiagem artística, desenvolvida na Escola Carlos Gomes, até a geração de vídeos instrucionais voltados à causa animal. A criação de pré-livros digitais para o público infantil e a reformulação de embalagens e bulas para a área da saúde demonstraram a versatilidade e o compromisso social dos estudantes.

Outras contribuições significativas da Escola revelaram-se por meio de projetos que aliam sustentabilidade e inovação. Como Curricularização da Extensão articulada ao Projeto Integrador, houve proposta que buscou sensibilizar os participantes para os impactos ambientais da moda e das práticas artísticas, ampliando as possibilidades de expressão sustentável e de reflexão crítica sobre o consumo. Através da customização de vestuário e da produção artística com base em materiais reutilizáveis, exploraram o potencial das artes e da moda como ferramentas para a promoção da sustentabilidade, incentivando a reflexão sobre o uso consciente de recursos e o desenvolvimento de soluções criativas para o prolongamento do ciclo de vida de produtos e materiais. Destaque para as parcerias com: o Movimento Sou de Algodão, uma iniciativa da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão, que resultou em um desfile de moda que integrou aspectos práticos da produção de moda com princípios de educação ambiental; e com escolas públicas do município de Campinas, utilizando a prática de desenhos e modelos tridimensionais para discutir relações espaciais com estudantes do ensino médio.

HJS – Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais

Na Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, a Curricularização da Extensão envolveu parceria com o Instituto Cultural Babá Toloji, valorizando o patrimônio cultural afro-brasileiro e integrando disciplinas como Patrimônio Cultural. Também se concentrou em Prática Jurídica, Direitos Humanos e Noções de Linguagem Jurídica, com foco no desenvolvimento de competências e engajamento social.

Houve a imersão social e conscientização profissional por meio de visitas a assentamentos, inspiradas por Paulo Freire. Projetos como “Pentáculo do Bem-Estar” e “Yoga para Crianças com TOC” enfatizaram a promoção de hábitos saudáveis. A temática diversidade religiosa no Brasil, com foco em práticas de campo e produção de materiais didáticos, também foi abordada, promovendo a educação para os Direitos Humanos.

ECV – Escola de Ciências da Vida

Os trabalhos desenvolvidos na Escola de Ciências da Vida evidenciaram um profundo engajamento dos estudantes com as demandas da comunidade. Ao atuarem em diversas áreas da saúde, os futuros profissionais tiveram a oportunidade de aplicar seus conhecimentos teóricos em situações reais, desenvolvendo habilidades práticas, aprimorando suas relações interpessoais e fortalecendo seu senso de ética profissional.

POLI – Escola Politécnica

Na Escola Politécnica, os projetos desenvolvidos permitiram aplicar tecnologias e inovações para solucionar de forma mais eficaz os problemas da comunidade. As ferramentas digitais e metodologias ativas engajaram os estudantes, que desenvolveram habilidades essenciais como trabalho em equipe e resolução de problemas complexos. O uso de plataformas online ampliou o alcance das ações, atingindo um público mais diverso.

ECON – Escola de Economia e Negócios

Na ECON, a extensão universitária envolveu estudantes em atividades comunitárias alinhadas aos ODS da ONU. Entre os principais temas abordados têm-se os projetos sociais e educativos, como “ODS no CECOIA”, que ensina crianças sobre sustentabilidade, e “Refeição com Aproveitamento Integral”, que combate o desperdício de alimentos. Temáticas como inovação e tecnologia foram empregadas pela Liga de Empreendedorismo para Startups, que capacita alunos a desenvolverem ideias de negócios.

Aspectos sobre a educação interdisciplinar integraram os conteúdos dos pôsteres expostos, contribuindo para formar profissionais capacitados em diversas áreas. A gestão de recursos e sustentabilidade também foi tratado com intervenções para mitigar ilhas de calor e enchentes em Campinas. Esses projetos mostraram um compromisso com inovação, sustentabilidade, educação e impacto social, promovendo uma comunidade mais consciente e preparada para enfrentar os desafios.

ELC – Escola de Linguagem e Comunicação

Da ELC foram apresentados projetos inovadores como, por exemplo, a produção de livros digitais interativos que explorassem a multimodalidade textual. Nesse projeto os estudantes tiveram como missão relacionar os objetos do conhecimento de seu curso com os Objetos Digitais de Aprendizagem (ODA) e com o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 9. Também houve projeto que trouxe contribuições significativas para promover o diálogo entre as produções realizadas na universidade e as obras da comunidade externa, propondo a realização de oficinas para formação cultural para comunidade sênior.

Outra temática abordada foi a divulgação de notícias confiáveis e responsáveis transmitidas pelos canais e meios de divulgação de notícias, resultando no desenvolvimento de um projeto que consiste na produção de um programa semanal de aproximadamente cinco minutos, veiculado na Educa TV (Canal Aberto de Campinas e Plataforma Educaflix), além do projeto o portal digitais (digitais.net.br), o qual pressupõe a publicação de material jornalístico sobre os acontecimentos que marcam a comunidade da Região Metropolitana de Campinas. Um dos cursos propôs em seus projetos o desenvolvimento de guias de boas práticas em diversos setores e a realização de eventos de conscientização sobre saúde mental. O trabalho junto à Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas, especialmente nas campanhas do Setembro Amarelo, Outubro Rosa e Novembro Azul, demonstrou a capacidade de articulação com instituições tradicionais da cidade.

Assim como estes exemplos, evidenciando o caráter de Extensão, a Escola contribuiu com projetos de formação e letramento digital, visando atender a diferentes públicos e organizações externas à da Universidade.

Fotos da “Exposição do V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação – Curricularização da Extensão e Projetos Integradores, 2024”: Pôsteres expostos nos totens e público visitante do V Simpósio



Figura 1. Pôsteres instalados no espaço do ginásio.

Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.



Figura 2. Pôsteres da Curricularização da Extensão instalados no espaço do ginásio.

Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.



Figura 3. Alunos, professores e visitantes externos participando do evento.

Fonte: Relatório PROGRAD, 2024.

2.1 Critérios de avaliação dos pôsteres apresentados

A avaliação dos pôsteres contou com a colaboração de 12 professores, sendo dois convidados externos, de diferentes áreas do conhecimento, os quais, por meio de um formulário disponibilizado no aplicativo Forms via Qrcode, avaliaram pelos critérios de relevância do tema para a área de conhecimento, originalidade e contribuição para a área e clareza e objetividade na exposição das ideias.

Por meio da análise dos dados gerados, foi possível verificar a pontuação dos trabalhos. Como se pensou em selecionar para menção e destaque os pôsteres mais bem pontuados, em caso de notas finais iguais foi considerado como critério de “desempate”: a) 1º critério: a maior pontuação referente à originalidade e contribuição para a área e b) 2º critério: a maior pontuação referente a clareza e objetivo na exposição de ideias.

3. Resultados

Foram apresentados 157 pôsteres, sendo 56 trabalhos de projetos integradores e 101 relacionados à Curricularização da Extensão. Tais informações são apresentadas no quadro abaixo (Quadro 1), onde nos dados quantitativos se observa um número expressivo de trabalhos relacionados à Curricularização da Extensão, e neste sentido vale considerar que muitos projetos integradores apresentaram um forte caráter extensionista.

Como se pode perceber, o V Simpósio de Produção Acadêmica 2024 proporcionou um panorama significativo da produção acadêmica institucional, revelando a amplitude e a qualidade dos trabalhos desenvolvidos nas seis Escolas da Universidade. A apresentação dos pôsteres demonstrou o compromisso da comunidade acadêmica com a Curricularização da Extensão e o Projeto Integrador, revelando o impacto social dos projetos desenvolvidos.

Quadro 1: Pôsteres V Simpósio Produção Acadêmica da Graduação

POSTERES POR ESCOLAS	EAAD	ELC	ECV	ECON	HJS	POLI	TOTAL
PROJETO INTEGRADOR	8	19	19	8	1	1	56
CURRICULARIZAÇÃO EXT.	6	26	26	18	15	10	101
TOTAL							157

Fonte: elaboração própria

3.1 Pôsteres em Destaque

Alguns pôsteres se destacaram ao evidenciar o amadurecimento da Curricularização da Extensão na instituição, demonstrando como os projetos acadêmicos podem efetivamente contribuir para o desenvolvimento social e cultural da comunidade, enquanto proporcionam experiências significativas de aprendizagem aos estudantes.

Além do estudante, outro agente importante desse processo que também “se enriquece” e “amadurece” é o professor universitário:

O ensino é, provavelmente, o melhor exemplo dessa renovação, à medida que, integrado ao conhecimento produzido através da pesquisa e aos anseios da sociedade considerados nas atividades de extensão, ganha em relevância e significado para a comunidade universitária. Desse modo, ensinar termina por ser uma atividade que, ao mediar a pesquisa e a extensão, enriquece-se e amadurece nesse processo: o professor universitário, ao integrar seu ensino à pesquisa e à extensão, mantém-se atualizado e conectado com as transformações mais recentes que o conhecimento científico provoca ou mesmo sofre na sua relação com a sociedade, além de formar novos pesquisadores, críticos e comprometidos com a intervenção social. Logo, não há pesquisa nem extensão universitária que não desemboquem no ensino. (MOITA; ANDRADE, 2009, p.272)

Os pôsteres apresentados, ao destacarem a relevância e o significado da Curricularização da Extensão, ilustram bem a forma como os projetos acadêmicos podem ser mais do que apenas atividades práticas, em consonância com a ideia de Moita e Andrade (2009), ao defenderem que o ensino universitário se enriquece e ganha relevância ao integrar a pesquisa e a extensão. Nesse contexto, o professor universitário, ao articular essas três vertentes, não apenas mantém-se alinhado com as transformações do conhecimento, mas também se compromete com a formação de novos pesquisadores, críticos e cidadãos engajados socialmente.

Entre as Escolas que tiveram os pôsteres mais bem avaliados quanto à Curricularização da Extensão estão a EAAD, ELC e ECV, e para os projetos integradores, as Escolas EAAD e ECV, conforme quadro 2.

Quadro 2: Pôsteres Seleccionados

PÔSTERES POR ESCOLAS	EAAD	ELC	ECV	ECON	HJS	POLI	TOTAL
PÔSTERES PROJETO INTEGRADOR	02	-----	03	-----	-----	-----	05
PÔSTERES CURRICULARIZAÇÃO EXTENSÃO	02	02	03	-----	-----	-----	07
TOTAL							12

Fonte: elaboração própria

3.1.1 Pôsteres em Destaque: Curricularização da Extensão

Na Escola de Arquitetura, Artes e Design, os trabalhos apresentados evidenciaram uma forte integração com a comunidade. A Faculdade de Arquitetura dedicou-se vivamente à Curricularização da Extensão, desenvolvendo projetos que incluíram exposições culturais para o público em geral e estabeleceram importantes interfaces com o Centro Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (CAFAU), adotando-o como objeto de estudo e espaço para intervenções projetuais acadêmicas. Já o compartilhamento de histórias do complexo ferroviário contribuiu significativamente para a educação patrimonial, mostrando-se como uma abordagem pedagógica inovadora (Figura 1 e 2).



CENTRO ACADÊMICO (CAFAU) . FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO . PUCC

Componente curricular: Atelier Projeto Integrador: Espaço e Forma (oferecimento 1o sem. 2024)

Docente(s): Evandra Ramos Victorio, Leandro Schenk, Luis Alexandre Amaral Pereira Pinto, Pedro Paulo Mainieri

Objetivo Específico:

- Estabelecer uma interface com o Centro Acadêmico (CAFAU), adotando-o como objeto de estudo e espaço para intervenções projetuais acadêmicas.

Membros:

- Diretamente: Alunos matriculados na disciplina, 4 professores, integrantes do CAFAU.
- Indiretamente: Outros estudantes e professores da FAU, além de membros do corpo técnico-administrativo, com destaque à arquiteta Luciana de Toledo Lopes, coordenadora de projetos da PROGPS da PUCC.

Descrição das Atividades:

- Realização de exercícios introdutórios sobre temáticas de projeto de arquitetura.
- Visita ao Centro Acadêmico, acompanhada por docentes, para um debate nas instalações.
- Atividades de curricularização da extensão de 22 de abril a 27 de junho.
- Culminância em uma exposição de maquetes e desenhos.
- Total de 10 encontros, com aproximadamente 40 horas/aula.

Relato descritivo e analítico das atividades:

- Foco na investigação e apropriação do espaço arquitetônico.
- Desenvolvimento da habilidade de conceber e representar formas e espaços.
- Estímulo à intuição e inteligência para a criação de espaços arquitetônicos de baixa complexidade.
- Promoção da cidadania e desenvolvimento da competência técnica.
- Escolha do CAFAU como objeto de estudo para elaboração de projetos significativos no ambiente acadêmico.
- Reflexão sobre o papel do arquiteto nas demandas contemporâneas.
- Desenvolvimento de habilidades técnicas e socioemocionais.

atividades junto à sala de aula

atividades junto ao centro acadêmico

atividades junto ao centro acadêmico

Figura 4. Imagem do Pôster vencedor em Curricularização da Extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo



ESCOLA DE ARQUITETURA, ARTES E DESIGN - EAAD
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

COMPONENTE CURRICULAR: Atelier de Projeto Integrador - Patrimônio Arquitetônico e Urbano
CARGA HORÁRIA TOTAL DO COMPONENTE CURRICULAR: CH Prática – 114 / CH Extensão – 60

DOCENTE(S): Prof.(as) Ana Paula Farah, Ana Paula Giardini Pedro e Roberto Silva Leme e o Eng. Foster Móz

Parceiro: SM CET - Coordenadoria da Estação Cultura – Antônio da Costa Santos / Prefeitura Municipal de Campinas

Número de Pessoas Envolvidas: Total: 200 Específica: 47 alunos +3 professores + 1 funcionário prefeitura

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compartilhar a história do Complexo Ferroviário e da cidade, permitindo que os cidadãos desenvolvam uma compreensão mais ampla da identidade do lugar e do sentimento de pertencimento que ele suscita, contribuindo para o desenvolvimento mais claro da noção de cidadania.

AÇÕES:

- **Atividade Educativa:** Abordar a educação patrimonial, tão necessária nos dias de hoje, enriquecendo o conhecimento dos cidadãos sobre o patrimônio arquitetônico e urbano da cidade de Campinas (que este ano completa 250 anos).
- **Engajamento da Comunidade:** Incentivar a participação da comunidade com o seu entorno.

PRODUTO FINAL

O escopo da componente é desenvolver uma análise histórica detalhada da área e sua importância no desenvolvimento da cidade. Dessa maneira, serão expostos posters contando a História do Complexo Ferroviário e seu entorno com o objetivo de promover a divulgação da história que envolve o Complexo Ferroviário, associada ao desenvolvimento da cidade.

1. História da cidade de Campinas (1774-1867);
2. A chegada da Ferrovia no estado de São Paulo (1867-1900);
3. Companhia Paulista de Estrada de Ferro;
4. Companhia Mogiana de Estrada de Ferro;
5. Companhia Funilense de Estrada de Ferro, Companhia Sorocabana de Estrada de Ferro e o Ramal Férreo;
6. Edifícios: Oficina das Locomotivas, Rotunda e Oficina Lemos;
7. Vilas Operárias;
8. O bairro da Vila Industrial;
9. O Complexo Hoje;
10. CEPROCAMP.

Os trabalhos ficarão expostos na Estação Cultura Antônio da Costa Santos, aproveitando o alto fluxo de pessoas que transitam por aquele lugar diariamente. Acredita-se que essa exposição incentivará um maior engajamento dos cidadãos que circulam todos os dias num dos patrimônios culturais mais importante da cidade.

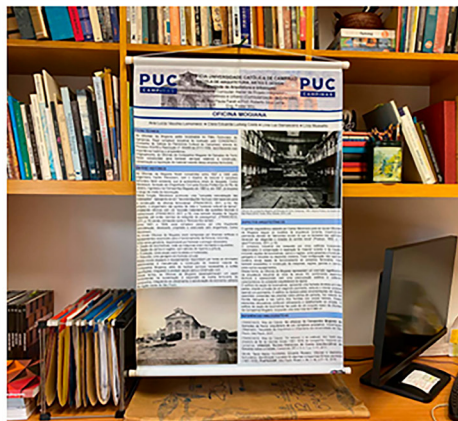


Figura 01: Poster produzido pelos alunos
Fonte: Roberto Silva Leme, 2024.



Figura 02: Vista "Vila Industrial" - 1. setembro de 2024.
Fonte: Ana Paula Farah, 2024.



Figura 03: Vista "Vila Industrial" - 2. setembro de 2024.
Fonte: Ana Paula Farah, 2024.

Figura 5. Imagem do Pôster vencedores em Curricularização da Extensão da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Na Escola de Linguagem e Comunicação, o Jornalismo demonstrou forte responsabilidade social com projetos como o “Se é Fake não é News”, que resultou na produção de 15 reportagens e 15 vídeos sobre a valorização do jornalismo profissional; a produção de uma websérie sobre a terceira idade; e a produção de vídeos informativos para a Defesa Civil, direcionados a pessoas com deficiência. Destaca-se também o projeto em que foram realizadas duas oficinas de audiovisual destinadas aos idosos participantes do Vitalitá Centro de Envelhecimento e Longevidade, evidenciando ainda mais o compromisso com a inclusão e engajamento social dos trabalhos (Figuras 3 e 4).



Projeto Integrador com Curricularização da Extensão

CURSO DE JORNALISMO LANÇA PROJETO “SE É FAKE, NÃO É NEWS”

Faculdade de Jornalismo

Profa. Amanda Artioli

INTRODUÇÃO

“Se é Fake, Não é News” é um projeto desenvolvido pelos estudantes do 4º módulo do curso de Jornalismo da PUC-Campinas, no componente curricular Projeto Integrador IV. Os estudantes dos períodos matutino e noturno produziram 15 reportagens e 15 vídeos sobre a valorização do jornalismo profissional, o qual desempenha um papel fundamental na checagem dos fatos, sobretudo no período eleitoral. Os conteúdos foram publicados nas redes sociais e no portal de notícias **ACidade On** de Campinas, Araraquara São Carlos e Ribeirão Preto e, também, no portal **Digitais** e Instagram oficial do curso de Jornalismo.

PÚBLICO-ALVO

O projeto é destinado aos eleitores e cidadãos em geral, como jovens, estudantes e pessoas interessadas em compreender sobre o período eleitoral e sobre a importância da imprensa profissional na checagem dos fatos.

EXPERIÊNCIA VIVENCIADA

No decorrer do semestre, organizados em grupos, os estudantes produziram diversas reportagens e conteúdos multimídia sobre o período eleitoral. A produção do material tem proporcionado aos alunos a oportunidade de explorar diversos temas sobre as eleições e entrevistar profissionais envolvidos no tema, além dos jornalistas, os quais possuem uma função importante no combate às *fake news*.



Identidade visual do projeto “Se é Fake, Não é News”



Caíque Thomas, Daniel Rosa, Giovana Perlanez, João Pedro Barros e Laura Penarjol - alunos do quarto módulo do curso de Jornalismo da PUC-Campinas, durante a gravação do vídeo sobre a biometria nas eleições

IMPLICAÇÕES FORMATIVAS E SÓCIOEDUCATIVAS

A experiência proporcionou aos alunos investigar sobre o cenário eleitoral e a propagação de *fake news*, de forma a ampliar o repertório dos estudantes sobre o funcionamento da imprensa, o papel das autoridades eleitorais e o impacto das redes sociais na disseminação de informações falsas. A pesquisa aprofundada e a necessidade de checagem dos fatos permitiu melhor compreensão sobre a dinâmica do jornalismo ético e sua relevância social, sobretudo em períodos críticos como as eleições.

O trabalho em grupo também promove uma interação contínua entre os colegas, estimulando a comunicação interpessoal e a capacidade de colaboração. Além disso, o contato com especialistas e fontes proporciona aos alunos uma compreensão mais ampla dos desafios enfrentados no campo de jornalismo, contribuindo para uma consciência cidadã, preparando-os para atuar como profissionais que compreendem seu papel na promoção de uma sociedade mais informada e responsável.

Figura 6. Imagem do Pôster vencedor em Curricularização da Extensão da Faculdade de Jornalismo



FACULDADE DE JORNALISMO PRODUZ VÍDEOS PARA A DEFESA CIVIL DE CAMPINAS

• Introdução

Alunos da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas produziram no primeiro semestre de 2024 uma série de vídeos para a Defesa Civil, da Secretaria Municipal de Campinas. Foram desenvolvidos **16 vídeos para pessoas com deficiência (PCDs)** física, visual, auditiva e intelectual, com o objetivo de orientá-las em situações de **desastres, como incêndios, inundações e ondas de calor**. Os vídeos, solicitados pela Defesa Civil, foram produzidos por alunos do 7º semestre, na disciplina Projeto Orientador VII, ministrada pelas professoras Amanda Artioli e Cecília Toledo. Essa foi a primeira parceria da Defesa Civil de Campinas com a Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas.



Alunos e Amanda Artioli, junto dos alunos do mestrado e da Defesa Civil

• Desenvolvimento metodológico

Para o desenvolvimento do projeto, foram utilizadas metodologias ativas que se alinham aos objetivos da curricularização da extensão. Graças a estas metodologias, os alunos puderam produzir os vídeos, aplicando o conhecimento adquirido em várias disciplinas do curso e também resolvendo um problema real apresentado pela coordenação da Defesa Civil de Campinas: a falta de comunicação direcionada especificamente às pessoas com deficiência (PCDs) em situações de desastres. Para elaborar os vídeos, os alunos fizeram pesquisas em cartilhas de acessibilidade e inclusão, na NBR 9050 - que apresenta como deve ser a acessibilidade a edificações, espaços e equipamentos urbanos - e também tiveram consultoria da Defesa Civil de Campinas e do 7º Grupamento de Bombeiros de Campinas, que forneceram as vinhetas. Com estas orientações, os alunos fizeram a captação de imagens e editaram os vídeos, sendo que alguns foram editados no Laboratório de Imagem e Som (Labs), da PUC-Campinas.

Projeto coordenado pelas profas. *Amanda Artioli e Cecília Toledo*



As docentes Amanda Artioli, junto dos alunos do mestrado e da Defesa Civil

• Resultados alcançados e impactos

O trabalho realizado atendeu tanto as **expectativas da Defesa Civil como a dos estudantes e docentes**. Com os vídeos, a Defesa Civil de Campinas ampliou sua comunicação com as pessoas com deficiência em situações de desastres. Até então, não havia nenhum vídeo com orientações da Defesa Civil de Campinas sobre incêndios, inundações e ondas de calor para PCDs. Para os estudantes, a **experiência enriqueceu sua formação integral como cidadãos críticos, responsáveis e atentos às necessidades da comunidade**. Além disso, os alunos também tiveram a oportunidade de desenvolver algumas competências soft skills, como o **trabalho em equipe, a inovação, a criatividade e o pensamento analítico**.

Referências

- BRUM, Débora. **Comunicação assertiva: aprenda a arte de falar e influenciar**. São Paulo: Liberate Books International, 2021.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- RAMONET, Ignácio. **A Explosão do Jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias**. São Paulo: Editora Publisher, 2012.
- ROSENBERG, Marshall B. **Vivendo a comunicação não violenta**; tradução Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

Figura 7. Imagem do Pôster vencedor em Curricularização da Extensão da Faculdade de Jornalismo

Na Escola de Ciências da Vida, os trabalhos representaram esforços significativos para promover a saúde e o desenvolvimento em áreas essenciais para o bem-estar humano, além de proporcionar a conscientização sobre os cuidados preventivos. Os pôsteres refletiram a aplicação de conhecimentos técnicos e científicos para melhorar a qualidade de vida da população, por meio da prevenção e da educação, contribuindo para o bem-estar coletivo. No curso de fisioterapia buscou-se realizar a conscientização em relação aos cuidados com a pele e prevenção de doenças, empregando para isso materiais informativos sobre a promoção da saúde e prevenção de danos à pele. (Figura 5).



Prevenção e Cuidados relacionados à Pele

Docente: Pieroni, ACB;
Acadêmico: Da Costa, IM; ROVAGNELLI, IR
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS – CURSO DE FISIOTERAPIA

INTRODUÇÃO

A pele é o maior órgão do corpo e exige cuidados específicos para manter-se saudável. A falta de cuidados com a pele pode trazer uma série de malefícios à saúde e como consequente, muitos prejuízos estéticos. Algumas doenças como câncer de pele, manchas e hiperpigmentação, descamação secundária à ressecamento, infecções cutâneas, irritações, acnes e dentre outros danos à pele podem ser minimizados de uma forma simples como a conscientização e cuidados básicos com o órgão. Mediante o desenvolvimento do componente curricular de Dermatofuncional e Estética buscou-se preparar materiais de cunho informativo com o objetivo geral ofertar conhecimento a população tendo em vista, a prevenção e cuidados relativos a pele.

METODOLOGIA

O método para se alcançar o objetivo de ofertar orientação à população foi a realização de revisão bibliográfica, onde foram explorados livros, artigos, revistas e trabalhos publicados servindo de base para a produção de um material informativo a ser destinado à população. Foram obedecidas quatro fases visando o preparo dos materiais sendo estas: levantamento bibliográfico acerca de cuidados preventivos com a pele e principais doenças; leitura e seleção do material bibliográfico; redação e preparo de material informativo e ação de extensão junto à população em local de grande circulação de pessoas na região noroeste de Campinas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Levantamento bibliográfico sobre as doenças de pele: psoríase, dermatite atópica, pêfingo; produção de material educativo e apresentação para população do shopping parque das bandeiras. Como resultado da ação de extensão, pôde-se constatar a distribuição de duzentos folders informativos contendo informações acerca de cuidados preventivos assim como, principais doenças relacionadas à pele



Fonte – Propriedade autoral

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oferta de conhecimento à população mediante as ações diárias de cuidados relativos à pele poderá auxiliar na prevenção de doenças e consequentes prejuízos estéticos. Dessa forma, a aplicação do Projeto de Extensão atingiu uma população superior a 200 pessoas, propagando informação e promoção à saúde no Shopping Parque das Bandeiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. PORTARIA CONJUNTA Nº 10, DE 06 DE SETEMBRO DE 2018. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.saude.gov.br/pt/component/content/view/full/702010/PCDT_Resumo3_Priorize.pdf. Acesso em: 27 mar. 2024.

Biblioteca Virtual em Saúde Ministério da Saúde. Priorize. Disponível em: <https://bvs.br/saude/gov/pt/priorize/>. Acesso em: 01 abr. 2024.

CRUZ, Roney Anderson de Oliveira et al. Xerose cutânea em idosos: a importância do cuidado de enfermagem especializado. *Revista Uninga*, v. 45, n. 1, 2016.

DE OLIVEIRA FRANÇA, M. L.; VEIRA LENA, A.; NAKAMURA, J.; DE SOUZA BRUNOZA, L.; DE SOUZA BRAGA, L. Caracterização da psoríase e seu tratamento: uma revisão narrativa. *Saúde-Revista de Saúde e Biologia*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 1-13, 2021. DOI: 10.54377/2021.v16.2428. Disponível em: <https://revista2.grupomgpublicacoes.br/index.php/bsb/article/view/428>. Acesso em: 1 abr. 2024.

MAZZOTTI, Nicoló Gallo. Validação Cross-cultural e avaliação das propriedades Psicométricas do versão em Português (adaptado no Brasil) do Instrumento Ferramenta de Rastreio de Prevalência Epidemiológica na Psoríase (PES-TPP - Psoriasis Epidemiology Screening Tool). 2019. 122 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrgs.br/bitstream/handle/9183/19923/1/01082710.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2024.

RAHARIL, Antony; MAHIL, Saverio K; BANKER, Jonathan N. Psoriasis: a brief overview. *Clinical Medicine*, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 170-173, maio 2021. Epub em: 04. 193.105.64.107/10.3919/cimmed.2021-0217. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8406241/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

RODRIGUES, Karoline Barros Beneditos. OS TRATAMENTOS DA PSORÍASE. *Saúde Journal*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 1-10, dez. 2022. Disponível em: <https://ojsjournal.univasia.com.br/revista/index.php/psorid202212/1310>. Acesso em: 20 mar. 2024.

VIDA SAUDÁVEL: o blog do Emast. Psoríase: o que é, sintomas e tratamento. Disponível em: <https://vidasaudavel.emast.br/psorid/>. Acesso em: 01 abr. 2024.



Fonte – Produção autoral



Fonte – Produção autoral

Figura 8. Imagem do Pôster vencedor em Curricularização da Extensão da Faculdade de Fisioterapia

A fala e a linguagem desempenham um papel crucial no desenvolvimento infantil, sendo essenciais para o aprendizado e a interação social, por isso, no curso de Fonoaudiologia os trabalhos procuraram mostrar ferramentas que pudessem estimular a linguagem nas crianças e oferecer suporte para que os educadores atuem de maneira eficaz no progresso da fala e da linguagem, visando ao desenvolvimento mais saudável e ao fortalecimento das habilidades comunicativas nas crianças. Além da fala, o curso de Fonoaudiologia abordou o uso adequado da voz, destacando o papel crucial no desenvolvimento pessoal e profissional, ao orientar a comunidade sobre os cuidados e importância da saúde vocal (Figuras 6 e 7).



ORIENTAÇÃO E ATIVIDADES DE ESTIMULAÇÃO DE LINGUAGEM PARA CRIANÇAS E EDUCADORES EM ONG DE CAMPINAS

FACULDADE DE FONOAUDIOLOGIA
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA

CAROLINE GURTNER JACOB; LARA MARIA BARROS VIEIRA; LARISSA MARTINS ESTEFANELI; LÍVIA NALIATO; Profa. LUCIANA FURTADO SEACERO GRANIA; MARIA GABRIELA OLIVEIRA DA SILVA; PAULA DANIELE PAES DE MELO; REBECA GROTI SACCO BALLONI; SOFIA SILVA RODRIGUES; STEPHANIE BALDIOTTI VENDEMIATI

INTRODUÇÃO

A fala e a linguagem são quesitos fundamentais para o desenvolvimento da criança para habilidades futuras referentes ao aprendizado e desenvolvimento. Desta forma é fundamental para os profissionais que trabalham com crianças, terem conhecimento para estimularem estas habilidades, principalmente na fase inicial, promovendo a linguagem e podendo prevenir futuras alterações que possam impactar no aprendizado.

As atividades propostas do componente Estágio em Clínica Fonoaudiológica: fala infantil tiveram como objetivo auxiliar a comunidade (educadores) na compreensão da aquisição da linguagem e seu desenvolvimento. Desta forma os recursos visam oferecer possibilidades para realização de atividades a serem realizadas pelas educadoras com as crianças, bem como trabalhar com estratégias que propiciem a estimulação da linguagem oral.

ATIVIDADES PROPOSTAS

• **Pé e mão (palma pé)**: Brincadeira com sequência de movimentos, através de símbolos que apresentam relação direta entre a representação gráfica e seu conteúdo. Ao início, foram apresentados duas mãos e dois pés recortados, trazendo diferentes sequências para estimular as crianças a baterem palma toda vez que vissem a mão e bater o pé no chão sempre que vissem o pé, falando "palma" e "pé" respectivamente. Uma vez que dominavam essa parte do jogo, as mãos foram invertidas por folhas da cor rosa e o pé por folhas da cor azul, em maior quantidade de cada cor, possibilitando a realização de uma sequência ainda maior, dessa vez os elementos gráficos que representassem a mão ou o pé não estavam presentes, mas sim cores. Assim que compreenderam essa ideia de associação de partes do corpo com as cores, o próximo jogo teve início.

• **Cabeça, ombro, joelho e pé**: Nesse jogo, foi apresentada a música infantil "cabeça, ombro, joelho e pé", que os educadores e alunos cantaram com as crianças para observar se todas conheciam e apresentavam padrão melódico e prosódico. As crianças tinham que aprender 4 cores diferentes de papel que representavam 4 partes do corpo diferentes e seriam mostradas para elas em ordem aleatória para que apontassem a parte do corpo correspondente com a cor mostrada. Neste, o rosa era a cabeça, o azul era pé, o amarelo era ombro e o verde era joelho. Assim que começaram a aceitar todas as cores, a próxima atividade teve início.

Habilidades trabalhadas: Acesso lexical, memória, associação de cores, noção de partes do corpo, linguagem compreensiva e expressiva (significante e seu significado), coordenação motora, atenção, prosódia, aumento de complexidade e grau abstração.

• **Vivo ou morto**: A atividade "vivo ou morto" foi iniciada, porém ao invés de falar "vivo ou morto" tinham que se lembrar que as cores verde e amarelo eram "vivo" e o rosa e azul eram "morto". Foi explicada a brincadeira para as crianças, pois muitas delas desconheciam a atividade.

Habilidades trabalhadas: Acesso lexical, memória, atenção, linguagem compreensiva, noção de cores e suas correspondências nessa atividade lúdica e coordenação motora.



Fig. 1 atividade "Vivo ou Morto"

Fig. 2. Atividade "Cabeça, ombro, perna e pé"



Jogo com todos os grupos de crianças juntos: Ao final das atividades na ONG União Cristã Feminina, outra atividade teve início, com todas as crianças, alunos e educadores para uma atividade com bola, para interação e estimular a linguagem por meio da atividade lúdica. A bola começava com uma aluna e ela ditava o campo semântico, passando a bola para a criança ao seu lado para que seguisse nesse mesmo campo, necessitando de atenção para que ninguém repetisse o que já havia sido falado. Quando a bola chegasse na próxima aluna o campo semântico era mudado para estimular agilidade de compreensão de informação e acesso lexical.

CONCLUSÃO

Ficou destacada a forma como a bagagem de interação social que cada criança possuía as marcavam de maneiras diferentes.

Desta forma as atividades propuseram um olhar diferente para a estimulação da linguagem, com atividades em grupo, e possibilitando o aprendizado de uma intervenção no contexto preventivo para os alunos e educadores.

Fig. 4 e 5 Folder de orientação para educadores "Linguagem e fala".



Fig. 3 ONG e participantes (alunos, docente, educadoras e crianças)



Figura 9. Imagem dos Pôster vencedor em curricularização de extensão da Faculdade de Fonoaudiologia



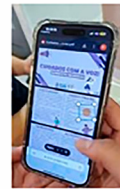
DIA MUNDIAL DA VOZ

FACULDADE DE FONOAUDIOLOGIA
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
Profa Dra. Iara Bittante de Oliveira
Alunos do módulo 7 da Faculdade de Fonoaudiologia

O Dia Mundial da Voz, comemorado todo 16 de abril, é uma campanha com finalidade educativa, voltada a toda população para mostrar a importância da voz, prevenir e proteger a saúde vocal. O componente curricular Estágio Superv. em Clínica Fonoaudiológica: Voz e Fluência, reconhecendo a afinidade com o Dia Mundial da Voz, realizou várias atividades voltadas ao tema.

Objetivo: Orientar a comunidade acerca da saúde vocal e cuidados com a voz, além de orientar sobre o uso correto da voz e o uso da voz profissional. **Locais de realização:** Shopping Parque das Bandeiras e Auditório Campus 1. **Número de pessoas atendidas:** por volta de 400 e participação de 12 alunos. **Professora orientadora:** Iara Bittante de Oliveira – Faculdade de Fonoaudiologia.

OFICINA DE VOZ PARA 200 PESSOAS



QR CODE COM ORIENTAÇÕES VOCAIS



Figura 10. Imagem do Pôster vencedor em Curricularização de Extensão da Faculdade de Fonoaudiologia

3.1.2 Pôsteres em Destaque: Projeto Integrador

Também foram avaliados pôsteres desenvolvidos pelos estudantes relacionados ao Projeto Integrador, que busca aplicar o conhecimento adquirido durante o curso escolhido em soluções práticas e interdisciplinares, desenvolvendo habilidades relacionadas a pesquisa, resolução de problemas, trabalho em equipe, entre outras, o que contribui para uma formação profissional mais ampla e no desenvolvimento de competências essenciais exigidas no mercado de trabalho.

A Faculdade de Artes Visuais destacou-se pela realização de projetos artísticos e educativos que culminaram em intervenções em espaços públicos, envolvendo ativamente a comunidade da Praça Peroba-Poca, a Fundação José Pedro de Oliveira e os alunos da componente curricular, os quais tinham como objetivo promover um evento acessível e inclusivo, que integrasse a comunidade e artistas da região, sensibilizando-os sobre a sustentabilidade e a importância da arte na conscientização ambiental. Os pôsteres expostos no V Simpósio sobre este projeto ganharam destaque, sendo observados pelos avaliadores como dois dos melhores apresentados. (Figuras 8 e 9).



Curso: Artes Visuais
Semestre: 1º Semestre de 2024
Disciplina: Projeto Integrador: Arte e Sustentabilidade
Docente: profa. Me. Andreia Cristina Dulianel
Participantes:
Debora Maneira Knittel

Parceiro: Fundação José Pedro de Oliveira e comunidade no entorno da Praça Peroba-poca (Mata Santa Genebra)

INTRODUÇÃO

O projeto PEROBA-POCA buscou criar vínculos entre a comunidade da praça Peroba-Poca, a Fundação José Pedro de Oliveira e os alunos do curso de Artes Visuais da PUC-Campinas. Por meio da disciplina "Projeto Integrador: Arte e Sustentabilidade", foram realizados projetos artísticos e educativos que culminaram em um evento aberto ao público no dia 08/06, com foco na curricularização da extensão.

OBJETIVOS

- Estabelecer conexões entre a comunidade local e os alunos da PUC-Campinas.
- Engajar os alunos na criação de instalações artísticas sustentáveis e na realização de oficinas.
- Sensibilizar a comunidade sobre a sustentabilidade e a importância da arte na conscientização ambiental.
- Promover um evento acessível e inclusivo, integrando a comunidade e artistas da região.

COMPONENTES CURRICULARES ENVOLVIDOS:

Projeto Integrador: Arte e Sustentabilidade, Modelagem em Massa, Pintura em Ambiente Digital, Planejamento e Criatividade Estratégica, Técnicas de Ilustração e História da Arte Contemporânea.

RESULTADOS RELEVANTES DO PROJETO

A instalação foi realizada entrelaçando tecidos reciclados entre as árvores, simbolizando a rede de comunicação natural. Esculturas de argila foram adicionadas para ressignificar o olhar sobre a natureza. O processo envolveu a participação coletiva, com alunos e visitantes contribuindo espontaneamente. Além da instalação, oficinas de arte foram realizadas, promovendo diálogo com os moradores locais e reativando o uso da Praça Peroba-Poca após o impacto da pandemia.



Instalação de tramas em desenvolvimento



Instalação de tramas em desenvolvimento



Instalação finalizada de rostos de argila nas árvores

Figura 11. Imagem do Pôster vencedor em Projeto Integrador da Faculdade de Artes Visuais



Curso: Artes Visuais
 Semestre: 1º Semestre de 2024
 Disciplina: Projeto Integrador: Arte e Sustentabilidade
 Docente: profa. Me. Andreia Cristina Dulianel
 Participantes:
 Gustavo Andrade Honorato Pimenta; Ana Carolina Tápia; Arthur Soares Rocha; Barbara Pereira Elias; Beatriz da Cruz de Oliveira

Parceiro: Fundação José Pedro de Oliveira e comunidade no entorno da Praça Peroba-poca (Mata Santa Genebra)

INTRODUÇÃO

O projeto PEROBA-POCA buscou criar vínculos entre a comunidade da praça Peroba-Poca, a Fundação José Pedro de Oliveira e os alunos do curso de Artes Visuais da PUC-Campinas. Por meio da disciplina "Projeto Integrador: Arte e Sustentabilidade", foram realizados projetos artísticos e educativos que culminaram em um evento aberto ao público no dia 08/06, com foco na curricularização da extensão.

OBJETIVOS

- Estabelecer conexões entre a comunidade local e os alunos da PUC-Campinas.
- Engajar os alunos na criação de instalações artísticas sustentáveis e na realização de oficinas.
- Sensibilizar a comunidade sobre a sustentabilidade e a importância da arte na conscientização ambiental.
- Promover um evento acessível e inclusivo, integrando a comunidade e artistas da região.

COMPONENTES CURRICULARES ENVOLVIDOS:

Projeto Integrador: Arte e Sustentabilidade, Modelagem em Massa, Pintura em Ambiente Digital, Planejamento e Criatividade Estratégica, Técnicas de Ilustração e História da Arte Contemporânea.

RESULTADOS RELEVANTES DO PROJETO

O Projeto Peroba-Poca promoveu uma conexão entre arte, sustentabilidade e comunidade por meio de oficinas criativas para todas as idades. Inspirado nos cordéis nordestinos, os participantes criaram estampas com carimbos feitos de isopor e tintas de terra, exibindo suas obras. A iniciativa fortaleceu a relação entre os envolvidos e trouxe visibilidade à praça local, oferecendo uma experiência enriquecedora para a comunidade..



Aplicação da oficina



Varal de cordéis



Participantes pendurando a produções no varal

Figura 12. Imagem do Pôster vencedor em Projeto Integrador da Faculdade de Artes Visuais

Na ECV, os pôsteres de Projetos Integradores da Faculdade de Fonoaudiologia selecionados descreveram o desenvolvimento de um protocolo lúdico para avaliação das habilidades de leitura e escrita em crianças de 6 a 13 anos, além da contextualização da importância da linguagem para a Fonoaudiologia.

Evidenciou-se a proposta de tornar o processo de avaliação mais descontraído e divertido, utilizando jogos e atividades que abordassem competências essenciais, como fluência de leitura, habilidades metafonológicas, compreensão e interpretação de textos, consciência fonológica e segmentação de palavras. Para a questão da linguagem, empregaram-se diversos jogos como “Segmentação e Manipulação de Palavras”, “Caça-Rimas e Histórias”, “Memória Silábica” e “Ache o Erro (Pontuação)”, os quais promovem a construção de frases, a conscientização fonológica e o uso adequado da pontuação. (Figuras 09 e10).



PROTOCOLO LÚDICO DE AVALIAÇÃO DE LEITURA E ESCRITA PARA CRIANÇAS A PARTIR DE 6 ANOS

CAROLINE GURTLER JACOB; LÍVIA NALIATO; MARIA GABRIELA OLIVEIRA DA SILVA; SOFIA SILVA RODRIGUES; STEPHANIE BALDIOTTI VENDEMIAT; THAIS ANTONELLI DINIZ HEIN

A aprendizagem da leitura e da escrita é importante para o desenvolvimento cognitivo, social e acadêmico, sendo a base para a aquisição de novos conhecimentos e para uma comunicação eficaz. Dificuldade na aquisição e/ou desenvolvimento tanto da leitura quanto da escrita inclui déficits na decodificação fonológica, na compreensão de leitura oral e na escrita, abrangendo também distúrbios como discalculia e dislexia.

Projeto foi desenvolvido no componente Estudos em Fonoaudiologia clínica: práticas em avaliação no 1º semestre de 2024. O objetivo da formulação de um novo protocolo foi avaliar de maneira descontraída e divertida, habilidades de leitura e escrita em crianças de 6 a 13 anos. Cada jogo e atividade foi cuidadosamente planejado para cobrir as competências essenciais, garantindo uma análise completa do desempenho da criança em um ambiente lúdico onde a criança se sint confortável e motivada a participar.

O protocolo avalia as seguintes habilidades relacionadas à leitura e escrita:

1. Fluência de leitura;
2. Habilidades metafonológicas;
3. Compreensão de leitura e interpretação;
4. Consciência fonológica;
5. Rima/aliteração
6. Acentuação e pontuação
7. Divisão silábica
8. Narrativa
9. Segmentação



Fig 1: Caixa contendo o jogo

A seguir, são apresentados os principais jogos e suas respectivas aplicações:

ACHE O ERRO (PONTUAÇÃO): Este jogo envolve a apresentação de duas cartas, uma com pontuação correta e outra incorreta. A criança deve identificar a carta errada, promovendo o reconhecimento e a correção do uso de vírgulas, pontos de interrogação, exclamação e ponto final.



Fig 2: Atividade ache o erro

SEGMENTAÇÃO E MANIPULAÇÃO DE PALAVRAS: Os jogadores formam frases utilizando cartas de palavras e realizam ações indicadas por cartas de ação, como trocar, adicionar ou remover palavras. Esse jogo estimula a construção de frases gramaticalmente corretas e a manipulação linguística.

ÇAÇA-RIMAS E HISTÓRIAS: Dividido em duas partes, este jogo desenvolve a conscientização fonológica e a interpretação de textos. Na primeira parte, as crianças buscam palavras que rimam, enquanto na segunda, respondem perguntas sobre histórias curtas lidas.

MEMÓRIA SILÁBICA: As crianças viram duas cartas com sílabas diferentes e tentam formar palavras. Este jogo trabalha a divisão silábica e a formação de palavras, além de aprimorar a memória fonológica.



Fig 3: Atividade de segmentação, manipulação e memória silábica

RIMANDO E BRINCANDO: Utilizando um baralho de cartas com imagens e palavras, as crianças devem combinar cartas que rimam ou que possuem o mesmo som inicial. Este jogo ajuda na identificação de rimas e sons iniciais, promovendo a consciência fonológica.

PROCURANDO O ACENTO: As crianças inserem acentos em textos e frases, identificando a sílaba tônica. Esse jogo é essencial para a diferenciação de acentos e o correto reconhecimento das sílabas tônicas.

NARRATIVA: Com cartas de temas diversos (pessoas, lugares e ações), as crianças criam histórias com início, meio e fim, avaliando a coerência narrativa e estimulando a imaginação.



Fig 4: Atividade de interpretação de texto, narrativa e rima

Figura 13. Imagem do Pôster selecionado em Projeto Integrador da Faculdade de Fonoaudiologia



CONSTRUÇÃO DE JOGOS EDUCATIVOS: ESTIMULANDO A LINGUAGEM NA COMUNIDADE

FACULDADE DE FONOAUDIOLOGIA
 ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
 PROFA DRA LETICIA REIS BORGES IFANGER
 ALUNOS DO MÓDULO I DA FACULDADE DE FONOAUDIOLOGIA

INTRODUÇÃO

O componente Estudos e Práticas Fonoaudiológicas: Linguagem apresenta-se como um componente curricular que irá fazer a união dos componentes curriculares do módulo, propondo ao discente a elaboração de um projeto que visa apresentar os conhecimentos adquiridos durante o semestre. É essencial a consideração da necessidade do domínio pelo discente de bases biológicas da linguagem, sociais e humanas, sempre dentro de uma diretriz que considere o princípio da integralidade do ser humano.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto iniciou com a contextualização da importância da linguagem para a Fonoaudiologia.

Os alunos foram divididos em sete grupos, sendo que cada grupo ficou responsável por desenvolver um jogo relacionado a cada componente do módulo I.

- Grupo 1: Língua Brasileira de Sinais A
- Grupo 2: Distúrbios da Fluência
- Grupo 3: Estudos em linguística
- Grupo 4: Linguagem e Desenvolvimento
- Grupo 5: Biologia do Desenvolvimento
- Grupo 6: Psicologia do Desenvolvimento
- Grupo 7: Genética Aplicada à Fonoaudiologia

O projeto incluiu a entrega de uma parte escrita contendo uma introdução sobre a relação de cada componente com a linguagem e a construção de um jogo educativo para a promoção da linguagem.

CONCLUSÃO

O Projeto Integrador: Estudos Em Práticas Fonoaudiológicas – Linguagem envolveu todos os discentes com objetivo de integrar os componentes teóricos e estimular a criação de materiais que pudessem promover a saúde. Os alunos desenvolveram sua criatividade e apresentaram materiais maravilhosos que serão de muita utilidade dos discentes em ações que envolvam a comunidade.

APRESENTAÇÃO DOS PROJETOS

GRUPO 1 QUEBRA CABEÇA COM LIBRAS

GRUPO 2 AVENTURA DA FALA

GRUPO 3 VARIAÇÕES LINGÜÍSTICA DO BRASIL

Norte:	Nordeste:	Centro-Oeste:	Sudeste:	Sul:
Mudinho	Mazzeira	Azangaris	Má	Apim
Memnda	Mangando	Baile	Larica	Bergamota
Murica	Sustança	Abicostar	Parceira	Guri
Curha	Encabulado	Empotar	Mano	Tché
Curim	Ovente	Camela	Ruê	Tanuka
	Magote	Bonacho	Barsa	Pá

GRUPO 4 STOP COM LINGUAGEM

GRUPO 5 ESTIMULAÇÃO INTERHEMISFÉRICA

GRUPO 6 MEMÓRIA, COORDENAÇÃO MOTORA, LINGUAGEM E PERCEPÇÃO TÁTIL

GRUPO 7 GUIA SÍNDROME DE DOWN

Figura 14 - Imagem do Pôster selecionado em Projeto Integrador da Faculdade de Fonoaudiologia

A Faculdade de Nutrição abordou a relação entre a hipertensão arterial sistêmica (HAS) e a sustentabilidade econômica da dieta DASH (Dietary Approach to Stop Hypertension *Abordagem dietética para parar a hipertensão*, em tradução livre) na região Sudeste do Brasil. O trabalho mostrou que, apesar da dieta DASH ser altamente recomendada pelas diretrizes brasileiras de hipertensão, ela não é economicamente viável para grande parte da população. A análise comparou os custos alimentares diários em 2022 nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, considerando os diferentes salários médios. Os resultados indicaram que, embora a prevalência de HAS seja semelhante entre os estados, o impacto econômico é mais acentuado em Minas Gerais, onde os custos alimentares são mais elevados. O estudo conclui que, para tornar a dieta DASH acessível, são necessárias políticas públicas que subsidiem alimentos in natura, reduzindo o acesso a produtos ultraprocessados (Figura 15).



A APLICABILIDADE DA DIETA DASH NA REGIÃO SUDESTE: UM PADRÃO ALIMENTAR ECONOMICAMENTE SUSTENTÁVEL?

Laressa Silveira Stopiglia, Renato Cristiano Delfino Júnior, Maria Camila Buarraj Gomes, Regina Esteves Jordão

Faculdade de Nutrição da PUC-Campinas. Av. John Dunlop, s/n | Jd. Ipaussurama, Campinas - SP

INTRODUÇÃO

A Diretriz Brasileira de Hipertensão Arterial de 2020 recomenda a "Dietary Approach to Stop Hypertension", conhecida como dieta DASH, como uma das principais intervenções para a prevenção da Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), sendo descrita com grau de recomendação 1 e nível de evidência A (GR: 1; NE: A). No entanto, sabe-se pouco a respeito do custo e sustentabilidade econômica deste padrão alimentar para sociedade.

MÉTODO

OBJETIVO

Analisar a aplicabilidade da dieta DASH como estratégia economicamente sustentável e sua relação com a prevalência de hipertensão nos diferentes estados da região Sudeste do Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerou-se somente um provedor do salário familiar, sendo esse salário médio, em cada estado da região Sudeste:

- 1 SP = R\$ 2.148,00
- 2 RJ = R\$ 1.971,00
- 3 ES = R\$ 1.723,00
- 4 MG = R\$ 1.529,00

Assim, com esses valores, foram feitos os cálculos da Tabela 1.

Estado	Capital	Gasto familiar com alimentação (15,8%)	Média mensal per capita com alimentação	Gasto mensal per capita com alimentação	Gasto diário per capita com alimentação
SP	São Paulo	339,38	2,72	124,77	4,15
RJ	Rio de Janeiro	311,42	2,69	119,77	3,99
ES	Vitória	272,23	2,67	101,95	3,39
MG	Belo Horizonte	241,58	2,71	89,14	2,97

Fonte: Autoria própria.

DIFERENÇA ECONÔMICA:

SP (menor) vs MG (maior)

Maiores dificuldades financeiras

Prevalências de HAS semelhantes

Leite semidesnatado → Frutas e verduras

Maiores impactos econômicos vs Menores impactos econômicos

CONCLUSÃO

A dieta DASH, nível de evidência A para o tratamento não medicamentoso em pacientes com hipertensão pela diretriz

Não é um padrão alimentar economicamente sustentável na região Sudeste e possivelmente nos demais estados do Brasil

Políticas públicas que subsidiem alimentos in natura

Difícultem o acesso a alimentos ultraprocessados

REFERÊNCIAS

BARRIDO, W. K. S., et al. Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, 104, n. 3, p. 115-144, 2020. DOI: 10.5735/ABC-2020-028. Disponível em: <https://www.scielo.br/abc/articulos/abc-2020-028>. Acesso em: 14 mar. 2024.

IBGE. Censo Demográfico 2022: População e Estatísticas. IBGE, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/temas/tema-230001-acesso-em-04-ago-2024>.

IBGE. IBGE Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/temas/tema-230001-acesso-em-25-mar-2024>.

IBRACIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente (SVSA). Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis (DANT). *MGTEL Brasil 2023*: vigilância de doenças de risco e prevenção para doenças crônicas por região administrativa. Brasília (DF): Ministério da Saúde, p. 61-100, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/brasil/pt-br/assuntos/publicacoes/brasil-2023-vigilancia-de-doencas-de-risco-prevencao-para-doencas-cronicas-por-regiao-administrativa>. Acesso em: 26 mar. 2024.

CENTRO DE ABASTECIMENTO DE MINAS GERAIS. *CEASAMG*. Disponível em: <https://www.ceasamg.gov.br/abastecimento>. Acesso em: 24 mar. 2024.

IBGE. *IBGE divulga resultados do Censo 2022 para Brasil e Unidades da Federação*. Agência IBGE Notícias, 24 fev. 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/temas/tema-230001-acesso-em-25-mar-2024>.

Figura 15 - Imagem do Pôster vencedor em Projeto Integrador da Faculdade de Nutrição

3.2 Relatos dos Avaliadores

Os 12 avaliadores tiveram a responsabilidade de verificar a qualidade e a relevância dos trabalhos apresentados, enfatizando a inovação e a aplicabilidade das pesquisas. Eles ressaltaram a importância da integração entre teoria e prática, além da capacidade dos participantes em abordar questões contemporâneas de forma crítica. O evento foi um espaço valioso para o compartilhamento de conhecimento e desenvolvimento acadêmico. Abaixo, o relato de alguns avaliadores.

Relato prof. José Grieco (FAU – PUC-Campinas)

O simpósio revelou-se um marco significativo na apresentação de projetos de extensão relacionados às componentes curriculares na graduação. Avaliei 24 trabalhos os quais demonstraram não apenas a originalidade temática, mas também o notável comprometimento dos alunos, que majoritariamente realizaram apresentações orais. O evento evidenciou positivamente o esforço conjunto de professores, alunos e gestores na implementação da Curricularização da Extensão, ressaltando como o crescente número de projetos está contribuindo de forma substancial para o desenvolvimento social e acadêmico.

Relato profa. Maria Cristina Alves (ECON – PUC-Campinas)

O evento da Semana Acadêmica foi muito bem-organizado, proporcionando uma experiência enriquecedora para todos os participantes. O espaço utilizado era adequado, além de contar com trabalhos de excelente qualidade, evidenciando o empenho e a dedicação dos alunos e professores envolvidos. Tive a oportunidade de avaliar os trabalhos da área da saúde, os quais abordaram temas de grande relevância e importância para este campo de estudo, destacando-se pela profundidade e pela contribuição acadêmica.

Iniciativas como essa são fundamentais, pois elevam o nível de aprendizado dos estudantes, incentivam a produção de conhecimento e reforçam o papel da pesquisa no ambiente acadêmico. Além disso, esses eventos permitem que os alunos desenvolvam competências importantes, como a apresentação de trabalhos e a troca de experiências com colegas e professores.

Senti-me muito honrada e feliz por participar deste evento e por contribuir avaliando trabalhos de qualidade. Entretanto, um ponto que merece atenção para as próximas edições seria a ventilação do local, que poderia ser melhorada para garantir maior conforto aos participantes. No geral, foi uma experiência extremamente positiva e enriquecedora.

Relato profa. Thais Borges Damacena (POLI – PUC-Campinas)

Participar da Mostra de Pôsteres da Curricularização da Extensão foi uma experiência enriquecedora. Os pôsteres que tive a oportunidade de avaliar abordaram temas relevantes e muitos alinhados às demandas reais da comunidade. O entusiasmo e a confiança dos alunos durante as apresentações foram inspiradores, evidenciando tanto o domínio dos conteúdos quanto o comprometimento com seus projetos. Além disso, a presença de muitos familiares dos estudantes trouxe um aspecto ainda mais significativo ao evento, reforçando o sentimento de

pertencimento dos alunos à Universidade e demonstrando o impacto positivo dessa iniciativa em suas trajetórias acadêmicas e pessoais.

Relato profa. Solimar Maria Ganzarolli Splendore (ECV – PUC-Campinas)

O evento foi excelente. Um momento que ofereceu a oportunidade de conhecermos a riqueza dos diversos projetos e ações desenvolvidos na Universidade.

Relato prof. Hélio Graciosa (Avaliador Convidado)

Ao participar como avaliador de vários pôsteres, em diversas áreas de conhecimento, do 5º Simpósio, tive a confirmação da excelente qualidade dos alunos da PUC Campinas. Parablenzo os organizadores do evento, os professores e orientadores dos trabalhos e a PUC Campinas pela sua atuação na formação integral do seu corpo discente.

4. Conclusão

A extensão universitária é uma ferramenta importante para promover a interação entre a academia e a sociedade, gerando benefícios mútuos, sendo assim, a Extensão nos cursos de graduação nas IES (Instituições de Ensino Superior), considerando o princípio constitucional da inseparabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, promove uma nova forma de pensar do estudante, integrando o ensino vivenciado no processo de formação com demandas da comunidade.

O V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação da PUC-Campinas mostrou como a Universidade em seus diversos cursos estão interagindo nesse processo de inseparabilidade com a comunidade local. Os trabalhos apresentados evidenciaram a consolidada tradição extensionista da PUC-Campinas e seu importante papel na região metropolitana de Campinas. Os pôsteres expostos demonstraram diversas experiências desenvolvidas em colaboração com organizações locais, incluindo o Hospital da PUC-Campinas, escolas públicas, entidades sociais e órgãos públicos municipais.

A oportunidade de apresentar pôsteres sobre a Curricularização da Extensão e sobre os Projetos Integradores na graduação proporcionou uma experiência simultaneamente enriquecedora e desafiadora. Por meio dessas apresentações, foi possível compartilhar nossas iniciativas com um público mais amplo, estimulando maior engajamento nas ações propostas e fortalecendo o papel da extensão universitária como ponte entre academia e sociedade.

O V Simpósio foi concluído com o compromisso de dar continuidade às discussões sobre a Curricularização da Extensão, e aprofundá-las, reafirmando o compromisso da PUC-Campinas com a formação integral de seus estudantes e seu papel fundamental no desenvolvimento social da região metropolitana de Campinas.

5. Referências

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). *Política Nacional de Extensão Universitária*. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, RS, 2012.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 41, maio/ago., 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gmGjD689HxfJhy5bgkz6qr/abstract/?lang=pt>. Acesso em 16 dez. 2024.

SÍVERES, Luiz (org.) *A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem*. Brasília: Liber Livro, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232083?posInSet=8&queryId=N-EXPLORE-982b93e8-7246-48ad-8e1b-9475f3f9fb05>. Acesso em: 16 dez. 2024.

SANTOS, Paloma Marques dos; GOUW, Ana Maria Santos. Contribuições da curricularização da extensão na formação de professores. *Interfaces da Educação*, [S.l.], v. 12, n. 34, p. 922-946, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/5396>. Acesso em: 16 dez. 2024.



Estudantes da Faculdade de Artes Visuais da EAAD - Campus I, participando do V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação.



Estudantes do Curso de Design Digital- Campus I, participando do V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação.



Estudantes da Faculdade de Nutrição do ECV - Campus II, participando do V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação.



Estudantes da Faculdade de Pedagogia da EHJS - Campus I, participando do V Simpósio de Produção Acadêmica da Graduação.

BAÚ DE PRECIOSIDADES

ENTREVISTA COM A PROFESSORA DRA. DRA. VERA LÚCIA DOS SANTOS PLÁCIDO²²

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Como tem sido a atuação da gerência de extensão? E quais os projetos que vocês consideram prioritários?

PROFESSORA VERA DOS SANTOS PLÁCIDO – Eu acho muito importante começarmos com a Gerência da Extensão, porque ela faz parte desse novo momento da nossa Universidade, dessa nova estruturação da nossa Instituição. Ela nos faz perceber como a Extensão, nesse novo processo, pode e deve cada vez mais ser articuladora. O ponto alto deste novo momento são os Programas Institucionais. Com os programas institucionais, nós conseguimos aproveitar melhor o potencial dos extensionistas, porque nós temos os pesquisadores, principalmente pesquisadores de pesquisa aplicada, somados aos extensionistas em contato com várias comunidades e os parceiros de cada programa. Temos também os alunos e professores de graduação que chegam procurando experiências, via Curricularização da Extensão. Logo, esse grande cesto é maravilhoso, porque o planejamento vai garantir que o trabalho seja conjunto e coletivo. A gerência se preocupa com essa comunicação, sendo interlocutora, percebendo os desafios, pontuando no que estamos melhorando, porque nós professores – no desenvolvimento do seu trabalho e do seu labor – não percebem claramente o processo em que estão inseridos. É papel da gerência ler esse processo e traduzi-lo para os docentes e todos os envolvidos, a partir daí, espera-se que a nossa comunicação, interna e externa seja intensa e perene. A gerência tem esse cenário: desafiador e de grande aprendizado. Nossa! Nesse período que estou na Gerência, o aprendizado é incomensurável.

²². Entrevista concedida aos editores em 5 de dezembro de 2024.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Você poderia citar alguns programas?

PROFESSORA VERA – Cito aqueles que estão diretamente envolvidos com a atividade extensionista, por terem docentes extensionistas desenvolvendo projetos. O Vitalità, se inicia em 2020; estamos falando de um programa de quatro anos, mas que alcançou uma maturidade enorme. Hoje atende cerca de 400 pessoas, 60 +, que passam pelo Programa toda semana.

O Levanta-te e Anda junto ao Programa de Desenvolvimento Humano Integral, que é um programa novo, assim dizendo, mas que nasce já muito potente, porque a centralidade dele é a dignidade da vida humana e o olhar/cuidado especialmente para os grupos sociais mais vulnerabilizados. É necessário perceber nesses públicos diversas potencialidades, para que possam ganhar emancipação no sentido de um desenvolvimento humano e integral. Especialmente na nossa Universidade, que tem a característica e a missão que possuímos. O CEAAB, que é o Centro de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, marcado por sua constante produção e o foco no “combate” ao racismo estrutural e os seus vários vieses. O Observatório PUC-Campinas, histórico, marcante na nossa Universidade, de vasta contribuição à sociedade campineira. Por fim, um programa mais recente, mas que também está chegando com muita força, potentes, é o Pró-Habitat, cuja intenção é mobilizar esforços no sentido de compreender não só a habitação no seu caráter mais restrito, da moradia, da casa, mas discutir/debater a qualidade da estrutura dessa habitação e dos movimentos sociais envolvidos na perspectiva do morar na cidade, melhor dizendo, do direito à moradia na cidade. Portanto, é um programa também diretamente relacionado ao acesso a direitos. Enfim, são esses cinco grandes programas que hoje, a extensão está diretamente envolvida.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – E tais programas dão uma continuidade, não é, professora Vera? Por exemplo, o Vitalità, o Pró-Habitat são frutos/resultados da aprendizagem de outros programas. Todos esses programas, assim, passando pela dignidade da vida humana. Quer dizer que isso é um traço bonito, vamos assim dizer, há muita história nos programas institucionais.

PROFESSORA VERA – Um traço bonito, extremamente respeitoso e zeloso. Porque em nenhum desses programas percebemos (e a gestão superior é muito cuidadosa nesse sentido), uma ruptura com o que já existia. Muito bem lembrado.

Uma questão relevante e que merece ser lembrada aqui é que, no contato com as lideranças comunitárias, a gente percebe a sua força, o quanto elas podem mover os seus territórios – e os movem. Ao ter contato com essas lideranças comunitárias hoje, vemos que a grande maioria é de 60+. E aí, se é 60+, a gente tem o Vitalità aqui que desenvolve tantas ações com esse público. É exatamente como um rio que no movimento natural das águas, vai se encontrando com os sedimentos, vai se encontrando com a sua própria natureza, e a gente não precisa fazer grande esforço para que tudo aconteça. Tudo já está aí. As pessoas em movimento, elas são fantásticas. E a extensão para mim é isso. De verdade. Toda vez que eu paro e penso na extensão, chego à conclusão que ela é tanto movimento; a extensão não se faz em um ponto, ela se faz nesta trajetória que é a memória, que é esse tempo da universidade, que é esse tempo da contemporaneidade, o tempo presente em que já vislumbramos nosso futuro, em que já começamos a desenhar para que ele seja cada vez mais digno. E à altura das vidas humanas envolvidas.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Trazendo um pouquinho agora para o cotidiano dos nossos projetos, pensamos em alguns destaques que você poderia fazer quanto ao processo da Curricularização de Extensão que estamos vivenciando, com destaque a Escolas e aos Cursos; essa integração PROGRAD e PROPPE?

PROFESSORA VERA – Eu estou vendo como muito positiva e inovadora. Porque a Extensão é convergente, na sua essência. Ela converge forças, ela converge potência, ela converge diálogos e encontros, porque ela se dá em um movimento circular. Então, ao mesmo tempo que o extensionista está aqui, o extensionista dialoga com o parceiro, o extensionista dialoga com a comunidade, o extensionista entra em sala de aula, encontra o pesquisador e troca ideias. Através dos programas institucionais essa rota permanente circular ganhou mais vida e movimento. Aliás, na minha opinião, esse assento nos programas institucionais é que nos permite ser circular e nos encontrar com a graduação, com a pesquisa. Aqui, a Extensão se faz como processo educativo. Então há muita potência com a Curricularização da Extensão. E nós temos exemplos maravilhosos em todas as escolas, em diferentes cursos. Qual o resultado de tudo isso? O resultado é que o nosso aluno entra em uma porta, e percebe, através desta entrada o universo se expandindo. Ele reformula o conceito de mundo e de lugar.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Ninguém sai incólume num processo desse.

PROFESSORA VERA – Ninguém sai. Não há possibilidade de neutralidade na saída desse processo. E, de todos nós – não estamos falando só dos alunos. Imaginem a nossa transformação em todo esse processo, enquanto sujeitos sociais, docentes, extensionistas e em todas as nossas funções na sociedade.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – A pergunta seguinte era se você vê algum resultado, uma mudança na compreensão da Extensão e da Curricularização da Extensão, pelo menos em 2023 e 2024, no dia a dia da comunidade.

PROFESSORA VERA – Tem muitos exemplos. O Campo Belo mesmo [bairro periférico de Campinas, na região do Aeroporto Viracopos], uma comunidade da qual todos sabemos o grau de vulnerabilidade econômica que enfrenta. Mas é uma comunidade extremamente potente, porque ela tem um grupo de lideranças muito fortes, basicamente mulheres, mulheres 60+, que assumiram a liderança. Elas se denominam como Grupo Raiz, ou seja, são pessoas que moram no Campo Belo desde a sua origem, desde a sua primeira ocupação, e que têm uma responsabilidade ética com o lugar.

Hoje nós temos alguns projetos lá e o programa Levanta-Te e Anda também está lá em uma das suas frentes. E um dos projetos para destacar aqui, é o Alma Lavada. Esse nome, Alma Lavada, dado por elas, um grupo de quase 30 mulheres e que é acompanhado por dois professores extensionistas. E, no que consiste o Alma Lavada? Enquanto as mulheres falam das suas emoções, elas fazem *fuxico* [roseta feita geralmente de sobras de tecido]. E, um outro grupo de mulheres ali, juntas e no coletivo produzem sabão. Vão produzindo o sabão e também falando de suas emoções,

sobre a vida comunitária, e com músicas de que gostam. Olha que exercício!

O sabão depois é cortado e é embrulhado num papel de presente e decorado com os fuxicos. E se tornam kits para que a gente leve e dê de presente em Ações, como a que tivemos, na Catedral. Nesta ação elas levaram vários cestos de sabão, decorados com fuxico. As pessoas que chegavam, para pegar o sabão decorado, ainda recebiam delas, a receita de como produzir.

E assim que se faz Extensão; é esse labor todo. A extensão é esse fazer e, no fazer-se, se produz reflexões e, a partir disso, as pessoas reelaboram a sua posição enquanto sujeitos sociais. Isso é fundamental para o estabelecimento de vínculos, de percepção da vida em comunidade. E a partir daí, a pessoa se posiciona como efetivamente é, capaz de promover e ser, ela própria, muitas mudanças.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Capaz de olhar para o outro.

PROFESSORA VERA – Olhar para o outro e promovê-lo em todo o processo.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Estamos com todo esse processo da Curricularização voltado para o ensino e é muito mais que um trabalho sistemático, burocrático, operacional. Quer dizer, esse trabalho precisa ser feito, sem dúvida nenhuma, mas a legislação pode ser um impulso muito grande para darmos uma outra roupagem, um outro olhar, uma outra possibilidade para a Extensão e a sua Curricularização.

Agora, uma curiosidade. Crianças em situação de risco, em situação de rua, tem algum projeto para esse público?

PROFESSORA VERA – Hoje não temos. Direcionado para crianças em situação de rua, não temos. Até porque aqui em Campinas não percebemos esse público de uma maneira tão clara e evidente como em outros territórios. Existem outros territórios do nosso conhecimento, São Paulo, Porto Alegre, grandes capitais, em que famílias inteiras estão nas ruas, inclusive com muitas crianças. Nesses centros a vulnerabilidade realmente é assombrosa, é assustadora e extremamente impactante. Aqui em Campinas nós não percebemos esse público ainda tão elevado, porque a rede assistencial consegue agir rapidamente. Logo que a equipe de abordagem percebe uma situação de fragilidade nesse sentido, já comunica a assistência, o conselho tutelar, e eles agem rapidamente no suporte às famílias, em identificar o que tem acontecido. A gente sabe de alguns conflitos com alguns migrantes que, às vezes vão para as ruas com as crianças, mas parece se tratar de uma prática cultural deles. Para eles, isso não é uma situação de vulnerabilidade. Para eles, a mãe está cuidando, essa criança está com os pais; não poderia deixar a criança em outro lugar. É o momento, como eles chamam, de “coleta”. Esta prática, na sua cultura se entende como permitido. E para nós, não. Então instala-se aí um conflito, que eu tenho acompanhado. O Conselho da Criança e do Adolescente tem discutido muito esse ponto junto ao município. Porém, temos parceiros, no caso da Cáritas, que tem quatro abrigos na cidade. Um dos abrigos, o abrigo Santa Dulce, é um abrigo de mulheres. Essas mulheres possuem crianças. Muitas crianças nascem nos abrigos. E essas mulheres, para se envolver nas nossas oficinas, precisam ter no Núcleo de Referência de Desenvolvimento Humano Integral um espaço de ludicidade para essas crianças. Assim conseguiremos receber a mãe abrigada e o filho, obviamente. Isso já estava no radar do respon-

sável pelo programa, o Prof. Dr. Everton Silveira. O professor Everton já vem chamando a atenção para esse tópico, porque não dá para ignorá-lo.

Outra coisa que ele também chama muito a atenção é a seguinte: a pessoa não se torna da rua. Aliás, não existe morador de rua, mas *em situação de*. E ela não se torna em situação de rua da noite para o dia. Ela se realiza. Sai de casa, fica dias fora de casa; no início fica no entorno ali da comunidade; então, se ninguém percebe, se não há uma ação no entorno da comunidade, ela expande para outras regiões. É um processo de realização. Para o Programa está evidente que, como universidade, precisamos contribuir cada vez mais na identificação desses processos de realização. E conseguir resgatar, alterar essa situação enquanto a pessoa ainda não está em situação de rua. Daí a nossa presença nas comunidades ser fundamental.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Perceber quando começa esse movimento.

PROFESSORA VERA – Quando começa esse afastamento do núcleo familiar; quando que há o rompimento de vínculo.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Qual seria? Violência? Violência familiar...?

PROFESSORA VERA – Violência e tantas outras coisas. Então, quando lidamos com as questões da rua entendemos que se tratam de questões muito complexas. A rua é a consequência; é o final de um processo, muitas vezes devastador na vida da pessoa, por longa data. E nós, enquanto Universidade, precisamos ter essa compreensão, esse letramento, essa sensibilidade. Para, a partir daí, começar a trabalhar questões que possam reverter esse quadro.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Antes de finalizar, algo que comentamos no dia que assistimos a uma apresentação sua, e agora de novo, não dá para deixar de notar a sua emoção ao falar da Extensão, a sua paixão. Você falou do rio, da trajetória. Onde a Vera começou a Extensão dela, se foi como aluna na universidade, se foi na sua pesquisa. Onde é que você se sentiu tocada?

PROFESSORA VERA – Muita gratidão por essa oportunidade, porque a gente fala pouco desse início. Na verdade, começou no meu segundo ano de faculdade. Eu cursava Geografia em Presidente Prudente, na Unesp, Pontal do Paranapanema. É uma região efervescente do ponto de vista de movimentos sociais. Durante os anos 80 tivemos movimentos sociais muito fortes, especialmente, os agrários. E, no Rio Paraná (acho que é por isso que eu falo do Rio), havia a construção da usina hidrelétrica de Porto Primavera, com o rio se transformando em um grande lago, impactando muitas famílias, e eu ali, estudante de geografia, acompanhando na mídia, nos jornais, a remoção das famílias daquela área para uma nova cidade planejada, Nova Porto XV de Novembro. Eu me lembro quando cheguei em casa e falei para o meu pai, “Eu vou ver isso de perto”. E o meu pai disse, “filha, mas o que é isso? Você vai se envolver nesse negócio de movimento social?” Eu falei, “eu não, vou lá acompanhar”. E fui para Presidente Epitácio, que é uma cidade muito próxima ao distrito. Fui entendendo, fui me aproximando e, de repente, eu já estava conversando com algumas lideranças comunitárias do distrito. Acompanhei muitos caminhões de mudança de uma cidade para a outra. Por seis meses eu fiquei ali, voltava para a faculdade, levava uma bronca. Você

vai ficar de DP? Mas, eu estava envolvida com aquilo, com muitas reflexões. Como que você chega para uma pessoa que construiu a vida dela à margem de um rio, um pescador, e retira essa pessoa dali e a leva para uma cidade com asfalto, casa de alvenaria e diz que está melhorando a vida dela, sem considerar essa história, sem considerar essa geografia?

Naquele momento, a faculdade ainda não me oferecia os conceitos metodológicos, teóricos, nada disso, para eu ler aquela realidade, mas aquilo já me incomodava. Ali eu participei de reuniões com as lideranças. Decidi anotar tudo e comecei a fazer um diário. Eu anotava, eu conversava com as pessoas, até hoje eu tenho esse diário, das anotações, das pessoas que choravam, das pessoas que diziam, “eu não quero sair daqui”. De um senhor chamado Seu Osvaldo, que conhecia tão bem o Rio Paraná, que me dizia qual cardume teria no rio antes dele sair para pescar. Quando eu perguntei como ela sabia, ele me respondeu: “Filha, o peixe é como gente na água. Ele caminha. Às vezes mais para margem esquerda, às vezes mais para direita, às vezes no centro. A gente tem que entender isso. Hoje eu vou pescar tal cardume, porque sinto o movimento da água”. Como você retira essa pessoa e a leva para uma cidade?

Mais tarde eu descobri o nome disso: topocídio. Eu estava no meu mestrado e descobri que, quando você “mata” um lugar (*topos*, de *lugar*), isso se chama topocídio. E esse caderninho que eu escrevi se transformou na minha dissertação de mestrado. Porque, eu fiz o TCC discutindo climatologia, a base era estatística. Ao finalizar percebi que não tinha nada de social, faltava “gente”.

Um professor novo que chegou na UNESP já no momento da minha formação, na minha formatura, na colação, me falou: “Vera, a sua área não é essa. A sua área é em Geografia Humana. Você precisa viver dentro das comunidades, com as comunidades. Procure outra orientação. Em Rio Claro você vai encontrar, na área de Organização do Espaço”. Desta forma, cheguei em Rio Claro e procurei a Profa. Lucy Marion, que eu não conhecia. Quando cheguei à mesa dela, na primeira entrevista, falei, “professora, eu tenho esse diário”. “Sobre o que é?” Falei: “Olha, acompanhei por um ano o deslocamento de 250 famílias daqui para lá”. Ela olhou para mim e disse: “Seu mestrado está pronto. Você precisa apenas avançar e aprofundar na teoria e nos conceitos, especialmente o de topocídio. Nesse momento descobri que acompanhei um topocídio. Com um ano e meio eu estava com o mestrado pronto. Então, desde o segundo ano de faculdade eu acho que sou extensionista. É a minha formação, embora a Unesp, naquela época, não falava de Curricularização da Extensão.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Como você precisava disso, né?

PROFESSORA VERA – Precisava disso para ter sentido. E para mim, não é só Curricularização da Extensão. É extensionalização do currículo.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – É um conceito.

PROFESSORA VERA – É, na minha opinião. Extensionalização do currículo. Para além de entendermos disciplinas dentro do currículo que farão esse belo exercício. É fundamental. Eu sei que a gestão superior tem essa preocupação, porque ela nos diz com muita frequência, não queremos só operacionalização de documentos, não queremos só que seja legislativo. A todo momento, o Prof. Germano nos chama a atenção para isso. Enquanto PUC, faz parte do nosso DNA, porque temos muitos professores extensionistas.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Temos falado isto há alguns anos: prender a extensão com o ensino, com a pesquisa, prender a pesquisa com a extensão e com o ensino, prender o ensino com a extensão e a pesquisa. Bom, temos uns minutinhos ainda. Fica um espaço aberto para suas observações, análises, mensagens, o que você gostaria de falar.

PROFESSORA VERA – Acho que está aí, dizer que a Extensão se faz no conjunto. Ela se faz no conjunto e junto. Essa é uma mensagem que gostaria de deixar em alto relevo. A extensão é “conjunto e junto”. Senão não existirá sentido para as nossas ações. A Extensão sempre esteve na nossa identidade. Por isso que ela está pronta para o conjunto e junto. Para além da aproximação das Pró-Reitorias – que agora está mais clara com maior articulação. É o meu grande desejo, que a nossa extensão seja cada vez mais estendida. E, estendida ao chão.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Talvez não caiba, mas, para uma conclusão desta nossa conversa, esse, digamos assim, movimento da Extensão é um movimento de contraponto a um certo individualismo, infelizmente, ainda tão valorizado, não acha?

PROFESSORA VERA – Sim! Mas, estamos mais conscientes da importância das comunidades e que, cada vez mais, precisamos defender a humanidade.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – Como uma escolha, uma decisão...

PROFESSORA VERA – ...em prol da humanidade. Porque quando pensamos na sociedade, a nossa sociedade, ela tem as suas dissonâncias, as suas desigualdades, as suas lutas, as suas conquistas. E a sociedade é marcada pelo desenvolvimento desigual e combinado. Isso, para mim, é a grande marca da nossa sociedade. Nossa sociedade é desigual e combinada. Desigual do ponto de vista geográfico, extremamente combinado no tempo histórico.

E a cada tempo histórico produzimos novas desigualdades. Isso, para mim, resume a sociedade. Agora, do que estamos carentes hoje? Dessa nossa concepção de humanidade; que, para além de sociedade, somos humanidade. Precisamos estabelecer redes, precisamos perceber possibilidades de sermos efetivamente solidários, de estarmos juntos. Do conhecimento ser mais do que o conhecimento técnico, mas ser um conhecimento que valoriza a troca de saberes. Como não considerar o saber de uma liderança que chega no lugar carregando um balde de água à cabeça para ela e a sua família e hoje essa liderança me dizer o que aquele lugar precisa? Por que ignorar esse saber? Não faz sentido algum.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – A gente precisa do outro.

PROFESSORA VERA – A gente precisa. E reconhecer isso é o primeiro passo para a defesa da humanidade.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – E os saberes. Saber que o peixe está lá. Enquanto ciência, historicamente, nós somos muito arrogantes.

PROFESSORA VERA – Sim.

REVISTA SÉRIE ACADÊMICA – De uma maneira geral – a universidade de uma maneira geral – muito arrogantes de achar que vamos levar o saber. Então a ideia de Extensão como troca, um vai e vem de saberes, também levou muito tempo para ser consolidada. Ainda está levando, porque não temos isso muito ainda consolidado. Mas, é por isso que lutamos. Uma diferença que a gente fizer, um projeto, uma pessoa a quem você fizer a diferença, ali estamos nos humanizando e humanizando com algumas ações. Ainda que sejam moleculares, que sejam pequenas, mas é de onde vem a força.

PROFESSORA VERA – É de onde vem a força. E cada vez mais esse é o papel da Universidade. O papel da Universidade, de forma geral, é estar... Ela está, ela faz parte dessa sociedade. E fazendo parte da sociedade, dizer a ela, permanentemente, que nós precisamos ser cada vez mais humanidade. Para mim, a universidade tem esse sentido. E nesse sentido, somos muito felizes de estarmos aqui, porque essa é uma universidade que Dom João chama muito a atenção, que todos estão aqui a serviço. Assim, quando ele coloca isso, a serviço, eu fico pensando comigo, “a serviço de quê”? De ser mais humana, de contribuir para essa humanidade aflorar cada vez mais em todos os seus aspectos, em todos os seus sentidos, em todas as suas direções. Esse é o nosso processo educativo central, na minha opinião. Além da técnica, obviamente, da qualidade do nosso ensino, que nunca desconsideramos mas, a centralidade do nosso papel enquanto processo educativo na vida de todas as pessoas e nas nossas vidas é buscar mais e mais esta humanidade.

NOTA DOS EDITORES

A EXTENSÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR – PALESTRA DO PROF. DR. HÉLDER ETERNO SILVEIRA

Na tarde de 31 de janeiro de 2024, durante o Planejamento Acadêmico da PUC-Campinas, o Prof. Dr. Hélder Eterno da Silveira apresentou a palestra “A Extensão na Educação Superior”, dirigida à comunidade acadêmica. Nela, defendeu a extensão como uma verdadeira mudança de paradigma na universidade: em vez de assistência à sociedade, uma dimensão formativa que concretiza a indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão, integrada ao currículo. Amparado na Resolução CNE/CES nº 7/2018, o professor destacou a curricularização da extensão e o alargamento do conceito de “aula” para incluir experiências em contextos reais, sob acompanhamento docente e voltadas à produção de conhecimento. Nesse viés, defendeu ainda indicadores de inserção social e de empregabilidade como parâmetros de produtividade acadêmica, ressaltando que o horizonte formativo deve se orientar pela cidadania, pelo território, pela justiça social e pela diversidade.

O professor Hélder da Silveira é doutor em Educação pela Unicamp, professor titular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com trajetória em educação científica, formação docente e políticas públicas educacionais. De 2017 a 2024 exerceu o cargo de Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UFU. Presidiu o Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Instituições Públicas de Ensino Superior Brasileiras (FORPROEX) e coordenou o Colégio de Pró-reitores de Extensão da Associação Nacional de Reitores (COEX-ANDIFES). Atua como consultor do Ministério da Educação na construção da Política Nacional de Educação Superior e é membro do Conselho Superior do Programa de Educação Tutorial (PET) do MEC.

Assista na íntegra: [“A Extensão na Educação Superior”](#).

Os Editores

